

he este o sentido, em que se falla, e na verdade diria muito bem. Vãmos agora ao ponto. Não há duvida, que no Direito Canonico, principalmente no liv. 4. vem alguma cousa dos Sacramentos; mas tudo o que lá anda comparado com o que trazem os Moralistas, he tão pouco, que no sentido ordinario tomada por inteiro a materia de *Sacramentis in genere*, e *in specie*, com muita razão se diz pertencer aos Moralistas; e bem se vê nas largas materias, e questões, que só a do Matrimonio faz hum grande volume: e se ninguem foubesse mais, que os puros textos de Sacramentos, que trazem os Canones, em muita cousa se acharia novo, e pouco saberia destas materias. Talvez neste sentido responderia o ouvinte; e quando errasse, não he bem censurallo com as palavras, *naõ teve vergonha*, que este estylo he mais para rusticos, que para cortezaos.

R E F L E X A M XIV.

Da Theologia.

DEsculpa-se o Critico mór com o seu conrespondente, por ter tratado com esta resposta; e se ainda continuasse na mesma demora, escuzaria o inutil trabalho, que tomou em a escrever. O que se deve sentir he o dizer, que a não fizera mais cedo, porque padecera humas vertigens; eu o creyo, e nesta mesma Carta ainda não estava livre do achaque. Só pode servir de consolação a esperança de que sarará desta queixa, por ter acabado o trabalho desta sua grande Obra ajudado da especial noticia, que tem da Medicina, especialmente daquelle celebre remedio do oleo de nabos, de que fiz menção na Reflexão duodecima.

Com grande fogo entra nesta Critica a desfazer na Theologia especulativa, como cousa, que não he de proveito, e que começou há pouco tempo; e que vendo o mundo as heresias, que se levantavaõ, e que para as confutar era preciso recorrer aos dogmas da Religião, entãõ abriu os olhos, do tempo do Tridentino para cá, o qual diz elle, que acabou no anno de 1650. e eu que erra, porque foy no anno de 1563. Abrindõ pois o mundo os olhos, começou a deixar a Theologia especulativa, e a applicarse, como antigamente fizeraõ o Santos Padres, á dogmatica, a qual diz que ignoraõ os Portuguezes; e dá logo por regra geral, que na Theologia se não introduza a razão natural, senãõ emquanto for admittida para explicar o dogma, e menos disso não tenha tal confiança. Para estabelecer esta machina nos amofina a paciencia em contar huma historia lá do principio do mundo, e acabada ella, diz tres cousas notaveis: primeira, que os Santos Padres desviaraõ Aristoteles da Filosofia: segunda, que Bellarmino não solta bem os argumentos, que propoem nas suas Controversias

fias por parte dos Hereges: terceira, que os Judeos tem fortes argumentos para protegerem o erro, em que vivem, e que para os soltar he preciso que os Theologos suem pelo topete. Isto he o que em compendio pude tirar da Carta, ou Censura; em que se occupou tao grande talento.

Começando pela divisaõ da Theologia em Especulativa, e Dogmatica deve saber, que a Especulativa he mixta, e tem muita parte de Dogmatica; e daqui vem, que raro he o erro contra a Fe, que o naõ conheça quem for veriado na Especulativa. Ella declara, o que a fe nos ensina na materia dos Sacramentos, suas materias, e formas contra os hereges antigos, e modernos. O mesmo se ve na materia da Trindade, e Incarnaçaõ, em que se acha o que nesta parte erraraõ os Arianos, Nestorianos, e outros. Na materia da Graça auxiliante ensina ser necessaria para qualquer obra meritoria contra os Pelagianos, e Semipelagianos, como tambem estabelece os principios da liberdade, em que se descobrem os erros de Jansenio, Bayo, Queinel, e outros seus adherentes; o que tudo se corrobora, com o que se ensina na materia de Graça santificante, e merito. Explica a natureza dos Anjos, declarando o seu ser intellectual, e espiritual, e que nem saõ, nem podem ser corporeos, como muitos imaginaraõ. Na materia de *Fide, Deo uno, & Attributis*, se descobre o engano dos Gentios em admitir muitos Deozes: nos actos humanos se dá huma larga instrucçaõ para se conhecer quacs saõ bons, e maos, e quacs se podem viciar pelo seu motivo, e como se multiplica a sua malicia, ou bondade, o que tudo mostra como se deve discorrer com acerto contra os que se persuadiaõ haver peccados inevitaveis: na materia de *Beatitudine* se refutaõ os que cuidavaõ haver neste mundo verdadeira bemaventurança; quando ainda no constitutivo da natural naõ atinaraõ os Filozofos; e assim discorrendo pelas materias especulativas, se alcança serem muito graves, e dignas de se saberem as suas questoes.

Succederá a quem naõ tem estudado esta faculdade naõ saber dar a razã de inumeraveis perguntas, que lhe podem fazer em cousas pertencentes á nossa Religiaõ. Sirvaõ de exemplo estas: Se o Verbo divino he Filho, porque o naõ he o Espírito Santo; sendo que a ambas estas divinas Pessõas se communicam a mesma natureza; e porque sendo todas iguais, o Pay mandou ao Filho: o mundo: *Misit Deus Filium suum*; e mandou ao Espírito Santo em nome do Filho: *Quem mittet Pater in nomine meo*: e como se entende estar o Pay no Filho, e o Filho no Pay, sendo Pessõas realmente distinctas: *Pater in me est, & ego in Patre*. Que querem dizer aquellas palavras: *Spiritus ubi vult spirat*: e estas: *Quaretis me, & in peccato vestro moriemini*, sendo que Deos quer que todos os peccadores se salvem: *Nolo mortem peccatoris, sed ut magis convertatur, & vivat*. Que quiz significar S. Pedro quando disse: *Ut efficiamini conjortes divina natura*. Se a vontade de Deos he omnipotente, como pec-

caõ os homens, naõ obstante que Deos quer que naõ pequem. Se Christo he impeccavel, e teve preceito do Eterno Pay para morrer pelos homens, como morreo livremente porque quiz: *Oblatus est, quia ipse voluit.* Se Deos he acto purissimo, e conhece, e quer por actos indistinctos, e que saõ o mesmo Deos, como póde ter actos de vontade livres, e de sciencia contingentes; isto he, que assim como quiz que nascesse Pedro, podia querer, que naõ nascesse; e assim como sabe que Pedro morreo hontem, podia saber, que naõ morrera, se lhe dilataffe a vida para hoje, e isto tudo concordado com a immutabilidade divina: *Ego Dominus, & non mutor.* Pois a estas, e a muitas mais poderãõ dar alguma reiposta os que estudaõ Theologia especulativa, e nenhuma darãõ os que a ignoraõ.

Louva-se a Filosofia experimental pelo trabalho com que pretende alcançar alguns segredos naturaes, e ha de condenarse, que os Theologos pertendaõ entender cousas mais graves, e responder a perguntas muito mais sublimes? He boa occupaçaõ especular a virtude do magnete, os lugares em que naõ aponta bem para o Norte, e inventar instrumentos para saber quantos grãos declina; subir, e descer montes para averiguar sepeza o ar; entender a causa porque a agua sobe na bomba; correr o mundo para ver se o globo terraqueo he esterico, ou ovado, e semelhantes curiosidades; e porque naõ ha de ser occupaçaõ digna de hum bom discursõ especular questõens, que se vem para melhor intelligencia das que pertencem á nossa Fé? He boa cegueira, querer que se fizerem a hum Theologo as sobreditas perguntas, haja de dar a resposta, que daria hum rustico, que só trata de lavrar o seu campo!

De tudo o que fica dito se ve o erro, em que tropeça o Senhor Critico, querendo dizernos, que a Theologia especulativa he moderna, sendo taõ antigua a dogmatica pura. Chamo-lhe dogmatica pura, porque esta só tem por objecto defender os dogmas, sòtando os argumentos, de que se valem os hereges, distinguindo os Concilios legitimos dos que o naõ saõ, explicando o sentido em que fallaraõ as Escrituras: a esta pertence dar razaõ das tradiçoens Apostolicas recebidas como taes pela Igreja, e uzando das definiçoens Pontificas; porque em todas estas coulas se achãõ as armas, com que nos defendemos dos herejes, e mostramos os erros, que inventaraõ contra a Fé; e parte esta Theologia he que serve a historia Ecclesiastica, que a Civil de pouco lhe serve. Para este estudo naõ faltaõ Authores, que trataõ perfeitamente Controversias, imitando os Santos Padres antigos, ainda que estes naõ trazem todos os erros confutados, mas os que tomaraõ por assumto particular, como Santo Agostinho contra Pelagianos, e Semipelagianos, S. Jeronimo contra Vigilancio, S. Ildelfonso contra Helvidio, os Santos Irmaõs Leandro, e Isidoro contra os Arianos, que occuparaõ Hespanha. Dos controversistas modernos Becano, e

o Padre Fontana contra Quencl, e por final que se não vale pouco da Theologia especulativa; e sobre tudo o doutissimo Cardeal Bellarmino.

Nem se deve fazer caso de dizer o Critico, que este Author expõem fortes argumentos, mas que lhe não dá cabal soluçãõ; porque como os herejes se não costumãõ dar por convencidos, dirãõ essa patranha em abono dos seus vaõs fundamentos que são os argumentos, que contra si propõem, e solta eruditamente. Tal vez que o Critico leste o que diz em algum livrinho dos que são feridos de heresia, e sem advertir, usou d'elle para dizer mal (*ut suus est mos*) de Bellarmino. E se queria provar o leudo, devia apontar, qual era o argumento, que este Fmimentissimo não solta bem; o mais he fallar no ar. O certo he, que o seu livro deu tanto cuidado em Inglaterra, que já era commum perguntar a quem viaõ pensativo, se cuidava alguma cousa contra Bellarmino.

Tornando ao ponto da Theologia especulativa; ella começou no principio da Igreja assim como a dogmatica; esta vay crescendo ao mesmo passo, que se levantaõ novos erros, que confutar; aquella se augmentou, tanto por confirmar com razãõ a solida doutrina da Igreja, como por tratar com muita curiosidade, e pezo de bom discurso muitas questoes especulativas. A dogmatica para se defender de qualquer erro velho, ou novo, sempre tem promptas as armas nas definiçoes da Escritura sagrada, da Igreja, e Tradiçãõ Apostolica, das quaes se valem os Santos Padres, e valeraõ os Theologos nos Concilios Florentino, Tridentino, e outros, e os estudiosos modernos de todos estes monumentos tiraraõ, e ajuntaraõ o que poderaõ em hum só corpo dividido em varias. O mesmo fizeraõ os Especulativos separando com grande estudo o que pertence a cada materia, tirando muita parte do que acharaõ disperso nos Santos Padres, e muita no que liaõ nos antigos, e amplificando tudo com metodo escolastico.

He pasmo ler a segurança com que este Critico assevera, que ha pouco tempo começaraõ a apparecer as que chama futelezas, e galantarias da Escola, como se fossẽ couzas despreziveis: e muitas vezes repete por exemplo de novidade a questãõ do *Principio quo in Divinis*. Mas he porque não sabe, que esta mesma questãõ em termos se tratou no Concilio Florentino, onde o Theologo Latino defendeo consistir no relativo, e o Grego no absoluto, dizendo: *Principium autem quo est illud, quod communicabile est*. Bem especulativa he a questãõ da Sciencia de Deos á cerca dos futuros contingentes condicionados, da qual falla Santo Agostinho, S. Anselmo, e outros SS. PP. como bem prova Molina *in Concordia*: e quem lê com cuidado os Authores Theologicos a cada passo encontra allegados os SS. PP. Verdade he, que elles não trataraõ as materias *ex professo*, e suppunhaõ muitas cousas, que de passo tocavaõ: os AA. modernos trabalharaõ em ir ajuntando o que acharaõ nelles, e adiantando varias ques-

toens para darem completa noticia de tudo o que podia pertencer a estas materias.

Entre todos com razãõ he celebrado S. Thomaz , mostrando , que o Systema Aristotelico se ajusta melhor com os dogmas da Religiaõ , que naõ he pequeno louvor deste Principe dos Filozofos , e fundado o Santo nestes melmos principios naturaes , escreveu contra Gentes. Antes do Doutor Angelico se viaõ já muitas materias Theologicas coordinadas por Philippe Veloboacense , Thomaz Anglico , Alexandre de Ales , e Mestre das sentenças , ainda que naõ com tanta clareza , e digestãõ como as poz o Santo , e Bicoito , que foraõ douz luzidissimos engenhos , e sempre applaudidos entre os doutos , que os que naõ o sãõ , tem liberdade para dizerem o que quizerem.

Demos porẽm de barato , que a Theologia especulativa começasse ha poucos seculos. Se o mundo abriu os olhos ha menos tempo ; como Sua merce diz , para a Filosofia experimental , e para muitas outras cousas de menos entidade , porque os ha de ter tapados , para naõ olhar para as especulaçoens da Theologia ! He querer hum Santo para si , e outro para os mais.

He bem , que ao menos de passõ advirtamos em huma proposiçaõ do Critico. Diz que os Santos Padres desviaraõ a Aristoteles da Theologia. Supponho ser certa a noticia ; mas de que Theologia o mandariaõ desviar ? Naõ he crível , que o mandassem desviar da dogmatica , porque della andava elle bem longe por Gentio , e naõ ter luz alguma da nossa santa Fé ; assim como seria cousa de riso , se alguem mandasse desviar os rusticos das resoluçoens demonstrativas dos Mathematicos. Fica logo correndo de plano , que o mandaraõ afastar da especulativa , o que bem concorda com o que diz em outra parte , que hum Author julgara , que S. Thomaz peccou , porque na sua Theologia seguiu Aristoteles. Mas daqui se infere com toda a evidencia , que já no tempo dos Santos Padres se tratava da Theologia especulativa , porque naõ queriaõ que Aristoteles entrasse nella. Tirelhe lá a prova.

Quanto á sua Ley , em que ordena , que na Theologia se naõ introduza a razãõ natural , salvo se for necessaria para explicar os dogmas , naõ estamos por ella , por ser feita sem legitima authoridade , e tambem ser contra a mesma razãõ. Com que justiça sãõ obrigados os Theologos a trazerem sempre prezo o seu entendimento , para naõ discorrerem em cousas , que naõ sãõ de Fé ? Sem duvida que naõ he de Fé se o habito da charidade he distincto da graça santificante ; se nesta vida mortal teve algum Santo visãõ beatifica ; se o motivo adequado da Incarnaçaõ foy somente a redempçaõ do peccado , e outras semelhantes. Pois que razãõ ha , para que o Theologo , supostas as verdades da graça , visãõ beata , e Incarnaçaõ , naõ possa discorrer naquellas questõens ? Sãõ melhores as es-

pe-

peculaçoens da bomba, pezo do ar, e a sua elasticidade? He melhor estudar por Origenes, como nos encomenda, cheyo de heresias, e ver os Authores hereticos, para tomar delles o methodo? Aqui he, que se póde beber o veneno.

Tambem pertende meter medo aos Theologos, com dizer, que os Judeos allegaõ fortissimos argumentos para protegerem a sua perfidia; e que não basta saber o texto das hebdomadas de Daniel para os convencer. Até agora ninguem lhe disse, que os Theologos julgavaõ bastar aquelle lugar da Escritura para convencer os Judeos. Todo o Testamento velho declara os passos da vida, e morte do Messias, tão claros, que só a perfidia muito propria daquella nação os pode negar; nem para isso he necessario recorrer ao Talmud, bastaõ os muitos livros que se escreveraõ doutissimos Theologos, e entre elles não deve ter lugar inferior o Padre Pinamonte. Mas tambem accrescento, que o texto das hebdomas he irrefragavel para quem quizer advertir, que os mais sabios Rabinos do principio da Igreja todos por ellas lançaraõ as contas á vinda do Messias, e se não concordaraõ com as dos Christaõs, nenhum delles estendeo as taes hebdomadas até o nosso tempo, e a deraõ muito a traz. Daqui se segue, que se erraraõ aquelles, sendo mais sabios, muito mais se enganaõ os Judeos deste tempo influidos nos seus tratos, e contratos.

Finalmente depois de esfogado (palavra sua) o furor contra os Theologos, talvez por escrúpulo, que lhe sobreyo, ou porque se achou com melhora das vertigens, lá para o fim da sua Critica, se vay desdizendo pouco a pouco, como se mostra da sua pag. 184. *et seqq.* onde já vay admittindo Escolas Media, e Thomistica &c. e já dá licença que se dictem materias especulativas, o que muito lhe agradecemos. Boa he a restituição, e mais vale tarde, que nunca.

R E F L E X A M XV.

Da instrucção para Confessores, e mulheres.

DEpois de fazer na ultima Carta hum compendio de todas as passadas, para que as suas celebres ideas nos ficassem mais fixas na memoria, finalmente com toda a charidade dá hum par de conselhos aos Confessores, encommendandolhes muito, que não estudem Moral por Casuistas, porque estes não daõ razaõ do seu dito: supponho, que nunca os leo, e quer que estudem pela sua Ethica; para isso bom he, que a dê ao prelo, que tará hum bom gasto. Em quanto porém se não imprime, tratem os Moralistas em se instruir bem no Moral, para o que tem bons livros, huns que trataõ magistralmente as materias, outros que compozerãõ excellentes Summas; e não se deixem enganar destas Ideas novas, porque se se meterem com ellas, nada saberaõ.

Quan-

Quanto aos axiomas que dá ás mulheres para se governarem bem, não me meto nisso, porque sempre ouvi dizer, que não era prudencia intrometerse a governar casas alheyas; e ellas se querem, bem o farão, porque nunca ouvi, que houvesse tolo para a sua conveniencia; e se ellas não querem acudir ao governo das suas casas, nada valerão os seus conselhos. Diz que tem grande capacidade para comprehenderem as sciencias, porque as suas almas são da mesma especie, que as nossas. E quem pode duvidar da sua grande capacidade, e engenho? O serem da mesma especie, para mim he certo; mas não faltará alguma Filosofia moderna, que lhe dê na cabeça pollo em duvida. Florecerão muitas doutissimas, e basta por todas S. Catharina de Alexandria, e na mystica S. Tereza de Jesus. Ainda digo mais, que tambem são capazes de governar exercitos, como foy em França a Donzella de Orleans, e deu bem que fazer aos Inglezes: poucos annos ha, que andou humna na India militando em trages de homem. A antiguidade muito celebrou as Amazonas guerreiras, e a sua Commandante Pen-thifilea.

Como porém se devem occupar em bordar, e outras obras manuaes, e sobre tudo em governar suas casas, e na educação de seus filhos, pouco tempo lhes pode ficar livre para estudos, salvo se forem Senhoras da primeira esfera: mas quem se ha de atrever a lhes dar leys? Eu não tenho tanta confiança como o Critico mór, só lhe lembrara, que ensinassem seus filhos a serem devotos dos Santos do seu nome, e os tomassem por seus advogados, e exemplares, pelos quaes regulassem as acçoens da sua vida. A recommendação, que lhe dá de saberem dançar minuets, seja boa, ou má, não decido; porém a razão, que para isso aponta, não presta, que diz ser para não andarem corcovadas. Outras cousas ha, que melhor podem endireitar as costas; mas quizera saber, se as antigas, quando não haviaõ minuets, eraõ corcovadas, porque isso saberá Sua mercê dizer, como tão verificado na historia antiga.

Aqui tem Vossa Charidade o que me occoreo sobre as novas Idéas; muito mais podia dizer, se me lembrasse o muito que lá se diz; porém esqueceo-me, porque tenho fraca memoria. Deos guarde a V. Charidade, e o livre de semelhantes Idéas &c.

F I M.

RESPOSTA AS REFLEXOENS,

Que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capu-
cho fez ao Livro intitulado :

Verdadeiro metodo de estudar.

Escrita por outro Religioso da dita Provincia para de-
zagravo da mesma Religiam, e da Nasam.



V A L E N S A

NA OFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANO MDCCLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, &c.



RESPOSTA

AS REFLEXOENS

Que o R. P. M. Fr. ARSENIO da PIEDADE
Capucho fez ao Livro intitulado :

Verdadeiro metodo de estudar.

M. R. P. Frey ARSENIO, irmam, e discipulo muito amado em Jezu-
Cristo. Escrevo esta carta por zelo da gloria da nosa Religiam,
e da Nasam, que vejo injuriadas com esta Apologia, que ten-
des publicado contra o *Novo Metodo*. Estam pasmados os nosos Religio-
zos, que sendo vós um Religiozo tam moderado, e prudente, caiseis nes-
ta simplicidade, e imprudencia: nam lhe chamo malevolencia, porque sei,
que pecastes por ignorancia. Mas sabeí, que aquilo que escrevestes com
zelo imprudente, na boca de outro seria a maior malevolencia do mun-
do. Os dias pasados estando nos na cela do P.*** com os PP.*** se exa-
minou atentamente esta vosa Apologia, e me pediram, que por credito
da Serafica, e da verdade vos dilise o que julgam os omens doutos, e vos
desperta-se dese Letargo, em que repouzais.

Quem vos meteo, Fr. Arsenio, a falar em materias, que nam en-
tendeis? em materias, que cadauma delas podia ocupar um grande omem
toda a sua vida? materias, que pediam outra capacidade, outra doutrina,
outro criterio, outra eloquencia, e elegancia, que vós nam tendes? Sim,
Fr. Arsenio, capacitaivos de que nos tendes envergonhado, que toda a no-
sa Religiam está escandalizada, e ainda toda a Nasam picada deste voso
arrojo. Faltava ca gente, que escrevese nesta materia? nam havia aqui tan-
tos Religiozos capazes de dizerem o seo parecer? nam ouvistes vos dizer,
que um omem douto secular estava respondendo a parte desta obra? E que

doutrina tendes vós para fahir a campo contra um omem de semelhante erudifam? e que dirá o Autor, se lhe chegar à noticia, que respondestes desta maneira? Será pofivel que tenhais o atrevimento de dizer, que eftudastes todas as materias, que o Critico trata? ou a vaidade de afirmar, que as sabeis, nam digo eu com fundamento, mas ao menos superficialmente? E se nunca as eftudastés, nem fohastes estudalas, com que cara vos atreveis a falar nelas? com que confiança abriz boca em materias, que nunca vistes? que omem prudente poderá aprovar esta loucura.

Mas eu vos quero dar de barato que difeseis verdade: quem vos manda apartar bulhas, que vos nam pertencem; e apartalas deforte, que ficais pior doque os duelantes? Alem difo, onde aprendestes este modo de criticar? Vós chamais-lhe fatirico, e a cada pafo lhe fazeis uma fatira. Toda a vofa critica é uma invetiva continuada, e a mais injurioza, que eu ainda vi. Mil vezes lhe chamais ignorante, presumido, tolo, atrevido, e coizas semelhantes, que eftavam melhor na boca de um Lacaios, que de um Religiozo. Se o omem é fatirico, para que o dezenquietais? Nam sabeis vós, que eftes negregados estrangeiros, quando se vem provocados, fãm terriveis? E se o Barbadinho, vendo que todo o trabalho, que tem feito em obzequio dos Portuguezes, nam fo é malogrado, mas fatirizado; e que em vez de galardam, nam acha senam vituperios; fizer algum dezatino; tendes vós forfás bastantes para o reprimir? se o omem efcrever contra vós pefualmente, e vos descobrir a toda a Europa; achais-vos com poder bastante para lhe tapar a boca a elle, e aos feos amigos, e fautores? creio que nam: pois devieis ter previfto ifto muito antes.

Eu ouvi dizer, que este *Metodo* ja se achava traduzido em Italiano, e que brevemente se traduzia em Francez: e que achàra grande aceitaçam nos omens doutos daquellas Naçoens, e nas fuas Univerfidades, porque abraçavam os mefmos principios, e opinioens: E quereis vós agora que os Barbadinhos traduzam as vofas Reflexoens nas ditas Linguas, ou na Latina; e as distribuam pelos Jornaliftas da Europa, e vos façam ridiculo, e a todos os vofos fequazes em todo o mundo literario? Poes ifto facilmente vos pode fuceder. Ca achareis algum protetor, mas fora daqui todos vos farãm justifa: e a vofa infuficiencia, que ate aqui estava oculta nos claftros da nofa Religiam, se fará patente a toda a Europa com difcredito da nofa Religiam, e da Naçam.

Quando eu estava em Italia, onde me demorei algum tempo, quando fui comprir o meu voto a Jerufalem, fucedeo um cazo semelhante. O P. Cordara Jezuita compoz em Florenfa varias fatiras Latinas anonimas com eftilo tam culto, que parecia do feculo de Augufto. Mas fatirizando nelas com mais liberdade alguns omens doutos; eftes faíram com a famoza fatira *Menippea*, e lhe fizeram tais comentarios, que puzeram à vifta todos os poures das Provincias da Companhia em Italia. E a tempeftade crefceo
de

de lorte; que foi necessario, que o Papa proibisse ambas as satiras de *Cordara*, e *Menippea*. E me disse um douto Jezuita meo amigo, que como em todas as Religioens, por altissima promissam de Deos, avia bom, e mau, nam deixou com esta satira de padecer muito o credito da Companhia. E se uma Religiam tam esclarecida como esta padeceo algum eclipse com a dita satira; que sera se o Critico toma a pena, e comela a referir todos os podres meus, vosos, e de toda a nosa Religiam? que creio o pode fazer Limpamente, porque se mostra bem informado.

Lembre-me a este intento, que o P. Jeronimo de Castilho, que morreu em S. Roque no anno 1730. e tinha estudado Teologia em Italia, sendo acuzado perante o seo Geral, de ter em um sermam de S. Quiteria feito uma tremenda satira contra um Superior da Companhia; o P. Castilho para se defender traduzio o sermam em Latim, Francez, e Italiano, e juntamente com o original os mandou a Roma. O P. Geral, que entam era o discretissimo Miguel Angelo Tamburini, examinando o sermam, e descuberta a malignidade dos invejosos, deposes de os reprehender vivamente, acrescentou estas palavras: *Utinam omnes sic predicassent!* O cazo e publico entre os Jezuitas.

Tenhamos na memoria o dano, que cauzou a onra da Nasam o livro, que imprimio em Inglaterra o Marechal de Schomberg: quando descontente do pouco premio, que tiveram os seus servicos em Portugal, se foi para Inglaterra, acabadas as guerras da Aclamam: pois por cauza do tal livro as ultimas istorias impresas nos Reinos Estrangeiros atribuem ao tal Schomberg o restablecimento da Coroa Portugueza: *Actum de Lusitanis videbatur, nisi ipsis Schombargius contigisset, qui fortitudine, & prudentia sua rem restituit.* (1) Passando eu por Genova encontrei um Cavaleiro Flamengo de Gante omem doutissimo, o qual desfazendo na Nasam Portugueza disse, que despoes do reinado de D. Joam III. nam tinhamos feito nada de bom, nem tido omens, que prestassem para nada. Respondi eu, que nam era assim; pois nas guerras da Aclamam tinha avido grandes Generais, e entre eles D. Joam da Silva, que foi pedido por Luiz XIV. para general da sua Cavalaria. A isto deo o Flamengo uma grande rizada: *Como, disse, se o Marechal de Schomberg, quando chegou a Portugal, pedindo aos vosos Generais as plantas militares dos confins do Reino, nem menos estes entenderam o que pedia? Como podem saber os Portuguezes a arte militar, se ignoram os primeiros principios dela, como evidentemente prova o mesmo Schomberg no livro que imprimio das campanhas de Portugal?*

Foi ingrato certamente Schomberg as finezas, que os nosos lhe fizeram. Mas algumas particulares injurias o escandalizaram de forte, que publicou em outras partes os podres da Nasam. E assim nam e prudencia responder com mordacidade a animos irritados: porque veado-se ofendidos

(1) *Append. Ration. Petavii cap. 3.*

da malevolencia, e inveja de quatro particulares malignos, podem dar em algum extremo, que produza muito maos efeitos. E por isto vos digo, que era muito mais acertado, nam vos meter em um doelo, onde nam ereis chamado, e de que nam podeis sair bem, e que pode ter para vós funestas consequencias. Nam julgueis que vos digo isto por mal: mas cortame o coraam ouvir o que dizem os imparciaes destas vossas Reflexoens: e que tendo vos tam bom conceito de moderado, e entendido, o perdais, sendo oje a fabula da Nasam. Vos nam aprendestes ainda o modo de fazer boa figura quem tem pouca erudiam. Devieis nas conversaoens estar calado, e com sezudeza magistral: abanar de quando em quando a cabeça: um rizozinho seco nas ocazioens: nunca sair do prologo dos livros: e elogiar muito aqueles, que vos podem exaltar. Mas pegar na pena, de nenhum modo: porque a pena mostra quanto vale o omem.

Emfim a pedrada está atirada. O que daqui se seguirá nam sei eu. No em tanto para vos mostrar a vosa semrazam, farei algumas Reflexoens sobre as vossas Apologeticas: e repetirei algumas couzas mais necessarias, que se disseram na dita conversam. O que tudo deveis aceitar como conselho de quem foi voso Mestre, e como sinceridade de um bom amigo, e confrade.

R E F L E X A M I.

Da qualidade do Autor.

ENtrais vós com grande curiozidade a examinar se o Author é *Barbadinho*, Que importa isto para o merecimento da obra? seja Turco, ou Persiano, respondei vós aos argumentos, que tudo o mais é perder tempo, e enganar o mundo, dizendo que dezagravais a Nasam. Pareceis-me com o P. San Felice Jezuita Napolitano, que ainda vive, o qual querendo confutar a litoria do famoso *Pedro Gianone*, plantou estas duas propozicoens, 1. *Gianone é spurio*: 2. *Gianone é concubinario*: e dilatouse muito em provalas. E ainda agora os Literatos Italianos se estão rindo da puerilidade do Autor, e o livro teve tal gasto, que foi necessario mandalo ás tendas para embrulhar adubos.

Mas o que tem mais grasa é a primeira prova, que dais: *As cartas contem noticias modernas; e ai nam á memoria de doutor Barbadinho Italiano; logo nam é barbadinho*. O Barbadinho pode replicar: Nas vossas Reflexoens contem-se noticias de Franca, de Roma &c. La nam á memoria de Fr. Arsenio: Logo nam á Fr. Arsenio no mundo. E notai de caminho que é falso que o Barbadinho diga que foi Doutor, ou que esteve em Coimbra: e assim o que dizeis, nam só é ridiculo, mas caluniozo.

Dizeis que é *mascarado*, e quereis tirarlhe a mascara, linnam Arsenio,

nio, isto é contra a caridade: se vós iupeiçais, ou com razam, ou sem ela, como eu entendo, que o autor se cobrio, onde vos ensinam os mandamentos, que se pode descobrir sem injuria? se vós tiveseis tratado mais Religiozos, e lido mais Livros Estrangeiros, verieis que em Italia os mesmos Capuchinhos criticam com Largueza. Desorte que eu nam vejo alli couza alguma indigna de um Barbadinho, muito mais considerando que sam cartas familiares.

Chamais sátira à dedicatoria. Ah tal cegueira! A dedicatoria é um dos maiores, e mais bem feitos elogios, que eu tenho lido. Vós asentastes que era ironia, sem mais fundamento, que parecervos, que o omen se retratava. Aquilo é uma figura de Retorica muito praticada nos elogios. Alem disso a dedicatoria é de um, e as cartas de outro. Os Religiozos Jezuitas nam se queixam, e com que razam vos queixais vós, e dizeis improperios ao Autor? Se o Autor se explica na primeira carta, e em toda a parte fala dos Jezuitas com respeito, porque nam vos serviz da explicação do Critico?

Em toda a obra se louvam os Jezuitas: reprovase somente o seu metodo. Isto nam é chamarlhe nomes injuriosos: de outra sorte todo o mundo Literario seria satirico. Temos por ventura alguma propozição condemnada de Jansenio, para nam dizer mal do metodo de uma Provincia da Companhia? Isto dizem em Roma todos, e com tal Largueza, que nam se consentiria aqui em Portugal. Dominicanos modernos, Padres das Escolas Pias; Padres Somascos, de S. Francisco de Paola, Benedictinos, Celestinos, e os nossos Observantes ouvi eu em Roma nas suas orações *de sapientia*, dizerem raios dos estudos da Companhia, e conserveo ainda algumas impressas, que se for necesario, publicarei: e contudo ninguem lhes chamou satiricos.

Quando o P. Concina Dominicano, que assiste em Roma, escreveu contra os Moralistas da Companhia, nomeando muitissimos, e mostrando os danos, que naceo do seu Probabilismo; ou quando averá trez anos o mesmo P. confutou o livro do P. Benzi Jesuita, que defendia, *que se podia tocar os peitos das mulheres sem peccado, seposito periculo*: que resultou daqui? foi castigado como satirico pelo Papa? nam senhor: antes foi muito lovado, e o livro do P. Benzi prohibido tambem com rigorosas penas, que nenhum se atrevese a defender em escrito o livro de P. Benzi; e um, que o quiz defender, foi castigado.

Alem disso, esta mesma liberdade tomam os PP. da Companhia. O P. Contzen, que o Critico cita, diz raios contra os Advogados, e Jurisperitos &c. O P. Marianna Jesuita Espanhol diz coizas terriveis dos Espanhoes do seu tempo. O P. Alberto de Albertis reprova todos os Retoricos, e quer reformar todo o mundo Retorico: e muitos outros Jezuitas, que podia citar. A isto chamais vós Critica; e ao que o Barbadinho diz, sátira? verdadeiramente entendeis bem o ponto.

Daqui faie a resposta ao que o Barbadinho diz de Escoto, Soares, &c. Irmam Arsenio, uma coiza é *satira*, e outra *critica*. A *satira* vai dirigida aos costumes, e ridiculiza os omens respectivamente aos seus vicios do corpo, e do animo. Assim o entendem todos os que sabem que coiza é *satira*: e especialmente os Jezuitas, que sabem mais que vós. *Satyra est poema jocosum, liberum, aculeatum, ad reprehendendos, corrigendosque mores corruptos*: assim a define com os bons poetas o P. Jouvency Jezuita: e acrescenta, que *debet exagitare inertes, parasitos, deformes, loquaces, ingratos, ambiciosos, prodigos, avaros, &c.* Isto é *satira*. A *critica* pelo contrario nam toca nas pessoas, mas nas afoens do entendimento, mostrando o bom, e condenando o mau, para que o evitemos. E isto praticam oje os omens doutos em toda a parte culta, qual mais, e qual menos, conforme a eficacia de cadaum. Isto é *critica*.

O Critico em nenhuma parte toca nos costumes, mas na doutrina, e metodo, que eie é o seu argumento: (e ainda o que diz na *Etica* é para provar a necessidade dela,) e nam podia provar os defeitos sem citar os melhores Autores, porque eses sam os textos. A palavra mais alterada que lhe acho é, *ridicularia, ignorancia, parvoice, &c.* falando de obras publicas. Alem diso, unde vistes que o ensinar aos omens o bom metodo em tudo se chame *satira*? Somente vós, e outros semelhantes lhe chamam assim.

Satira é o que vos fazeis a cada passo, fazendo do argumento Literario para satirizar os costumes, e a pessoa. Dizeis que *ouzadamente satiriza*: que o maldito do livro *redunda em discreditto do seu Autor*: que nam quereis tanta *soberba* nos nosos conventos. (1) que dá admirasam ver a *audacia, a vaidade*: que *critica com fatuidade*: que nam é firme na fê, (2) que é *invejo, arrojado, descortez, soberbo, vaidoso, e desprezante*. (3) que *satiriza toda uma Nasam*. (4) que diz mil *disparates juntos*. (5) que o omem é *insigne em baixarias, e que fala com desaforo*. (6) que fez uma *satira bem descomedida*. (7) que as suas cartas dizem *parvoices em toda a materia*: que o seu assunto consiste em *dizer mal*: que o Critico, sem ser letrado, *censura tudo*. (8) que *desejais que tenha mais virtudes, unildade, caridade, modestia no falar*: que nam tenha *soberba, inveja, jatancia, vaidade, desprezo do proximo*, (9) que diz mal de S. Thomaz, Escoto, Camoens, Vieira, &c. (10) que *comeza uma satira com extraordinaria ouzadia*: que tem *vaidade, e mal fundada prezunsam, e parece mentecapto*, (11) e outras coizas semelhantes, que se acham nas vofas Reflexoens. E vós sois o que nos pregais *misam*? ora ide vestir outra sobrepeliz.

Direis vós que aquilo sam *bagatelas*, de que ninguem se deve escandalizar. *Bagatelas*? isto é uma *satira* das mais descortezes, que eu tenho lido.

(1) Pag. 2. das Reflexoens Apolog.

(2) Pag. 3. (3) pag. 5. (4) pag. 9.

(3) Pag. 10. (16) pag. 14. (7) p. 21.

(8) Pag. 37. (9) pag. 38. (10) Pag.

40. (11) pag. 42.

do. Senam vede. Suponhamos que o Barbadinho para se vingar fingia um omem imaginario mui direito, mui empanturrado, sem faudar ninguem, asoprando sempre, cheio de almiscar, todo metido a bazofia, e palaciano para ter estimasam, dando rizadinhas sardonicas, afetando superioridade de doutrina, sem saber mais que quatro postilas bem surradas, sem ter fidelidade a ninguem, cheio de uma ambisam desmarcada: e disse que este retrato era *vera effigies* vosa. Dixeis que era grande injuria: e com razam, porque vós nam tendes nenhum destes defeitos. Comtudo cadaum deles nam é cousa grande; e em um secular Englez, ou Olandez nam estaria tam mal: mas postos juntos em um Religiozo, mostram que nam tem carater de Religiozo. Da mesma sorte as couzas, que dizeis, aindaque sejam leves, applicadas a um Religiozo sam de grande dezonra.

Verdadeiro carater de Fr. Arsenio.

Se andastes no pateo de S. Antam, porque nam aprendestes daqueles doutos, e pios Religiozos, aquela maxima, que ensinam aos seus estudantes, de nunca argumentar com palavradas, nem ofender ninguem com a exprefam? Porque nam aprendestes de Soares Granatense, que tanto louvais, a modestia, com que impugna os seus adversarios? Porque nam imitastes a cortezia do doutissimo P. Daniel Jezuita, quando disputava com o seu famozo Antagonista Natal Alexandre. O certo é que vós daquela exemplarissima Comunidade nam aprendestes nada bom.

Nam á mais ridicula ilasam, que aquela vosa: *Critica a doutrina de S. Thomaz; Logo critica a innocencia*. Irmam Arsenio, estudai um bocadinho mais de Logica, que tendes necessidade diso; e adverti, que ninguem deve ser condenado por consequencias sem conexam: e nem menos pelas que tem conexam, se ele constantemente as nega. Isto é o que ensina a Logica moderna, e isto é o que vós nam sabeis, porque nam a lestes.

Queixai-vos que o Barbadinho diga, que seria justo se cessassem alguns privilegios, que se tem concedido ás Religioens, porque de alguns tem cessado os motivos. Nisto nam diz o Barbadinho mais, que o que esta fazendo Roma todos os dias: que por conhecer que nam existem ja os motivos, porque se introduziram varias Religioens, as tem aniquilado, ou secularizado; e nam uma, ou duas; mas muitas mais, e alguma delas em Portugal, cujas rendas pasáram para os Jezuitas. E se vós perguntares a estes PP. se foi bem feito, diram que sim. E assim nam tendes que replicar. Alem diso todos os dias se estam secularizando Conventos, e Religioens, e preterentemente algumas Abadias em Franfa por graves motivos, que eu sei. Outras reformamse, e se lhes diminuem as muitas liberdades, que tinham usurpado contra a jurisdicam Ecclesiastica, e que ja tinha em virtude de uma *centenaria*, ou *inmemorial* (se é que entendeis estes termos) prescrito contra a lei. E o mesmo se podia fazer a outras muitas, que eu sei. E nam era isto usurpasam? E como todos os privilegios dos Regulares sejam *vulnerativos do Direito*, neste sentido se podem chamar usurpasam.

Demais temos o exemplo bem fresco nas Indias. Tinham alguns Missionarios na China, e Malavar com estranha Dialectica unido os ricos Idolatricos com os Catholicos: cuja temeridade desde o anno 1645. tinha Innocencio X. reprimido com excomunham. Depois de infinitas contendas, e proibiçoens de varios Papas, Benedito XIV. confirmando o Breve *Ex illa die* de Clemente XI. e anulando as permissoens violentamente extraídas a Monseñor Mezzabarba, declara dogmaticamente com o Breve *Ex quo singulari*, que as taes permissoens na China nunca foram aprovadas peia Sé Apostolica, e que o rito era supersticiozo. E o mesmo Papa com o Breve *Omnium sollicitudinum* declara, que sam supersticiozos os ritos do Malavar: e intima aos Missionarios, que se dentro em cinco annos nam provarem autenticamente em Roma a lua obediencia; e dentro em dez nam fizerem todas as diligencias para a execuçam; que logo sem nova ordem se retirem; que lhes tira os privilegios de Missionarios; e que mandará outros Missionarios mais obedientes à Sé Apostolica. Suponhamos agora (o que Deos nam permita) que isto succede: nam se verifica aqui, que se podem cercear os privilegios concedidos a algumas Religioens, por motivos que ja cesáram, que era a obediencia jurada à Se Apostolica em materia de Missões? Quem poderá negalo, vendo o que diz a Cabeça da Igreja? Ora aqui tendes vós, que o vobro argumento nam vale nada, e se pode voltar contra a vossa opiniam.

Mas perguntárvos eu, como encaixastes aqui Alexandre, Sertorio, Viriato? foram por ventura Nero, Domiciano, Diocleciano, que perseguiram os Cristãos, para que vós os destruais com o braço direito da Igreja? Irmam Arsenio, outro officio. Vós nam sabeis criticar; sabeis sem mostrar a vossa ignorancia, e maledicencia. Se eu tiráse consequencias como vós, era esta uma boa conjuntura para inferir naturalmente da vossa propozisam varias blasfemias. 1. que Cristo fundou a sua Igreja sem braço direito, que é o mesmo que dizer sem forças bastantes para se defender. 2. que por 1540. annos nam teve a Igreja braço direito. 3. que Cristo nam soube o que era necessario para dirigir a sua Igreja, e quando a fundou, lhe faltou uma circumstancia essencial, que foi por lhe braço direito.

E que diram as famozas Religioens de Beneditinos, Bazilianos, Dominicanos, e Franciscanos? Apostarei, que diram com mais razam, que sempre foram obraço direito da Igreja: e que podem mostrar mais, e mais honrozadas Bulas pela sua parte. Direis vós; que a Bula fala assim. E eu respondo que tambem Benedito XIV. na sua Constituisam chama aos Missionarios dezobedientes, *Homines captiosos*: e se vós perguntares aos tais, se se deve entender literalmente; diram que tem interpretaçam mais benigna. E o mesmo digo eu da outra Bula. Se vós tiveseis lido o Bulario, acharieis tantas expreçoens destas, que pasmarieis da vossa ignorancia, em levantar maquinias sobre elas. Estes elogios sam tam triviais na Bulas, que ninguem faz cazo diso; muito mais porque todos sabem, que o Papa aprova a substancia,

tancia, nam as palavras das Bulas, principalmente as que elogiam, que dependem regularmente do arbitrio do compositor, o qual faz ao principio os cumprimentos que lhe parece. Nós tomamos os que com mais razão podiamos dizer, que eramos o braço direito da Igreja: visto que o Papa nos concede por armas, unir o noço braço com o de Cristo; que significa muito. Mas eu nam quero argumentar deite modo; porque sei que vós nam prevenistes estas consequencias, porque nam entendeis o que dizieis.

A concluzam da vossa Reflexam é, *que as dedicatorias nam tem parentesco com os prologos, mas devem ser separadas.* E como se dicseis do concilio dos Deuses revoltido da autoridade de prescrever Leis, intimais esta à Republica Literaria, declarando que fazer o contrario é pecar contra a Retorica. Meu Fr. Arsenio, vós nam sabeis nada de belas letras, e a cada passo mostrais que nunca abristes livros. Os prologos e dedicatorias sempre foram a mesma coiza. Nam é necelario recorrer aos Gregos, porque vós ja confelais, que nam entendeis esta Lingua: vamos aos Latinos, se é que os entendeis.

Cicero sabia mais Retorica do que vós. Contudo nos trez livros de *Oratore ad Q. Fratrem*, faz em cada um seu prologo a seu irman, que é juntamente dedicatoria. No Livro *Orator ad Marcum Brutum, nos Paradossos, de Finibus, Tusculanarum Disputationum*, faz uma dedicatoria a Marco Bruto, que é juntamente prologo. Nos *Topicos* faz dedicatoria, e prologo a Caio Trebatio Testa. Nas *Academicas*, que dedicou a Marco Varram, mandoulhe uma carta separada, que é prologo, e dedicatoria. Conificio na sua *Retorica ad Herennium* tem no frontispicio uma dedicatoria, e prologo. Hirtio Pansa no VIII. livro dos *Commentarios de Cesar* faz um prologo, e dedicatoria a Cornelio Balbo. Cornelio Nepote dedicando as suas *Vidas* a Atico, faz um prologo somente. Todos estes sam do seculo de Augusto. O mesmo porem achareis descendo mais para baixo. Plinio assim dedica a sua *Istoria Natural* a Tito Vespaziano. Avieno as suas *Fabelas* a Teodozio: o mesmo fizeram outros. Assim se praticou sempre no tempo, em que a adulalam, e rudeza nam tinham destruido o bom gosto da eloquencia.

Mas ainda no XV. e XVI. seculo os omens mais doutos, que retableceram as belas letras, e a Retorica, fiseram o mesmo, escrevendo a grandes Principes. Lede as prefaloens do famoso Marco Antonio Mureto Orador, e Jurisconsulto do seculo XVI feitas a Torquato Bembo, Leonardo Mocenigo, Bernardino Lauredano, Senadores Venezianos: a Francisco Gonzaga, e ao Cardial d'Este, Princepes; e a outros muitos: e achareis que sam dedicatorias, e prologos. E dilto está o mundo cheio, principalmente quando se dedica obra a alguma pessoa literata, e o dedicante nam tem tanto que dizer, que seja necesario prologo separado: como vemos todos os dias. Se vós tiveseis noticias do mundo culto, nam diries com

tanta satisfasam falsidades inauditas, e puerilidades dignas de compaixam; e nam censurariéis aquilo mesmo, em que caio o voso Niculao Francez da Cidade de Siam, que fez uma dedicatoria; que se nam pode entender sem ser prologo. E eis aqui tendes, que tudo quanto dizeis é uma grande parvoice, e ignorancia de belas letras, de Livros, e do mundo; e uma mera calunnia. É atreveis-vos a criticar? fatalidade grande!

R E F L E X A M II.

Juizo do Autor, e da obra.

M As vamos à segunda Reflexam. Quem vos ensinou, Fr. Arsenio, a fazer descriçoes, e retratos das pessoas? onde aprendestes a pintar um homem imaginario, e dizer com tamanha calunia, que é *vera effigies*? Tudo quanto vós dizeis é falso: nem tal se tira da obra. Vos pintais a vaidade, a soberba, a maledicencia, a pertinacia erética: e devieis pintar fomento a *Critica*. Mas como vós nam entendeis o significado desta palavra, por isto lhe atribuiis tais epitetos.

Mas que coizas nam dizeis aqui nesta vosa descriçam! Que Retorico vos ensinou a elogiar, ou vituperar por tam galante estilo? Nem ao menos no mesmo P. Pomey, que tanto vos agrada, aprendestes a imitar uma descriçam das muitas que traz, e dilatar um argumento com alguma galantaria, e verosimilidade? O que dizeis, merece compaixam, e bem mostra, que entendeis tanto Retorica, como belas letras. Credeme, Irmam Arsenio, que a dita descriçam é uma parvoice; e que tem muita razam os nosos PP. de dizerem, que ridiculizastes a Religiam.

Para prova da vosa ignorancia Filozofica, basta considerar este periodo: *As ideas, que lhe occorrem sam a quinta essencia de Platam*. Ideias aqui, meu P. Mestre, sam o mesmo que *conceitos* ou *pensamentos*: e as ideias de Platam sam couza muito diferente: sam exemplares das cousas sensiveis, substancias eternas, incorrutiveis, separadas de Deus, e da nosa alma. (1) Cade uma bocadinho de Istoria Filozofica, senam quereis dizer tantas parvoices.

No 3. 4. 5. 6. paragrafos descreveis a origem das crezias modernas, mas em modo tal, que faz vontade de rir. Devieis saber que os tais Ereges nam só admittem, e abraçam aqueles quatro Padres *Posnicensos*, que apontais, mas os *Antenicensos*; e finalmente todos até S. Gregorio Magno. E isto é um erro consideravel em um Arcicritico, como vós. Uniz alem diso Jansenio com os Ereges, como se tivesse as mesmas opinioens: sem saberes, que Jansenio errou sem pertinacia, submeteo-se à Igreja; foi, e

morreo

(1) *Veja-se Platam in Timæo tom. Veja-se tambem Aristoteles Mataphys. l. 3. pag. 28.ª in Parmenide, ib. p. 135. 1. p. m. 66.*

morreo Catolico. Pois era necessario advertir tudo isto para nam meter pe-
tulantemente Jansenio na classe do Erejes.

Pintais a arte critica como prejudicial: sem advertir, que a Igreja Ro-
maua a admite como infinitamente util para estabelecer os Dogmas. Todos
os Criticos para vós sam Jansenistas: e falais mil vezes em Jansenio, sem
nunca ter aberto Jansenio, nem saber qual é a sua verdadeira doutrina, pe-
loque vou vendo; Dizeime, o P. Rapin, que critica os Poetas, Retoricos,
&c. O P. Hardoino que diz mal de todo o mundo: o P. Simondo, que
tambem criticou muitos Autores: o P. Petavio, que disse coizas inauditas
contra Jose Escaligero: o P. Vavasseur que criticou o Rapin, e outros;
todos Francezes, e Jezuitas, por ventura eram Jansenistas? Douvos o con-
selho, que aprendais primeiro a Istoria Literaria, para poder depois falar
diante de gente nestas materias. Afirmais isto, porque de Critica, e Dogma
sabeis tanto, como se pode eiperar de um omem, que nunca ouviu falar
nestas facultades.

Dizeime, Fr. Arsenio, se vós tiveseis aberto um livro, que tratasse
da Istoria das Brezias, ou algum Autor de bom nome, dirieis tamanha par-
voice, como afirmar, *que continuando a Critica, Eretica e Jansenistica, saíram con-
tra a Fizica os Cartezianos, e meios Cartezianos?* Se tiveseis lido com aten-
sam algum Carteziano, atrevervosieis a dizer, *que desterraram os accidentes,
extinguíram as cores?* &c. Se tiveseis lido a Istoria das sciencias, poderieis
condenar as opinioens de Cartezio, que omens tam doutos, e pios como
os RR. PP. da Companhia de Jezus defendem em França, e Flandrez, ain-
da nós escritos: (1) e Jezuita ouve, que expresamente defendeo Cartezio?
(2) Se soubeseis que esta mesma Fizica, que vos ridiculizais, se defende pu-
blicamente em Italia pelos nosos Religiozos, sem que tenham medo das
vozas invetivas a favor de Escoto? (3) certamente que se soubeseis tudo isto,
ficarieis envergonhado de ter aberto boca em materias, em que vos fal-
tam os primeiros principios.

Escarneceis a opiniam do Barbadinho, *que faz os Brutos discursivos*, co-
mo se fora só dele. Provem isto deque nam sabeis, que o voço oraculo
sempiterno Feijoo defende o mesmo em um largo discurso, e o prova com
S. Bazilio, e outros PP. Provem deque ignorais que oje a opiniam recebi-
da nam só entre os milhores Filozofos, v. g. o Lock, Hartsoeker, Erejes;
de la Chambre, e outros Catolicos: mas tambem entre os mesmos Teolo-
gos, é que alma dos Brutos seja espirital, de uma ordem muito inferior

B ii

à no-

(1) *Veja-se o P. Fabri na Fizica, que defende muitas opinioens de Carte-
zio, o de Lanis Magister. natur. & art. Melhor ainda o P. Regnault, e Castel, que sam Anticartezianos.*

(2) *P. Barbieri de Lovanio. Veritas*

Philosophiæ Cartezianæ.

(3) *Fortunato de Brescia Franciscano, Lente de Fizica experimental, no Curso de Filozofia moderna, em 1741. Brescia. Alem de outros em Roma.*

à nofa, a fem *jus* a Bemaventurança. O que provam largamente, nam Ereses, mas os mesmos Catholicos Italianos, especialmente o Magaloti (1) com varios SS. PP. mostrando que se a nam admitimos espiritual, segue-se que a materia conhece, (porque os modernos nam acham substancia material fem ser materia: e quando alguém lhe diz o contrario, pedemlhe, que lho prove com evidencia) e la vai pelos ares a melhor prova para mostrar aos Ateos, e Deistas a espiritualidade da nofa alma, e de Deos: porque se a materia raciocina nos Brutos, como nos convencereis que nam raciocina em nós?

Provem tambem de que nam sabeis, que o P. Pardies Jezuita no seu tratado da *Alma das Bestas* em Francez, ou Italiano (2) expõem a questam problematicamente: e depois de empregar dois terços do Livro em provar que sam maquinas, repondelhe com tanta frialdade, e pouco fundamento, que todos, e até o leo mesmo tradutor, alentaram que o omeim era *Maquinista*: ao menos que nam lhe dezagradava o sistema. E contudo era o P. Pardies omeim celebre.

Provem de que nam sabeis, que as ordens particulares dos Superiores da Companhia, que proibem defender as 60. e mais propozicoens Fyzicas dos modernos, sem que se saiba o motivo; sam as que fazem, que quando os Jezuitas mais doutos as defendem em certas partes, fingem defender a Peripatetica, quando na verdade defendem a Moderna: como fizeram os PP. Pardies, Fabri, Frimaldi, e outros muitos. Pois se nam fora este grilham, os mesmos Jezuitas vos ensinariam como deveis defender a Moderna. E contudo a verdade e tam clara, que tirando aquelas propozicoens, oje defendem tudo o mais, e muitos defendem o Newton, principalmente os Jezuitas Francezes, sem serem Janenistas.

Onde aprendettes aquella solusam, que o ar faz uma abobeda, com que cerca este globo da terra, e por isto nam carrega em parte nenhuma: e por conseguinte nam é esa a cauza, porque a agoa sobe nas bombas? Irmam, é poivel que todas as aineiras em Filozofia estejam rezervadas para vós: e que nam vejais, que ela abobeda se desláz com um sopro, que move o ar, para onde vós quereis. Onde vistes uma abobeda sem pilares, em que alente, e que se nam movam: porque se se movem os pilares, caie logo a abobeda na terra. Que belo engenheiro serieis vós para fazer abobedas no ar! Ide aprender os primeiros elementos destas materias: e ide ter com o Mestre de Matematica a S. Antam, que vos ensine as leis da *Mecanica*: e vos explique, porque o arco ou abobeda nam se rompe por mais pezo que lhe ponham em cima. Por isto eu digo, que vós sois capaz de ridiculizar, e cauzar dileredito a toda uma Nasam; porque nam conheceis a voia ignorancia, e contudo quereis publicar obras.

E ten-

(1) Nas suas cartas familiares contra o Ateismo. Em Venezia.

(2) Venezia. 1696. em 16.

E tendes cara para dizer, que o autor se serve do que escreveram outros, como se ele o negasse, ou o nam disse mui claramente repetidas vezes? Niso em Lugar de o deprimir, o exaltais: pois mostrais, que o que ele diz é aprovado pelos maiores omens da Eúropa: e só é condemnado por aqueles, que tem tanto juizo como vós. Prouvera a Deos, que vós tiveseis feito o mesmo, e axaminado bem o que dizem os melhores autores, que logo nam dirieis tanta parvoice.

Tornais aqui de novo a dizer, que *o autor satiriza toda a Nasam*. Vós satirizais todas as Nasoens Estrangeiras; e a isto chamais moderatam, e critica: e ao referir o Barbadinho os defeitos Literarios chamais satira? É boa teima! Nam sabeis vós, senhor Teologo, e Jurista de agoa doce, que os defeitos publicos todos os podem criticar sem pecado? Se os livros andam divulgados, se o Barbadinho nam revela segredos particulares, mas prova o que diz com os tais livros; para que lhe chamais satira? Valhate Deos para tal cabeça de pedra, e cal!

Tudo o mais que apontais nos utimos tres paragrafos, nam é critica ao Barbadinho, mas satira que fazeis aos Principes, e Senado da Corte: porque só estes podem remediar aqueles males, nam com arbitrios novos, mas com a executam das Leis ja promulgadas. Odmiraivos *que nam aja Corte, em que se vejam tantos roubos, e mortes*. Quereis o arbitrio? é este: Alumiar as ruas denoite: grandes rondas á pé, e á cavallo: inforçar pela menham todos os Ladroens, e malfeitosores que se prendem denoite; e as cabeças pregadas pelas ruas publicas. Tudo esta remediado. Quereis outro? Lei promulgada, para que ninguem diga graças a mulheres, nem de dia, nem de noite: polés pelas ruas, e ministros promptos, e quarteis de soldados em todos os bairros: aos rapazes trez tratos de polé: aos grandes galés, ou forca: e isto *ictu oculi* sem apelam, nem agravo. Toda a Cidade se aquieta logo em uma semana. Agradam-vos estes arbitrios? Pois isto é que fez em semelhante eazo Sixto V. e praticam outras cortes da Eúropa.

Quereis as ruas direitas? Fafase o que fazia Alexandre VII. que se punha a confiderar a planta de Roma. Se via um canto saído para fora, comprava a caza, e a deitava abaixo: ou obrigava o dono a fazelo, dandolhe nma compensam: assim foi indireitando Roma. Depois publicou uma lei, para que em se reedificando uma caza, se fosse torta se puzesse em linha direita, lamente alargando a rua: e isto se pratica oje. Estes sam os arbitrios. Mas isto á superfluo para vós, que de Politica sabeis tanto, como de erudisam. Falais miior nos *merendeiros*, e *abobedas do ar*, que em materias tam longe da vosa esfera.

A Reflexam III. deixo para a Teologia, por nam repetir o mesmo em diversas partes, e passo à seguinte Reflexam.

REFLEXAM IV,

Da sua Ortografia.

L Astima é ouvir como comefais esta Reflexam, e quam pouco entendeis o que criticaís: *Sam as palavras*, dizeis, *sinais arbitrarios*, que *as Nasoens deputaram* e o uzo de cada *Nasam é lei*, &c. Logo erra o Critico em quzer introduzir *palvãras novas*. Onde aprendestes esta Logica, Fr. Arsenio? Para provar alguma coiza deveis provar, que nam se podia admitir palavra nenhuma sem uma Lei feita pelo Senado, ou por Elrei. Mas em quanto deixais a introdufãam ao uzo, deveis saber, que alguẽm deve ser o primeiro a introduzilas, outro a abrafaslas, e assim se vai fazendo o uzo. Pergunto agora, quem á de ser o introdutor? Um sapateiro, ou um omẽm douto? Sem duvida que o douto. E neste cazo que coiza provais? Nada.

O mesmo Horacio, que vòs citais, aduĩte como util a introdufãam de vozes novas. Considerai estes versos do dito Horacio. (1)

*Dixeris egregie, notum si callida verbum
Rediderit junctura novum. Si forte necesse est
Indiciis monstrare recentibus abdita rerum,
Fingere cinctutis non exaudita Cethegis
Continget, dabiturque licentia sumpta prudenter.
Et nova, factaque nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte cadant, parce detorta. Quid autem
Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum
Virgilio, Varioque? ego cur acquirere pauca
Si possum invidior cum lingua Catonis, & Enni
Sermonem patrium ditaverit, & nova rerum
Nomina protulerit? Licuit, semperque licebit
Signatum presente nota producere nomen*

Será necesario que peçais a alguẽm vos traduza bem claramente estes versos, que sam applicaveis a todas as lingoas vivas. Os Inglezes, que tem mais juizo do que vòs, de quarenta anos a esta parte tem aumentado de sorte a sua lingua com palavras novas, que parece outra. Os Francezes tem feito o mesmo. E parecevos que será pecado fazer o mesmo em Portugal? boa consequencia! Muito mais que o Autor nam tem por objeto introduzir palavras novas; mas diz que seria util: e adverte que o modo de o fazer é, deduzindoas das melhores linguas, dandolhe a terminafãam Portuguesa-

(1) *Arte Poetica no principio.*

gueza, e seguindo nisto, e no mais a pronuucia dos omens doutos: e nella introdusam procede muito moderado.

Condenais alguma palavras, que ou praticou deduzidas do Italiano, ou foram erros da imprensa, que caíram infinitos nela. Olhai para as regras que dá, que sam as que abraça, e nam o que fizeram os outros. Mas quem é o que nos condena em Ortografia! vòs, que escreveis *Leteranen-se*, *Bordalu*, *Baromatros*, *Termomatros*, e outras parvoices destas? vòs, que escreveis *slaba* por *Profodia*, ou quantidade das silabas; *construir* por *traduzir*, e outras puerilidades destas? Vòs, que até errais na gramatica Portugueza; como mostram entre outras estas Orasções: (1) *Tomaram o cuidado de fazer criticas contra todos os autores, acurando-os de nam seguirem os primeiros SS. PP. mas se desviavam deles*: e em outra parte (2) *uma terçoom*: e mais adiante (3) *se o am de curar com os remedios, que tem mostrado a experiencia seram bons para a cura: poudo seram por serem?* vòs, que sois inconstante na Ortografia, escrevendo as mesmas palavras umas vezes de uma sorte, outras de outra; sem saber donde se deve por Letra majuscula, e donde Letra piquena? vòs que prezado de elegante, e eloquente afetais dizes grafas, e frioleiras com uma locusam trivialissima, e mais ridicula que a dequalquer rustico? vòs finalmente, que chamais elegancia à pedantaria de encaixar versinhos, latins, e textos da Escritura em toda a parte; afetando aquilo mesmo, que os omens cultos evitam com cuidado? vòs, torno a dizer, com estes, e mil outros defeitos quereis ensinar aos outros a ortografia, elegancia, e estilo? Outro officio meo Padre, que estas censuras nam sam da vosa jurisdifam.

Alem diso, admirai-vos de que o Barbadinho nam desterrase a Letra *u* destas palavras, *guerra*, *guiar*, &c. sem reparar que nelas se ouve muito bem o *u*, pois se pronunciam muito diferentemente do que se o nam tivessem; como se mostra da pronuncia destas vozes, *gente*, *gigante*, em que nam entra o *u*; e por isto se deve conservar nas outras. Tambem vejo, que nam sabeis, que a consoante entre duas vogais se une sempre com a vogal seguinte: porque se o soubeseis, nam dirieis, que em *raçoom*, *vieraom*, &c. se deve escrever o *m* entre as Letras *a*, e *o* assim, *raçam-o*, *vi-s-am-o*. Porque desta sorte faz um som despropozitadissimo.

Em fim como de Ortografia vejo que nam entendeis nada, nem tenho mais que vos aconselhar, senam que leais bem, e entendais a primeira carta do autor, e a compareis com o que dizem os autores Portuguezes, que ele cita; e vereis, que nas regras fundamentaes pela maior parte concordam: e a diferença so está emque o Barbadinho da regra da pronuncia tira bem as consequencias, e as pratica; o que nam fazem os outros.

Escandalizai vos tambem de dizer o Barbadinho, que depoes de pon-

to

(1) Pag. 6. das Reflexões Apolog.

(2) Pag. 42.

(3) Pag. 42.

to nos periodos breves, e dependentes de outros se deve por letra piquena! Isto é porque nam sabeis, que o mesmo dizem os melhores Ortografos, e praticam oje os melhores Escritores. Lede o *Novo Methodo da Lingua Latina* em Francez ou Italiano, e achareis, que exprelamente o repete duas vezes. (1) O mesmo Celario, um dos maiores Ortografos dos nosos tempos, o pratica na sua *Ortografia*, e tambem o P. Rogacci Jezuita na sua *Gramatica* vulgar: e na edicam de Cicero pelo famoso Verburgio impresa em Amsterdam pelos Wetstenios em 1724: nas idioens dos autores claficos feitas em Padoa com a direcam do famoso Facciolati: nas melhores edicoens de Germania, &c. achamos o mesmo. E esta é outra casta de gente, que nam sois vós, que de Ortografia nem vulgar, nem latina nam sabeis nada.

Vamos às escolas de Gramatica Portugueza. Parecevos novo que o Critico as dezeje em Portugal? Mas nam advertiz que isto mesmo se está observando em outros reinos cultos, e nas universidades, e que é sumamente necessario. Os Gregos praticavam isto: e ainda temos em Platam alguns dialogos (2) em que expoem a Gramatica como necessaria para a Filosofia. Aristoteles no seu livro de *Interpretatione* nam nos deo mais que uma Gramatica. (3) Quintiliano dá o modo de regular a Gramatica nas escolas, e mais era lingua viva. Nam cito mais Gramaticos nem Gregos, nem Latinos, porque os podeis ler em Suidas, Ateneo, Suetonio, e outros.

Saie logo aqui a vosa erudicam Filologica, e diz magistral de, que os Romanos tinham especial razam, por ser a lingua Latina cheia de muitas regras, e excessos, farta de nomes, e verbos anomalos; miuda na conjugacam dos verbos, e na silaba: e foilhes preciso este meio para falarem certo, e cultamente. Vede quantas asneiras aqui dizeis juntas! Todas as linguagens Latinas na Arte de Manuel Alveres tem outras correspondentes Portuguezas: logo a nosa lingua tem as mesmas linguagens, que a Latina. Que as regras da Sintaxe sejam as mesmas, e as anomalias; confesa o P. Argote na lua Gramatica. Que tenha mais ou menos, isto nam obsta para a necessidade das regras: Logo por eia mesma razam se deve introduzir a Gramatica Portugueza.

Pergunto mais, os Romanos, que nam estudavam por Gramatica, nam sabiam falar latim? quem tal crera! Temos exemplos bem modernos, comque isto se pode declarar. Montieur Montaigne em Franca foi criado com Pessoas, que so lhe falavam latim; como ele confesa (4) e nam tinha ouvido nunca Francez. Na idade de 7. anos lia com todo o gosto as Metamorfozes de Ovidio: e falava com tanta pureza Latim, que quando o grande Marco Antonio Mureto oraculo da Latinidade lhe queria falar latim

(1) *Traité de l'orthographe*, chap. 13. p. m. 663. 668.

(2) *Philebo*, e *Cratylo*.

(3) *Confira-se o cap. XX. da Poetica de Aristoteles.*

(4) *Montaigne Essais l. i. ch. 5.*

tim envergonhava-se, e nam podia competir com ele em coiza nenhuma. O Scipio diz o mesmo de si, e dos seus companheiros, que souberam latim praticamente com o exercicio. E o mesmo succede todos os dias nos paizes onde se fala latim. Onde nam sam as regras necessarias para o latim, mas para a elegancia: para evitar algum solecismo, barbarismo, &c. E isto tanto se verifica no latim, como no vulgar.

Que sorte de consequencia é esta vosa: *Em Fransa, Italia á diversidade de falar nas provincias: Logo nam uzam la estudar Gramatica.* Meu Padre, nam uza o povo ignorante, mas uza agente culta. Eles tem Academias para os que querem falar bem, e muito particularmente em Italia: achase muita Gramatica para aprender: todos os cultos aprendem a falar e escrever bem, ou em caza, ou nas escolas; ou nas academias: todos os que querem prégar, especialmente os jezuitas, estudam a sua lingua com cuidado; e por isto falam melhor que vós, que nunca tivestes tal exercicio. Estes sam fatos notorios.

Atreveivros a dizer, que o P. Argote nam compoz a sua arte para os Naturais; mas muito principalmente para os Estrangeiros. Pode aver cegueira semelhante! vós certamente nam puzestes os oculos, e por isto nam lestes o frontispicio, que diz assim: *Regras da lingua Portuguesa, espelho da lingua Latina: ou dispozisam para facilitar ensino da Latina pelas regras da Portuguesa.* Parece-se isto com o que vós dizeis? Continuemos a ouvir o P. Argote na sua prefasam. *Para evitar estas demoras (do ensinar a lingua Latina) se tem proposto por alguns varoens sabios diversos arbitrios. Entre estes o que se tem achado ser mais util, facil, e seguro é ensinar aos rapazes primeiro a Gramatica da sua lingua vulgar, e despoes ensinarlhes a Latina. Mostra-o razam, porque a maior parte das regras da Gramatica Portuguesa, convem, e sam as mesmas da Gramatica Latina (notai bem Fr. Arsenio) e pelo que pertence as regras, emque differem, como sam poucas, facilmente virá no conhecimento delas Este pois é o intento desta arte, ensinar as regras da lingua Portuguesa, para facilitar aos mininos a precepçam e uzo da Gramatica Latina. É mais abaixo: Fora muito conveniente, que nas escolas ao mesmo tempo, que os Mestres ensinam os mininos a escrever e contar, lhes ensinasse esta Gramatica Portuguesa.*

Isto diz o P. Argote, que vos pode ensinar de cadeira assim o Portuguez, como o Latim: e isto mesmo é o que diz o Critico. Doque se mostra, que vós sois um caluniador, que attribuis ao P. Argote o que ele nam disse, ocultando o que disse: e condenais no Critico aquilo mesmo, que os Portuguezes de melhor doutrina estam praticando, e aconselhando por necessario. É acresceto de caminho, que a Gramatica, que o P. Argote acha difficultoza, e longa, é a do P. Manuel Alvarez. Comque, meu Fr. Arsenio, era melhor que fosseis pedir os merendeiros, do que me-

vos a falar em materias, que nãa entendeis, dando chascos, e deitando piques em coizas, emque devieis falar menos, que ninguem; porque vos devieis conhecer muito bem, asim como vos conhecem os outros.

REFLEXAM V.

Da Gramatica, e Latividade.

Como de belas letras nam sabeis nada, uniz a Gramatica com a Latividade, e de ambas falais, como se fosse uma só. Meu Fr. Arsenio, isto é um erro manifesto que podieis evitar se refletiseis com o Critico no que diz Quintiliano: *Aliud est Gramatice, aliud Latine loqui.* Os Gramaticos buscam somente a verdadeira regencia das partes da orasam: Os Latinos buscam a beleza do estilo: e estas duas couzas sam muito diferentes. Explico a proposasam de Quintiliano. Cicero comela a sua bela orasam pro Marcello asim: *Diuturni silentii, P. C. quo eram his temporibus usus, non timore aliquo, sed partim dolore, partim verecundia finem hodiernus dies attulit.* O Gramatico porem se a quer explicar bem deve dizer asim. *P. C. dies hodiernus attulit nobis finem silentii diuturni, quo silentio eram usus his temporibus, non aliquo timore, sed partim dolore, partim verecundia.* Deve, digo, dizer asim, porque deve mostrar a verdadeira regencia das partes da orasam, e reduzir a sintaxe figurada à ordem natural para poder entendela bem. Onde o puro Gramatico so ensina a *construisam*, quero dizer a sintaxe das partes segundo as regras da Etimologia; e so cuida em nam cometer solecismos, e barbarismos, e deste modo entender bem os Autores Latinos. O Latino porem dá um passo mais adiante, e procura as virtudes da boa locusam, que sam a clareza, elegancia, ornato, colocasam, uniam, numero oratorio, copia, e variedade.

Se quereis uma prova bem clara, considerai, que os melhores Gramaticos antigos, que sam Diomedes, Charisio, Nonio, Donato, Mauro, Caper, Pruciano, &c. e outros, que se acham em dois tomos de 4. da edisam de Putichio, todos falam pesadamente o Latim; e que o P. Manoel Alveres, que soube menos doque eles as regras do Latim, escreveo melhor o Latim nas poucas regras, que nos deixou, como confesa o seu maior antagonista Scioppio. (1) E eilaqui que nam é o mesmo ser bom Gramatico, que bom Latino.

Porem vos com a voia costumada confianca definistes ex cathedra, que a Gramatica serve para falar Latim bem; o que e falso. Lede este bocadinho de Cicero, que e bom autor na materia. *Solum, & quod si fundamentum Oratoris vides, Locutionem emendatam, & Latinam: cujus penes quos laus adhuc fuit, non fuit, rationis, aut scientia, sed quasi bona consue-*

(1) Na Prefasam da Gramatica Filosofica.

suetudinis..... Sed omnes tum fere, qui nec extra urbem hanc vixerant, nec eos aliqua barbaries domestica infuscaverat, recte loquebantur. Sed hanc rem deterior vetustas fecit, & Roma, & in Graecia. Confluxerunt enim & Athenas, & ad hanc urbem multae inquinatae loquentes ex diversis locis. Quo magis expurgandus est sermo, & adhibenda tanquam obrussa ratio, quae mutari non potest; nec utendum pravissima consuetudinis regula. (1) E em outra parte: Omnis loquendi elegantia, quamquam expolitur scientia litterarum, tamen augetur Legendis Oratoribus, ac Poetis. Sunt enim illi veteres, qui ornare nondum potuerant ea, quae dicebant, omnes prope praecclare locuti: quorum sermone assuefacti qui erunt, ne cupientes quidem poterunt loqui nisi latine. (2) E em outro lugar: Ut Latine loquamur, non solum videndum est, ut & verba efferamus ea, quae nemo jure reprehendat: (esta é a pureza) & ea sic & casibus, & temporibus, & genere, & numero conservemus; (esta é a Gramatica) ut ne quid perturbatum, aut discrepans, aut praeposterum sit. (3) esta é parte da elegancia.

Nestas poucas palavras vos desmente Cicero muitas vezes. Diz, que o falar bem Latim se aprende com o uzo, e liçam dos que millhor escreveram. Diz, que reflectindo nisto unido com a boa razam é que se deve emendar a lingua. Distingue o falar Gramatico do falar Latino. Condena o que vós dizeis, que se nam pode saber Latim bem senam com a Gramatica como se a Gramatica de Manoel Alvares ensinase as virtudes de boa locufam!

Se fosse verdadeira a vossa propozifam, que necessidade tinha o P. Turselino Jezuita, de publicar o famoso livro das *Particulas da orafam*, para ensinar a elegancia do Latino? Que necessidade tinha o P. Vavasseur Jezuita, de escrever o belissimo livro de *Ludrica ditioe*, e o outro singularissimo de *vi ac usu quorundam verborum tum simplicium, tum compositorum*? Deixando agora outros Jezuitas, e muitos mais que trataram, ou das observacoens sobre a elegancia, como o Ker, Godescalco, Schoro, Cardial Adriano, Scioppio, Gifanio, &c. ou da fersa, e idade das palavras, como os Borrichios, o Praschio, o Cellario, o Vorstio, o Vossio, &c. ou da copia, e analogia, como Marie Corrado, &c.

Todos os tais Jezuitas tinham estudado pelo P. Manoel Alveres: e contudo acharam, que nam ensinava aquilo a que se chama *boa latinidade*. Ora sem duvida, que estes Jezuitas sabiam muito mais do que vós, que apostarei que nam sabeis explicar a verdadeira regencia Gramatical das mais faceis cartas de Cicero. O mesmo P. Pomey, que vós defendeis, vos condena no Indiculo Universal. Diz ele na prefafam: *Todos sabem, que para aprender uma lingua peregrina, nenhuma via se pode incutir millhor, que a de falar e exercitar esta lingua. Desta sorte em breve tempo, e quasi com nenhum,*

(1) Cicero, in Brut. fine.
 (2) Cicero, l. 3. de Oratore.

(3) Idem ibidem.

nhum trabalho conseguirá qualquer o que se poderá alcançar com grande molestia se aprender por preceitos. Isto nos ensina a experiencia.

Quereis ver um exemplo, de que pode um omem ser suficiente bom Latino, e mau Gramatico: tendes o exemplo no P. Famiano Strada Jezuita no seu livro de *Bello Belgico*, no qual o famoso Gaspar Scioppio (1) descobrio muitos solecismos, e barbarismos, &c. e contudo confesa, que é um dos mais elegantes escriptores da Companhia. O mesmo Scioppio no dito livro, e no de *Stilo Historico*, e principalmente *in fragmento Rhetoricæ* impresso em Milam, mostra tambem muitos solecismos, e barbarismos do famoso P. Maffei Jezuita, que escreveo a nossa Istoria da India: e contudo confesa, que Maffei é bom Latino.

O Scioppio nam era Janfenista, era um grande Fidalgo Tudesco, e tam bom Catolico, que o Louvam os Papas, Cardiais, Imperadores, Reis, &c. (2) Ninguem ate aqui lhe respondeo, porque acharam, que, nam falando em uma, ou outra couza rarissima, tinha razam: a Companhia se queixou. E os mais famosos Jezuitas, como o Belarmino, o P. Jacobo Keller, o P. Paulo Bombini; o P. Manuel Thesauro, o P. Lourenço Forieri, os Jezuitas de Ingolstadt todos o louvaram, (3) ainda depois que condenou a arte de Manuel Alvares. Temos logo que esta Religiam doutissima, que zela mui bem a sua onra, achou ser verdadeiro o que diz o Scioppio. E com que cara nos dizeis entam vós, que sois ignorantissimo de belas Letras, *que com o Alvares tem muitos sido bons Latinos, e que sem ele é impossivel sair em bons Latinos.*

Certamente que se avemos de julgar pelas vossas obras Latinas, devemos confesar, que nam conduz nada para a boa Latinidade. As vossas postilas sam tam barbaras na Latinidade, que quando li nelas alguma couza, pareciam ouvir um preto bufal guaguejando em Latim. Nam tendes nem pureza de palavras, nem estilo Latino: e falais Portuguez com palavras meias Latinas, e meias barbaras. Nem me digais, que isto é permitido nas postilas. Esta resposta, que muitos tem prompta nasce de uma grande ignorancia. Lede os PP. Conimbricentes, e as Instituicoens do Fonseca, e algumas Lisoens de Jeronimo Osorio: Lede o Petavio, o Sirmondo, o Vavasseur Jezuitas: Lede o Melchior Cano, o Mureto nas suas variantes, o Nunes, o Sepulveda, e outros muitos: vede com quanta pureza, e elegancia tratam estas materias didascalicas ou doutrinaes: e entam conhecereis a vossa ignorancia; pois tendo tam bons traslados à vista, nem procurais, nem sabeis imitalos. O que mais mostra a vossa insuficiencia é uma certa dedicatoria Latina (em que se pode mostrar toda a forsa da eloquencia, pureza, e beleza do estilo) que ainda contervo para rir nos dias de melancolia,

toda

(1) No livro intitulado: *Infamia sua Pœdia Aurelicæ.*

Famiani Stradæ Amstelodami, 1663.

(3) *Vejã-se o dito livro dos Diplomas.*

(2) *Vejã-se os ditos Diplomas na*

toda cheia de barbarismos; e seletimos na fraze; e composta em um estylo tam pueril, que parece de estudante do pateo. O que, se acazo duvidais, farei publico a todo o mundo, como fez o Scioppio com o strada, e Maffei. E vós sois o que falais em Latinidade, e nos quereis mostrar os erros do Critico nos conselhos, que dá nesta materia? Certamente que nam pode chegar a mais a fatuidade dos omens!

Mas vamos a Gramatica do P. Alveres. Nam me cansarei em vos dizer, que os mesmos Jezuitas em Roma tem reformado a dita arte, e posto em maior clareza, e mais breve, porque a experiencia mostra, que é uma arte impertinentissima. Nam me demorarei em mostrar, que os PP. das Escolas Pias, e Somascos, que ensinam a maior parte da Mocidade em Italia, seguem outra arte muito mais clara. Nam vos trarei à memoria, que Elrei de Sardenha neste seculo reformando os estudos, tirou todas as escolas aos Jezuitas, e lhes proibio ensinar a mocidade; dando a incumbencia a outros, que praticam outro metodo Latino. Nam vos contarei, que nas melhores Universidades, e escolas de Italia se ensina o *Novo Metodo da Lingua Latina, de Porto Real*: e que os particulares fazem o mesmo. Ja em Olanda, Inglaterra, Franca, grande parte da Germania, e reinos Setentrionais é certo, que ou o Porto Real, ou o Vossio, ou outro semelhante é que se estuda. Tudo isto podia eu dizer, e provar: mas nem vós me entendereis, porque vos faltam as noticias estrangeiras, nem eu agora me quero cansar em vos explicar estas coizas. Vamos a folha 19 20 e respondei aos vossos tres pontos.

Para o Critico, dizeis, provar alguma coiza ao ponto, devia mostrar uma de tres coizas contra a Arte: 1. erros nas regras: 2. falta das precisas: 3. superfluidade. Tudo isto mostrou o Critico na sua carta, indicando alguns erros, e autores, e dando a ideia da Gramatica. Dizer mais seria compor uma Gramatica, e seria uma grande impropriedade no tal lugar. Pertencia a vós, meu Fr. Arsenio, ler os livros que ele cita, e ver se diz bem, ou mal. Mas como vós as vezes com os fumos que vos sobem à cabeça nam podeis ver o que dizem os autores, repetirei aqui o mesmo que em breve infinua o Critico.

O Alveres na sua Gramatica dá de Sintaxe 247. regras. O Scioppio mostra na sua *Gramatica Filozofica* que nam á mais que 15. regras de Sintaxe regular sem exceçam nenhuma. Por esta conta ficam superfluas 232. e fica respondido à vossa terceira propozitam. Vamos ao *Novo Metodo de Porto Real*: este dilatando algumas regras do Scioppio, ou para melhor dizer dividindo-as, o mais que dá sam 36. regras de toda a Sintaxe: e por esta conta quando menos ficam superfluas 211. E como por estes livros estuda a maior parte da Europa culta, e que sabe o que é necessario para entender os bons autores; segue-se que a maior parte dos sabios reconhecem que á grandes superfluidade na arte de Manuel Alveres.

Vamos à segunda: *Que faltam no Alveres as principais regras de Sintaxe*: isto mostra com evidência o famoso Espanhol Francisco Sanches na sua *Minerva*, (1) e depois dele o Scioppio, Vossio, Laurenti, Porto, Real, &c.

Quatro são as partes da Gramatica: Etimologia, Sintaxe, Ortografia, e Prozodia: e nas principais occorrem erros no Alveres. Na Etimologia, que explica as vozes, separa o Alveres as coizas, que pertencem aos nomes, e as põem em diferentes lugares, e nam explica tudo o necessário. Primeiro devia explicar os accidentes do Nome, logo os Generos, e depois as Declinaçoens todas. Depois disto devia explicar o Pronome, Verbo, &c. com as explicaçoens necessarias. Esta é a ordem natural. Os Generos reduzem-se a poucas regras, como também os Preteritos, como diz o Critico. Onde nisto meimo se mostra também a superfluidade do Alveres.

Na Sintaxe mostram, que o Alveres ignorou quais eram as verdadeiras causas da lingua Latina; e aquellas particulas occultas pela figura *Elipfi*, as quais regem as partes da oração, que por engano se ficam attribuindo a outras partes. Estas regras eram precisas, como mostra admiravelmente o dito Sanches, (2) e Scioppio. (3) Por onde se ve, que o Alveres faltou ao principal. Quando Terencio diz: *Paucis te volo. Ego ne illum? quæ illum? quæ me? quæ non?* ou *Noctuas Athenas. Triste lupus stabulis*, &c. estas, e outras semelhantes frases nam se entendem, sem saber as particulas, e figuras que digo. Demais, todas as particulas que faltam, ou sobram, ou estam mudadas de lugar; como também o reduzir a sintaxe figurada à sintaxe natural para se entender; tudo isto falta no Alveres.

Da Ortografia nam diz nada o Alveres na sua arte: e com effeito os Jezuitas Italianos unem a esta a Ortografia do Manucio para poderem aprender: e esta é uma parte essencialissima da Gramatica. Na Prozodia, ou quantidade das sílabas nam se explica mal, mas podia explicarse melhor. E temos respondido à segunda propozisam. Direis com a vossa celebre Logica, que devia eu provar isto melhor. Nam tenho necessidade, quando cito os Livros, que são bem vulgares. Comprai-os, estudai-os, e entam falaremos.

Daqui saie a resposta à primeira propozisam. Todas as regras que nam explicam a verdadeira causa da Lingua Latina; digo, a verdadeira regencia, são faltas. Onde entre outras notai estas propozisões, que são opostas às de Manuel Alvares.

O Adjectivo nam concorda com o sustantivo proprio, mas com o comum. O Relativo concorda com o subsequente em genero, numero, e cazo, que é o mesmo antecedente repetido. Nam á mais que duas concordanças.

(1) Imprimio-se com os Comentos de Scioppio, e Perizonio varias vezes: uma das melhores edisões é a de Amsterdam apud Jansonio-Waesburgios 1732.

(2) Lib. 4. *Minerva*.

(3) Gramat. Philos. desde'a pag. 120. até 160. da edisam Veneziana de 1728.

dancias. O Genitivo nam é regido de nenhuma parte mais, que de um sustantivo claro, ou oculto. O Dativo nam é regido de nenhuma parte; mas pode unir-se ao Adjectivo, e a todo o Verbo. O Acuzativo nam é regido de nenhuma parte mais, que do verbo finito, ou infinito, ou participio de significação activa, ou de certas propozições. O Vocativo nam é regido por outra parte, mas mostra somente a quem se dirige o discurso. O Ablativo nam é regido por nenhuma outra parte. Senam pela propozição. Deixo outras que podia trazer.

Estas propozições, a que reduz toda a sintaxe de regencia, (porque a de concordância são poucas palavras) são verdadeiras, e os autores as provam evidentemente. Daqui segue-se, que todas as tuas contraditorias, ou contrarias, que são muitas regras que dá o Alveres, são falsas. E eis aqui fica respondido à primeira propozição.

Isto diz mais claramente o Scioppio, (1) e expõem *septem rationes, qua conscientis Episcoporum religionem, sive scrupulum iniicere debent, ne veterem Gramaticam (Alvari) diutius in Scholis tolerare, sed novam in eas introducere velint.* É a primeira razão que dá é esta: *Vetus Gramatica plena est fraudibus, & mendaciis. Turpe vero est, permitti ut pueris tantus mendaciorum numerus à Magistris, precipueque Clericis instilletur.* É prova isto com muitas razões.

Isto é tão claro, que o mesmo famoso Laurenti, que por ordem de Clemente XI. compoz uma Gramatica Italiana para uzo de seu Sobrinho o Principe Albanj, seguiu o mesmo, que aqui aponto, e tem ao principio um Breve de Innocencio XIII. que o Louva. Contudo Clemente XI. foi um dos melhores Latinos, e Gregos do seu tempo, e tinha estudado por Manuel Alveres. Se vos não capacitais destas razões, lede os taes livros: pois é puerilidade estar eu explicando estas coisas a um ome, a quem faltam os primeiros principios para as entender. Conhecei a vossa ignorancia, estudaí, e então falareis com gente: pois disto sabeis tanto, como dos outros estudos Estrangeiros.

Do mais não digo nada, porque vejo que não entendeis a materia: só falarei no Grego, e Ebraico. Vós condenais estes estudos por inveja, como fazem todos os que não sabem as materias. Se vós soubeseis que o Concilio geral Vienense no ano 1311. ordenou que nas quatro principais Univerfidades da Europa se abriem escolas de linguas Orientais para poderem propagar a Fé no Oriente; conhecereis que não deixa de ser temeridade condenar o fim que teve um tal Concilio. Pois este mesmo fim existe hoje a respeito dos Ereges; aos quais não poderemos convencer sem saber estas linguas, em que elles se fundam.

Demais, vos ainda não apparestes com bula alguma, que tire a autoridade aos textos sagrados originaes Grego, e Ebraico; nem aos Livros dos

SS.

(1) *In consultation. de studiorum ratione. consult. 4.*

SS. PP. e assim argumentando eu com voſco ſobre a intelligencia v. 9. das profecias de Daniel, poſo dizervos que nam quero ouvir a verſam, mas o texto. Que direis vós neste cazo? direis *que ſou pouco ſeguro na fé?* ſim ſenhor, com a melina razam, com que o dizeis do Barbadinho. Quem ſabe Teologia Dogmatica nam diz iſto: mas vós que nunca ſaiſtes de duas poſtilas de Eſcolastica, a tudo o que nam entendéis chamais crezia. Lede o noto Portuguez Diogo de Paiva na *Deſeza do Concilio de Trento* l. 2. que moſtra exprelamente, que a aprovaſam da Vulgata nam tirou a autoridade aos textos: e confeſa que á muitas faltas na Vulgata.

Querovos convencer nam com a minha autoridade, mas com a daquela eclarecida Religiam, que vós com tanta razam louvais, e devem louvar todos os omens pios; a Companhia, digo, de Jezus, a qual diz, e faz o contrario. O P. Petavio, Sirmondo, Vavaſſeur, e mil outros, que podia nomear, por iſto fizeram tam grande figura no mundo literario, e declararam bem os dogmas, porque ſabiam eſtas linguas: e nos melhores Collegios de Europa ſim ſe pratica. O meſmo Fonſeca, e Cipriano Suares as ſabiam bem. E que omens nam ſam eſtes para fazerem autoridade! Os ſeis famosos Jezuitas que compozeram o livro intitulado: *Ratio atque inſtitutio ſuaviorum Societatis Jeſu*: ano 1586: querem que os Teologos ſabiam Ebraico; e ſentem muito que na ſua Companhia o eſtudo da Eſcritura ſe deixe por cauza da Eſcolastica, chamando aos tais, *mutilos ou mancos Theologos*. Nam quero citar mais exemplos, porque eſtes devem baſtar para vós.

Todos, os dias ſe eſtá vendo a neceſſidade deſtas linguas principalmente em Teologos. No ano 1732. me contaram os Religiozos da Companhia, que neste ſeculo vindo uma nao das Ilhas com dois Jezuitas Portuguezes, arribou a Gibraltar: onde os Inglezes receberam os tais Jezuitas com grande cortezia, e afabilidade. Certo predicante Inglez os levou a ſua caza e converſando com eles em diferentes materias, incidentemente ſe tocou um ponto Teologico. O Ereje citou um Santo P. Grego: os Jezuitas explicaram o texto da ſua cabelá, como coſtumam os Eſcolasticos. Onde o Ereje produzio o dito Santo em Grego, para moſtrar aos Jezuitas o ſeu engano. Eſcuzaram-ſe eſtes com dizer, que nam ſabiam Grego. Eiſaqui o Ereje exclamou: *Miror, Jezuita cum ſivis, ignoretis linguam Græcæ*. E me diſeram os meſmos Jezuitas, que referiam o cazo, que o dito Ereje dizia bem; porque a lingua Grega era muito neceſſaria em tudo: e em outras partes os Jezuitas a ſabiam com fundamento.

No ano 1727. na miſam, em que era Superior o P. Vaſconcelos, foram para o Malavar quatro Jezuitas Alemaens, e no de 1729. foram mais dois Alemaens. Conheci aqui em Lisboa um deſtes, que era o P. Joſé Hauſſegher da Provincia do Auſtria, Religiozo de muitas prendas. Perguntando-lhe com confiança de amigo a cauza, porque os PP. Alemaens iam todos para o Malayar, e nam para outras miſoens da China, Cochinchina, &c.

reſpon-

respondeo-me, que o P. Geral com carta circular mandada às Províncias de Alemanha, convidava aos Teólogos, que tinham acabado a Teologia, para o Malavar; para poderem opor-se aos Erejes Dinamarquezes, que contavam a fazer grande dano no Malavar.

O cazo foi, que os tais Dinamarquezes, que possuem na costa do Malavar o porto de Trankbar, comensaram a catequizar os Indios Malavares, para os afeiçoar ao dominio de Dinamarca. Pela vizinhança do dito porto com as missoens do Madurè, os catequistas Erejes tiveram occasiam de disputar com os catequistas Catholicos, (catequistas são os Indios mais cultos, e bem doutrinados pelos Misiónarios, os quais explicam aos outros a doutrina de seus Meitres) os catequistas apelaram para os seus Meitres: e os Erejes, aproveitando-se da conjuntura, dezafiaram os Misiónarios Jezuitas Portuguezes. Vieram à disputa. Os Erejes citaram logo a Escritura, e Tradisam; mas a Escritura em Grego, e Ebraico; os PP. nas linguas em que escreveram, Grega, e Ebraica, Siriaca, &c. Aqui foi ela. Os Portuguezes, que nam estavam costumados àquele modo de argumentar, ficaram pasmados. A Teologia Escolastica, as formalidades Aristotelicas nam tinham foria contra uns omens, que nam argumentavam com palavrinhas, mas com textos; e com a Istoria. Finalmente por nosos grandes pecados ficaram tam envergonhados e confuzos, que o Vice-Provincial do Malavar escrevendo, como é obrigado todos os anos, ao P. Geral, lhe deu conta do que sucedia. E este zelante Prelado acodio com os PP. Alemaens, que pela vizinhança dos Erejes estudam as Linguas Orientais, e mais Polemica, que Escolastica. E eis aqui tendes, meu Fr. Arsenio, que nam só nos reinos Estrangeiros, mas aqui mesmo em Portugal; e o que mais é de admirar, na mesma India é mil vezes necessario o estudo das Linguas Orientais, e da Teologia Dogmatica; e que a Escolastica nam vale nada.

Isto mesmo se conhece examinando bem as materias. Muitas vezes depende da intelligencia de uma palavra, uma inteira questam gravissima. Porei algum exemplo: A interpretaçam da palavra *Siloh* mostra, se o vaticinio de Jacob pertence ao Messias. Da palavra *Alma* depende a questam, se a Virgem pario sem concurso de omem. Da palavra *Emmanuel*, se em Cristo á uma só pessoa. Frequentemente na lingua Ebraica um *ponto*, ou *suffixo*, ou *letra servil* tira muitas duvidas: v. g. se o primeiro omem foi sepultado em *Hebron*: se o Diabo tomou verdadeiro corpo de serpente: se os pés, e as maons do Messias se deviam pasar com os carvos. Outras vezes com um artigo dos Gregos confutamos os sofismas dos Erejes, quando se examina a Divindade do Verbo, ou a subsistencia do Espirito Santo. Impossivel é que impugnemos bem as erezias antigas, sem saber que coiza é *Omooussion*, *Hypostasis*, *Theotokos*, &c. Nem menos sem a intelligencia do Grego saberemos o que significam os nomes dos livros sagrados, *Genesis*, *Exodus*, *Deuteronomium*, *Paralipomenon*, *Evangelium*, *Apocalypsis*. Desfor-

te que para qualquer parte que nos voltamos na Teologia, vemos a necessidade da Lingua Ebraica, e Grega. Sem falar por agora em mil outras controversias, que sem a intelligencia dos textos Originarios nam se alcançam, como conhecem os que abriram livros Dogmaticos. Mas como vós nam entendeis estas materias, nam é muito que condeneis aquilo mesmo, que os omens mais doutos, especialmente os Jezuitas exaltam.

R E F L E X A M VI.

Da Retorica.

A Qui comeisais com a vossa costumada moderasam, e com doutrinas bem elcuzadas. Mas logo concedeis; *que á muitos, ainda entre os Prégadores, que pouco usam desta arte de falar, e observam mal os preceitos dela: mas que vos nam empurre todo o panal. E o homem nam está de acordo, senam de empurrar todo o panal, ateque vós deis a diversa razam.*

Para provar alguma coiza devieis provar, que avia muitos, que observavam todos os preceitos da Retorica; e responder aos argumentos, que o Critico tira das obras dos ditos Prégadores mais celebres; e mostrar que aquella dispozisam é a melhor da Retorica. O Critico diz que ele nam nega, que algum particularmente estuda bem, e que destes conhece alguns. (1) Mas diz que o comum do Reino prega muito mal. Pertencia a vós mostrar a contraditoria, *que o metodo comum é optimo.* Isto nam fizestes vós: onde fica em pé a dificuldade: e todos os que entendem a materia ficam-se rindo de vós.

E que culpa tem disto a Retorica de Pomey? muita; porque ela é a Retorica por onde estudam os que sabem mais. E porque nam aponta os erros, que achou no Pomey? Porque escrevia a um homem douto que os sabia, e é coiza publica ainda entre os mesmos PP. da Companhia: e o Critico nam tomou por assunto criticar os Autores, mas apontar o metodo. O P. Meneftrier Jezuita doutissimo diz muito mal de Pomey. Mas o que é mais de admirar está nisto: que tendo os Jornalistas da Haya (2) criticado os Jezuitas das Memorias de Trevoux, dizendo que tinham perdido o bom gosto da eloquencia lendo o P. Pomey; os tais Jezuitas se defendem dizendo, que nem o Leram, nem o ensinaram aos estudantes, e que julgam dele o mesmo que o Jornalista (3) deste modo: Se o Jornalista da Haya quer saber o que julga da eloquencia a Sociedade de Trevoux, leia a Retorica do P. Cygne, ditada por dois celebres Profesores da Univerfiaade de Paris; as suas Analizes de Cicero; Balbini Quasita Oratoria, Alberti de Albertis Actio in Eloquentia corruptores, P. Rapin Reflexoens sobre a Eloquencia, P. Gisbert

(1) Tom. I. pag. 104.

(3) Journal de Trevoux. Dezembro

(2) Mex de Mayo, e Junho 1713. bro 1713. pag. 2096.

Bom gosto da Eloquencia, P. de Foix Arte de pregar. Informe-se em Colégios os Polignais, os Nicolais, os Lamoignons, os Benoists, os Chauvelins, os Dumont, omens eloquentísimos: em que Collegio tantos Advogados famosos, tantos Pregadores celebres estudaram Retorica, e sentirá ter feito uma satira, que já a voz publica tem confutado.

Aqui tendes, Fr. Arsenio, que os Jezuitas mais doutos nam só approvam o que diz o Critico, mas se queixam de que lhe digam, que lem pelo P. Pomey, e condenam tacitamente o Jouvency, de ter feito uma nova edisam ainda que aumentada, e emendada. (1) E se quereis saber que de-feitos, tem, lede o famoso critico Morhof, (2) que vos dirá que somen-explica bem as figuras, e amplificaam; mas que nas regras que dam os outros, em lugar de as explicar bem, embrulha, e confunde tudo; e o que diz de sua caza sobre achar as provas na amplificaam, e coizas semilhan-tes, sam ridicularias; e que ensina a falar sem saber o que lê diz, como Raimundo Lulo. E aqui vereis a verdade, e moderasam com que falou de-le o Critico, dizendo somente, que nam tinha metodo, e era obscuro.

Definiz magistralmente, que vale pouco o que diz o Critico satirizan-do os Prégadores. E como se isto fosse definiam de Concilio, julgais que é superfluo provalo. E ficam em pé todas as dificuldades que promoveo o Critico contra o metodo comum, e esperam ainda a resposta. Dizeis mais, que á dois modos de prégar: um puramente Oratorio sem uso de conceitos, e só apontando os textos da Biblia no sentido literal, como fez o Segneri, e o P. Bourdaloue, outro usando de conceitos tirados do sentido allegorico, que é o de que mais se agradam os Portuguezes, e Espanhoes. Só esta propozi-sam bastava para mostrar aos inteligentes, que nam sabieis que coiza é Re-torica.

Meu Fr. Arsenio, nam á mais que um modo de prégar, o qual ex-plica Cicero por estas palavras, *docere, delectare, movere*. (1) Isto é o que ensinaram os Gregos, os Romanos, e os mesmos SS. PP. A Retorica é uma só; as regras sam as mesmas em toda a ocaziam; a materia é que po-de ser diferente. E quem nam pratica estas regras, nam pode ensinar, agrada-r, e mover; e por consequencia nam sabe prégar.

Assim como nenhuma Nasam pode mudar a natureza, e paixoens dos omens, assim nenhuma pode inventar regras diferentes para excitar esas pai-xoens. Por forsa devemos praticar aquilo, que a experiencia mostrou ser o unico meio de o conseguir, que sam as regras, que nos deixaram os anti-gos. Quem saie deias, logo dá em seco, e a experiencia o confirma; por-que ninguem fica persuadido, quando nam ouve prégar bem. Por isto agrada

D ii

da

(1) Em 1712.

(2) *Oratoris est docere, delectare, movere. Primum est necessitatis, alte-*(3) *Polyhist. tom. 1. liv. 6. c. 2.**rum suavitatis, tertium victoria. Cice-ro in Oratore.*

da tanto a todos os que sabem Retorica o Segneri, e Bourdaloue, porque observaram estes preceitos.

Perguntárvos eu, para que fim publicastes esta Apologia? Direis, que para persuadir ao mundo literario, que sois um grande omem, e que o Critico é um grande ignorante. E porque nam conseguistes este fim? a razan é porque nam buscastes argumentos verdadeiros para o persuadir, nem soubeistes dar verosimilidade a isto mesmo que escrevestes. E eis aqui tendes, que o fim de quem fala, ou escreve é o persuadir: e quem nam busca os meios de o coneguir, nam é Retorico, mas falador. O mesmo succede nos sermoens: se acazo o Pregador nam diz coizas verdadeiras, claras, e com tal artificio, que as meta pelos olhos, e ouvidos, ninguem saie de lá persuadido: nam os ignorantes, porque o nam entenderam: nam os doutos, porque conheceram os seus defeitos.

Se vós tiveseis estudado a materia, e lido os melhores autores, acharieis que esta é a pura verdade; e que nam á mais regras para prégar, do que para orar em qualquer outra materia; e acharieis que nenhum Retorico nem profano, nem sagrado ensinou nunca tal modo de prégar por-conceitos.

Agostinho Valerio, aquele grande Cardial, e Bispo de Verona, que floreceo nos tempos do Concilio de Trento, sendo rogado por seu amigo S. Carlos Borromei, para que compozese uma *Retorica Ecclesiastica*, foi o primeiro (nam falo em Erasmo) que escreveo semelhante Retorica. Mas que faz ele nesta Retorica? No primeiro livro mostra a necessidade da eloquencia para o pulpito: dizendo que deve ser clara, agradável, e ornada. Mostra os defeitos que á neste particular, e ensina a evitalos, e a dilatar os argumentos com os principios de Aristoteles: indicando as fontes donde se devem tirar os argumentos, que sam a Escritura, a Tradisam, os Concilios, os PP. e todos os melhores escritores Ecclesiasticos. No segundo livro trata das paixoens segundo a doutrina de Aristoteles, Cicero, e S. Agostinho, que é a mesma. No terceiro trata da locusam, provando a sua necessidade, e aconselhando buscar um Mestre, com quem se aprenda fundamentalmente, ler as orasoens mais eloquentes; e finalmente expoemlhe tudo o que neste particular disseram Aristoteles, Cicero, Quintiliano, Cornificio; acomodando tudo á gravidade de um ministro Evangelico. Isto disse aquele grande Retorico: isto agradou a S. Carlos, que nam era omem de louvar senam coizas utilissimas: e isto praticaram todos os que se seguíram despois. E isto mesmo á proporsam diz o Critico. Onde achais aqui o defeito?

O grande Luiz de Granada Dominicano Espanhol na sua *Retorica Ecclesiastica*, segue os mesmos principios de Aristoteles, Cicero, Quintiliano, acomodados ao argumento sagrado. Escreve com mais difuzam que Valerio, mas escreve com os mesmos principios. E notai que o P. Rapin

Jezuita (1) propoem Granada aos seus leitores, como o melhor exemplar dos oradores sagrados.

Fr. Lourenço de Villavicencio Agostiniano Espanhol, no seu livro de *Formandis sacris concionibus* nam se afasta destes principios. Os nosos Observantes dizem o mesmo. Fr. Francisco Panigarola Bispo de Asti Italiano, no seu livro intitulado: *O Pregador, ou Demetrio Palereo de Elocutione, &c. ou a Eloquencia Profana Grega acomodada à Eloquencia sagrada*: mostra que nam á outro modo de pregar. E o mesmo confirma outro Observante igualmente celebrado, que é Fr. Diogo Stella Espanhol no seu tratado de *Modo concionandi*. Este autor explica as coizas com mais individualidade pelo que respeita aos argumentos, notando os muitos defeitos dos Pregadores do seu tempo: e diz exprefamente o que escreve o Critico da divizam do fermam. (2) E notai, que Kekerman autor Breje na sua *Rhetorica Ecclesiastica*, louva o stella como um dos melhores Retoricos. Todos estes foram do feculo XVI. em que a Eloquencia florescia.

Pafemos ao feculo XVII. O P. Gody Benedictino, um dos omens mais doutos, e pios do seu feculo, no livro *Via ad eloquentiam Christianam* confesa (3) que nam á outras regras para pregar senam as de Aristoteles, Cicero, Quintiliano: e afim o pratica na sua Rhetorica: e nam faz mais, que em lugar de exemplos profanos dar sagrados tirados da Efcritura, e Padres.

E que diram nesta materia os melhores Doutores da Companhia de Jezus? o mesmo que os outros; nem podiam dizer outra coiza. O P. Cauffino Jezuita na sua Rhetorica confagrando trez livros à *Eloquencia Ecclesiastica*, diz claramente (4) que o Pregador deve *def. e a n.ocidade saber todas as ciencias humanas: que deve saber bem a Iftoria, os costumes, e uzos do paiz: a Teologia, a Efcritura, os Concilios, a Moral, e Iftoria Ecclesiastica*. Enfinalbe os preceitos Retoricos dos estilos, &c. (5) e provalhe tudo com exemplos de S. Joam Crizostemo, que é um grande Retorico. O mesmo diz no que pertence aos preceitos o P. Braz Gisbert Jezuita na sua *Eloquencia Criften*: (6) e o P. de Foix tambem Jezuita: e nam dam outros ditames, senam os dos Gregos, e Romanos.

Os outros melhores autores da Companhia, e que tem nome entre os mais doutos, v. g. o P. Pelletier, Soares, Arriaga, Cresol, Maffenio, du Cygne, Rapin, Bouhours, que escrevem Retoricas, ou Reflexoens sobre a Eloquencia, nam falam de coizas separadas: mas propoem uma forte de regras, e dizem que fervem paratudo. Deixo de parte os seculares, que escreveram *Retoricas Ecclesiasticas*, como Monsieur des Bords, de Bre-

16-

(1) *Reflexoens sobre a Eloquencia*, pag. 70. em 4. Franc.

(2) No cap. 23. e 37. e 38.

(3) Prefasam pag. 7.

(4) L. XV. p. m. 951.

(5) L. XVI.

(6) Em Francez impresa em Leam.

teville, du Jarry, e outros, que podia citar: os quais todos convem neste ponto, que a materia é a que diverifica o Orador Sagrado do Profano, mas nam as regras.

Temos aqui, Fr. Arsenio, os maiores omens das Religioens Benedictina, Dominicana, Franciscana, Augustiniana, Jezuitica, e do Clero secular, que diseram o mesmo dos Pregadores, e Oraçoes, deide que se restableceo, a Eloquencia. Nem todos são Francezes, mas Espanhoes, Italianos, Tudeicos, Portuguezes. E quererdes vós agora, que a vossa opiniam valha mais que a dos oraculos nesta materia, venerados por todos os que sabem que coiza é Retorica, é mostrar que sois louco. Mostrame um unico Retorico, (nam digo eu algum preocupado, que esse nam prova nada) que tenha aceitaçam entre os doutos, e que diga, que á dois modos de prégar, um oratorio, outro por conceitos, que eu me quero desdizer de tudo quanto dise.

Nem me citeis unia ou outra expozicam de S. Agostinho no sentido allegorico. Isto nam prova nada para o caso: Nem o Critico ate aqui negou, que o sentido allegorico possa ter seu uzo; mas lo condena o abuzo. Se vós tiveseis lido os livros de S. Agostinho, que o Critico cita (como era obrigacam vossa, ja que querieis criticar) verieis que diz o mesmo, que diz o Barbadinho.

Nos quatro livros de *Doctrina Christiana* instrue este Santo Doutor os Prégaros. Mas especialmente no quarto lhe encomenda que estudem a Retorica: (1) e lhes dá os mesmos tres perceitos de Cicero, dizendo, que se devem explicar em modo tal, *ut audiantur intelligenter, libenter, obedienter.* (2) Enfinalhe o modo de o conseguir, e o estilos. Finalmente conclue, que nam obstante a diversidade da materia Sagrada, e Profana, a Retorica nam dá diferentes regras, para uma, do que para outra: e diz, que nam deve o Pregador desprezar nada do que os Mestres da eloquencia ensinam, porque tudo é util.

Lede, Fr. Arsenio, este S. Doutor, que foi o primeiro e unico, que tratou esta materia entre os PP. (3) e vereis que em cada folha desmente a vossa opiniam, e a dos vossos sequezes: e que vos diz claramente, que nem sabeis prégar, nem podeis entender o que o Critico diz dos sermoens, porque vos faltam os principios. Assim que neste particular tudo o que dizeis é para mostrar a vossa incapacidade: porque asentando naquele principio de todos os Retoricos, que se deve prégar como diz S. Agostinho, segue-se que os que o nam executam, nam prégam, mas falam, e muito mal. Pelo que se quereis provar alguma coiza, deveis provar primeiro, que o que diz o Critico dos Prégaros Portuguezes é falso: segundo, que o que diz S. Agostinho, e todos os Retoricos Ecclesiasticos

(1) L. IV. n. 3.

(2) Ibid. n. 38.

(3) Agostinho Valerio na Prefacam da sua Retorica Ecclesiastica.

nam vale nada: terceiro, que o modo de pregar de Espanha, e Portugal é o unico, e verdadeiro para persuadir. Em quanto nam provais isto nam provais nada: e so provais que vos metestes a falar no que nam entendieis.

E agora entenderéis a razam, porque o Critico nam condena o P. Suares: porque ele nam escrevia para condenar a Natam, mas para lhe mostrar os defeitos dos Autores, e ensina a evitalos. E como o Suares é um dos melhores autores da Companhia, que escreveu um belo compendio de Retorica tirado de Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e mui bem escrito em Latim; por isto o nam condenou. Condena sim aqueles, que nam fazendo caso de tam bom compendio, (como vós que nunca o lestes) se ter- vem do Pomey, e outros semelhantes embrulhadores.

Verdade é que ele mesmo Soares tem algum defeito: porque no primeiro livro confunde a abundancia do Orador com a amplificação. Nam aponta nem o tempo, nem o lugar da amplificação. Nam distingue bem as paixões. Diz muito pouco dos costumes Oratórios. Querendo dar regras para a memoria, contra a experiencia. Mas estes defeitos pode um Mestre facilmente advertir e suprir, e o compendio tirando isto é ottimo.

O que dizeis no penultimo paragrafo merece compaixam. 1. Confundiz o sentido da Escritura com o mau uzo, que dele fazem os Pregadores, como se este dependesse daquele. 2. Confundiz as exposições dos SS. PP. com os sermoens. 3. Quereis provar isto com S. Jeronimo, sendo um dos PP. que falou, e orou melhor: e para isto citais algumas palavras, e nam olhais para as outras obras suas. Citais S. Gregorio Magno, sem saber que em materia de eloquencia foi dos que soube menos: e com tanto alegorizar se afastou das regras dos outros PP. e de S. Agostinho: ele mesmo confessa, que cometia muitos erros contra a Retorica, e Gramatica. (1) E quem faz isto nam é bom autor de Retorica. Mas vós que nam sabeis nada da Istoria Literaria, e nunca abristes os melhores livros, entendeis que todo o malo é ouregam. Outro officio, meu Fr. Arsenio, que o criticar nam é para vós.

Daqui saie a resposta para o que diz o Critico do P. Vieira. Ele louva no Vieira (2) a capacidade, a piedade, a doutrina, a inteligencia das coizas politicas. Isto chama-se Louvar, e nam satirizar. Acrescenta por- rem, que se se applicasse a outro estilo, e florecesse em outro seculo seria o maior homem do mundo. Em tudo isto o Barbadinho tala com grande

(1) *Unde & ipsam artem loquendi quam magisteria disciplina exterioris insinuavit, servare despexi. Nam sicut hujus quoque epistola tenor enunciat, non metacismi collisionem effugio, non barbarismi confusionem devito: situs, motusque propositio- num casusque servare contemno: quia indignum vehementer existimo, ut verba caelestis oraculi restringam sub regulis Donati.* Gregor. Pap. in Dedic. Moral.

(2) Tom. I. pag. 174.

moderavam, e respeito. Diz mais, que o Vieira seguindo o metodo moderno dos Espanhoes se afastou do verdadeiro modo de pregar. E tambem nisto diz a verdade.

O Vieira era um grande omem, e se florecese oje abismaria o mundo. Soube pregar, e conheceo a verdade, mas nam quiz pregar, porque achou Portugal preocupado com os estilos Espanhoes, e foilhe necesario conformar-se com eles: e porque mudou alguma coiza no estilo de pregar teve suas perseguiçoens. Agradou em Roma a alguns, que seguiam as mesmas opinioens dos Espanhoes: porque naquele tempo a Italia tinha algumas preocupasoens nesta materia. Mas se quereis saber, em que conceito esta oje, que o mundo tem aberto os olhos, mandai-o perguntar a Florença, ou Roma aos milhores Pregadores: La ouvi eu o mesmo, que o Barbadinho conta de si. Mas vòs fazeis muito mal de falar das Nasoens estrangeiras, onde nunca estivestes: e de citar o Segneri, e outros, que vòs nam lestes, nem podieis entender; porque vos faltam os principios, a lingua, e a doutrina.

Einalmente dizeis, que o Barbadinho afirma, que a *Istoria do Futuro* é o *Clavis Prophetarum*. O Critico nam diz tal: diz sim, que na *Istoria do Futuro* dá o Vieira uma ideia do *Clavis Prophetarum*. (1) E isto aprendeo ele no mesmo Vieira, que o diz claramente na dita Istoria, afirmando ser um Prologomeno da tal obra. Mas vòs com tanto que injurieis o Barbadinho, nam importa que escrevais calumnias. Como se configa enganar o povo ignorante, com dizer que dezagravais a Nasam, pouco importa que fique dezacreditada a nosa Religiam, com as infinitas falsidades, que nesta chamada Apologia escrevestes.

A concluzam é, que vòs nam respondestes ao Critico; so nos injuriastes a nòs, e a vòs. Lede bem, se o podeis fazer, o Barbadinho; (2) estudai bem os autores, que cita; e entam consultareis os sermonarios modernos, e direis o que vos parecem. E lede tambem o *Scrutinium doctrinarum*: e entam vereis se o que disse o Critico dos qualificadores é verdade.

REFLEXAM VII.

Da Poezia.

NA Poetica temos as mesmas incoerencias da Retorica. Em lugar de provar o que devieis, demoraivos com certas palavrinhas; e atribuiuz ao autor o que nam disse. Meu Fr. Arsenio, lembrado estareis, que sempre na Filozofia vos adverti, que o principal ponto de quem argumenta deve ser provar a contraditoria do que lhe negam; e vos adverti muitas vezes,

(1) Tom. I. pag. 169.

(2) Tom. I. pag. 172.

ves, que fazieis o contrario. Cuidava que vos tiveseis emendado; mas vejo que cada ves estais pior: porque nenhuma destas Reflexoens tocais o ponto.

O Critico diz, que Camoens teve grande engenho, e fecunda imaginafam, e poderia com estudo desempenhar o argumento da Epopcia, e que naquele tempo é maravilha que escrevesse tambem. (1) Diz mais, que o Camoens tirando os defeitos que aponta é um dos melhores Poetas Portuguezes.

(2) Vós respondeis que o Critico diz que Camoens nam vale nada: e que quer tirarlhe a estimafam do melhor Poeta Portuguez. (3) Primeira calumnia. O Critico diz que o Camoens entre muitas boas qualidades teve muitos defeitos: (4) e os refere tanto no Epico, como na Verificafam: e esta critica é prudente. Vós a nada d'isto respondeis. O Critico diz, (5) que Camoens nos Sonetos diz algumas coizas mal. Vós nam tocais este ponto.

O Critico diz (6) que o Chagas cometeo mil erros sustanciais no feo Poema, e cem mil nos Sonetos: e que se serve sempre de palavras sem significado: o que prova com o mesmo Chagas. Vós feni falar, nem responder ao que devieis, contentaivos com dizer, que a fraze *agradables daños* é muito engrafada, e se pode admitir: o que provais de modo tal, que merece compaixam. E o pior é, que confesais em outra parte (7) que os Poetas ainda nam alcanfaram a licenfa de unirem contraditorios.

O Critico diz, (8) que o tal Espanhol, que fez o Soneto ao nariz grande, depois de o ter encarecido tanto, desfizera quanto tinha dito com a frioleira de Anaz. Vós dizeis, (9) que o Critico nam quer dar licenfa aos Poetas para uzarem de iperboles: o que provais com alguns exemplos. É temos outra calumnia. Valha-vos Deos! que nunca aveis de vex nos autores o que dizem; mas somente fantasmas, que nam existem le-nam na voza mal regulada imaginafam? Eu nam vi tal cegueira!

O Critico finalmente relata mil defeitos dos Poetas Portuguezes, nacidos da comunicafam com os Espanhoes: e indica o modo de os emendar, correndo por todas as composiçoens: Especialmente nota os defeitos dos Elogios lapidares, e outras coizas muito mimozas neste Paiz. E dá os melhores conselhos, que apontam os bons Poeticos, para compor com acerto, e gosto. Vós respondeis a tudo isto, que a noticia destas composiçoens nam vos era necessaria, e que o Critico mostra que nam sabe qual é o feo estilo. Serve-lhe a resposta.

O Critico prova tudo quanto diz com os Mestres da Eloquencia antigos, e modernos: e quanto aos Elogios lapidares podia confirmar tudo com os mais doutos Jezuitas, especialmente o P. Jonvency Jezuita, que

(1) Tom. I. p. 214. (2) Ibid. 218.

(3) Reflex. Apolog. pag. 24.

(4) Tom. I. pag. 215.

(5) Tom. I. pag. 208.

(6) Tom. I. pag. 218.

(7) Reflex. Apol. pag. 26.

(8) Tom. I. pag. 133.

(9) Reflex. Apol. pag. 25, 26.

no seo *Methodus docendi, & discendi* raz escarneo do Juglar, e de outros, que o imitam. E nisto nam diz mais que o que pratica toda a Europa erudita. Quereis saber quanto valem eses Elogios, mandai-os a Roma aos PP. Contucci, e Venturi, que sam oje os milhores Retoricos da Companhia: ou aos PP. Cordara, e Noceti, que sam os milhores Poetas; ou aos PP. Lagomarsini, e Nicolai, de Florensa, que sam os milhores Latinos; e eles vos responderam quanto valem. Ou mandai-os a qualquer das milhores Academias de Italia, ou a das Inscriptoens de Pariz, e ouvireis a resposta.

Compoem um autor de credito em Portugal na Canonizafam dos SS. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka uma Tragedia Latina, e dá-lhe este titulo: *Aloujus, & Stanislaus Actor, & Imitator*. Manda-a a Roma para abismar os Jezuitas Italianos. Elles, que sabem mais do que vòs, logo no titulo acharam o essencial defeito da obra; que em uma afam primaria, representa duas, e sem mais artificio refere toda a vida dos Beatos: e lepidamente llic chamaram *Liber de ortu, & interitu*. Vede agora se a noticia das composicoens particulares e necessaria em Portugal, e se erron o Critico em apontar os defeitos?

Emfim a conciazam e, que a nada respondestes do que o Critico disse, e provou dos defeitos das Poezias: e que muí consolado das ridicularias, que dissestes, concluiz, que o mais que diz sobre a Poezia nam merece resposta, mas total desprezo. Se ele o disse de sua cabeça; podia concedervos isto de barato: mas o caso e, que o disse, e o provou com os milhores autores; e o podia ainda confirmar com os mais doutos da Companhia, como o P. Rapin, e outros; e geralmente com todos os inteligentes da materia, que leguem as mesmas opinioens. Ele nam fez mais, que mostrar nas composicoens Portuguezas os defeitos, que os Mestres da arte mandam evitar: e diz quanto basta para se evitarem. E nisto mesmo se mostra a voia loucura, de condenar como coiza sua o que dizem todos os Mestres.

Verdade e, que confesa nam ter muita noticia dos Poetas Portuguezes: mas tem a que basta para mostrar os seus defeitos: e sabe perfeitamente as regras da Poezia, que e o que vòs nam sabeis, como mostrais em tudo o que dizeis, especialmente na censura que fazeis ao Soneto, que ele aprovou, em que dizeis coizas bem indignas. E assim concluimos nòs tambem com outra resposta semelhante: *Que nam digo mais, porque nam devo falar com um omem, que nam entende a materia.*

R E L E X A M VIII.

Da Logica.

Cuidava eu, que na Logica disseis alguma coiza, que viesse mais à propósito; visto tervos dado melhores ditames que os comuns, quando vos ditei esta materiã: mas vejo que aqui falais pior, do que nas outras, nam obstante o falar tam mal nelas.

Primeiramente duvidais se o que diz o Critico da Istoria Filozofica é verdade. E nisto mostrais a vosa grande ignorancia no que pertence a esta profissam. Depois dizeis que dali nam se tira nada. Nam se tira para vòs, que nam sabeis o que é necessario para as cicencias: mas tira-se para os outros, que querem saber com fundamento o que estudam, e com isto querem responder às falsidades, que os Peripateticos, como vòs, dizem nestas materias. E tambem com isto se mostra que a Filozofia moderna, que vòs censurais, foi, e é actualmente abraçada por muitos omens grandes, sem serem condenados pela Igreja, e sem que ninguem lhe chame pouco seguros na Fé.

Confesais, que a Filozofia Experimental é digna de estimar: e logo acrecentais, que a Experimental nam detroe o sistema Peripatetico. E que provas dais para isto? eila vai: *Apareçam as balanças para pesar o ar: que parecem se devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ar nam tem mistura de vapores, e exalaçoens, que facilmente podem causar esse pezo.* Que bela graça, meu Fr. Arsenio! Estivestes vòs algum dia junto da Lua, para saberes se tem vapores, exalaçoens, e atmosfera? ou medistes ja a altura do ar, para saber se chega até a Lua? creio que nam. Pois quando de la vierdes, falaremos entam neste ponto.

Por agora io vos digo, que a Lua é um corpo como a terra solido e opaco, cheio de vales e montes mais altos que os nosos, como confessa o Keplero, (1) Monsieur de la Hire, (2) o P. Riccioli Jezuita (3) e o P. Regnault tambem Jezuita. (4) E Monsieur Cassini vio nela monte, que lhe pareceo ter mais de trez legoas de altura. (5) Se tem atmosfera sensivel, nam o sabemos; aindaque o podemos suspeitar, visto estar exposta aos raios do Sol. Se tem ar ao redor, nem menos o sabemos. Mas nada disto tem parentesco com o pezo do ar neste noso globo; provado com tantas experiencias, que os mesmos PP. da Companhia mais doutos, e especialmente o dito Regnault dizem ser coiza evidente. Mas isto per-

E ii

tence

(1) *In Nuntio Sidereo.*(4) *Entretiens Phys. tom. IV. pag.*(2) *Memoires de l'Académie, 1706. 198.*

pag. 110.

(5) *Mémoires de l'Académie, 1724.*(3) *Almagesti, tom I. l. 4. p. 208.*pag. 405. *Histoire de l'Acad. p. 88.*

tence à Física, onde mostraremos a incompatibilidade das ditas propozisoens.

Confesais, *que quanto diz o Critico do Sologismo é ja velho, e que o diz o P. Arriaga.* Aqui temos outra falsidade, e calumnia: porque o P. Arriaga nam diz a seista parte do que diz o Critico, e fala só de uma materia. Confesais, *que as Filozofias Portuguezas andam cheias de muitas queisoens, que se podiam omitir.* Pergunto agora, se e cá velho o que diz o Critico, e todos o sabem, para que fazem o contrario? Se o fazem por malicia; sam condenaveis: se por inadvertencia, devem-se avizar paraque se emendem. E em ambos os cazos deviam agradecer ao Critico, o ensinarlhes o verdadeiro caminho de filozofar. O certo é, que iso que vós chamais velho, é aqui tam novo, nam só nas Univerfidades, mas ainda nos conventos, da Corte que geralmente quasi todos fazem o contrario; e se escandalizam quando lhes dizem o que aviza o Critico: como eu vejo nestes nosos Religiozos. As disputas todos os dias crecem nos Univerfais, Sinais, Propozisocns, Silogismos, &c. e a Logica que se devia ensinar nam se ensina.

O Critico diz, (1) *que nam á discusso que persuade, que nam seja em virtude de um Silogismo: mas que daqui nam se segue, que sem a noticia distincta do Silogismos nam se possa explicar bem.* O que prova com o exemplo do mastigar. Vós dizeis, *que o Critico umas vezes aprova, outras condena o Silogismo.* Outra calumnia. Valhate Deus para omem, que nunca ás-de ler os periodos inteiros, mas troncados!

O critico falando do que os mestres experimentam nos estudantes diz, (2) *que se disserem a um destes, que o ramo é sinal do vinho pelos termos comuns, logo entende: se pelos termos Filozoficos, que com dificuldade entende.* Vós separando a propozisam do contexto, dizeis que o exemplo é uma frioleira; pois se falarem a um rapaz em latim, nam entenderá ainda que a fraze seja clara. E temos outra calumnia. Meu P. o Critico no mesmo paragrafo diz ambas as coizas: e vós nam devieis separar uma propozisam do contexto para o calumniar. O Critico condena o que se diz no *Priori*, e *Posteriori* da Logica: e esta nam se explica aos rusticos, e idiotas, mas a Filozofos principiantes. Onde tudo o que dizeis é uma mera parvoice, como pode ver quem ler o dito paragrafo.

O Critico desde a pag. 308. explica cum titulo expreso a *Ideia da Logica*, que pode ser util: ensinando de que nasce a necessidade da Logica: como se adquirem os conhecimento: dando a divizam das ideias relativamente aos trez objetos, *Modos, Substancias, e Relasvoens*: explicando o que significam estas trez vozes: explicando a diversidade dos conhecimentos, especialmente dos Univerfais; a diversidade dos Juizos; a natureza do Raciocinio. Daqui pasa ás cauzas dos nosos erros, e as explica em breve. Depois dá o metodo de os evitar; expondo as priucipais leis do metodo Analitico, e Sintetico; e o modo de disputar. E assim em poucas palavras diz a substan-

(1) Tom. I. p. 249.

(2) Tam. I. pag. 243.

substancia das melhores Logicas, com a ordem que lhe pareceo mais natural: e nisto emprega 30. paragrafos bons. Vós copiando as seis regras, em que trata do metodo Analitico, dizeis expresamente, *que o homem prometendo dar uma idea da boa Logica, nam diz mais que as ditas quatro palavras.* Pode aver calumnia, temeridade, e *dezaforo* semelhante! (é palavra voã) E sofre-se no mundo tal modo de elerever, e calumniar, sem aver quem vos castigue por semelhante temeridade! E nam quereis que os nosos PP. digam que sois um ignorante prezumido sem o minimo fundamento; e que na Religiam Serafica nunca se costumou inventar mentiras para criticar os Escretores?

Aquelas quatro leis, que o autor indica em poucas palavras, nam se dictam assim aos estudantes; mas cada uma delas se explica, e prova com exemplos, como se pode ver nas Logicas modernas, principalmente de Brescia, Soria, Corsini, que nam sam Jansenistas, e tratam isto com difuzam. Mas nam quero agora perder o meu tempo, ensinando-vos o que nam sabeis: só vos digo, que lendo esta voã reflexam, o que tiro é, que admitiz a verdade de tudo quanto diz o Barbadinho: mas que para dezaforar a voã raiva, e inveja, no mesmo tempo o injuriais com manifesta calumnia, sem advertir que vos condenais a vós mesmo.

R E F L E X A M IX.

Da Metafizica.

TEndo o Critico mostrado evidentemente a inutilidade, e impertinencia da Metafizica vulgar, e o prejuizo que fazem os que demoram a mocidade com semelhantes arengas; vós passando por tudo isto com grande desembaraço sem responder uma só palavra, samente reparais em quatro coizas: Primeira, que diga que a Metafizica é inseparavel da Logica, e Fizica. Segunda, que critique o Feijoo. Terceira, que critique as formas distintas. Quarta, que critique os atos primeiros proximos, e remotos. E concluz dizendo, *que o mais, que se lê na carta, nem prova contra os estudos da Metafizica; nem impugna os principios Aristotelicos.* Isto fim, que é um novo modo de criticar.

Vós nam respondeis a nada do que o Critico diz contra os defeitos da Metafizica; logo tem razam o Critico no que diz, e vós nenhuma em o concordar: muito mais, porque confesais no fim, *que nestas materias á muita questam impertinente.* E que chamais a isto? criticar a carta da Metafizica? a isto chamam todos nam responder, nem provar coiza alguma: antes fazer-se ridiculo. Se quereis concluir alguma coiza devieis mostrar, *que ou o que diz o Critico dos Metafizicos vulgares era falso, ou que só assim se devia tratar a Metafizica: e que aquella ciencia assim tratada era utilissima.* Em quanto nam provais isto, nam provais nada. Mas

Mas que ridicularias nam dizeis em cada uma das ditas quatro notas? Na primeira definiz, que todas as coizas deste mundo se podem tratar debaixo do titulo de Metafizica: mas que isto nam impede, que se possam tratar estas partes do Lente separadas, e divididas em varias materias. Que profundo pensamento! nam se diz coiza melhor! Mas que tiramos nos daqui contra o que diz o Critico? isto deixo eu à considerafam dos que lerem ambas as coizas, as Cartas, e as Reflexoens.

Vamos à segunda. Dizeis, *que a maior culpa, que o Critico dá ao Feijoo é, porque nos seus Livros se aproveitou do que traziam os outros.* Temos outra calunnia. O Critico fala do Feijoo nos trez ultimos paragrafos da tua carta; (1) e nestes trez ultimos paragrafos nam se achara tal propozitam como esta. O Critico responde aos que em Portugal diziam, que ninguem podia ser douto em Critica, e Filozofia Moderna, sem ter lido o Feijoo: e prova que isto é uma falsidade. Confessa porem, *que o Feijoo tem muita coiza boa, mas que alguma coiza, que na Fizica diz menos má, é o que tirou das Colesoens das Academias Regias.* Mas adverte, que nisto mesmo tem muita coiza má; e que pelo menos é inutil a um Filozofio, aos outros pode ser util. E onde se acha aqui a propozitam, que dizeis?

Mas vós como podeis meter a facada, e injuriar o Barbadinho, nam se vos dá, de que seja calumniozamente. E nam vedes, que todos se riam de vós; porque o Critico nam condena quem se serve dos outros autores, antes aconselha a leitura deles todos os instantes; e mil vezes responde ao seu amigo, que o que diz nam é de sua caza, mas dos melhores autores, de quem o tirou: e nas ocazioens necessarias ate cita nas notas os palos originais. Tal é a vossa cegueira, que nem isto vedes.

Mas eu ja entendo porque incaixastes aqui o Feijoo: foi para dizer, que ele nam condenava ninguem pelos seus nomes; e inveir novamente por este principio contra o Critico. Mas quem vos poderá crer? O Feijoo nomeia nas suas obras todos os autores que critica, antigos, e modernos. E porque nomeiou alguns Religiozos, como a Savonarola, teve perfiguifoenas teniveis; e foi necessario que respondese com apologias. Porque nas Espanhas ainda nam se introduzio a critica, e muitos que nam entendem bem as materias, chamam às criticas sátiras, como à do Barbadinho; e às sátiras criticas, como a esta vossa. Ao mais que dizeis da estimafam da obra, nam quero responder, porque responde pelo Critico toda Lisboa, alem de outros Reinos estrangeiros.

Diz o Critico, *que quem tem boa Logica, nam tem necessidade do Feijoo, para aprender e discorrer bem.* Dizeis vós; *Como se a Logica fosse um conglobado de todas as coizas!* Meu Fr. Arsenio, isto é nam saber entender o que diz o Barbadinho. Ele nam diz que a Logica seja globo de historias, como vós dizeis: diz que a Logica; ou boa razam aplicada a qual-
quer

(1) Tom. 2. pag. 17. 18. 19.

quer materia, fará o mesmo que o Feijoo; e pode ser que melhor, porque o Feijoo criou em muitas coizas substanciais.

Mas que importa que o Critico nomeie as pessoas, se fala somente dos estudos, e fala com respeito dos mortos, e vivos? Sem duvida que rics que fizese o que fez um certo moderno, que louvou todos os autores, ainda aqueles, que nem mehos se deviam honnar: e eu me achei presente a varios discursos, que fizeram os doutos, principalmente Estrangeiros, que estalavam com rizo.

Porem eu ja vejo que o Critico fez mal. Devia abstrair a razam de erros, de livros, de nidos metodos *in genere*: depois dilo abstrair a razam de autor, e reduzila ao genero sumo de futiliza por meio das precizoens formais: e reduzila ao estado, em que o Chagas poz aquele pe pequeno da Dama, que era necessaria uma fe particular para o conhecer. Isto posto, entregar estas razoens genericas ao Ente da razam, e pedir-lhe que as destilase em um lambique bem metafizico, para produzirem a razam summa de metodo: e imprimir entam esta razam generica de *Metodo*, que lem duvida seria um livro utilissimo para a reforma dos estudos.

Na terceira concluis com uma falsidade, dizendo que depois da Critica, que o Barbadinho faz ao Feijoo, *se segue uma grande repressam, que dá aos Peripateticos sobre o admitirem as formas distintas*. Isto e falso: porque depois da critica do Feijoo nem se segue nada na dita carta. Mas vos escrevestes isto de noite. Porem a vosa critica responderei na Teologia, porque vai incluida na terceira Reflexam.

Vamos a quarta nota. Fazeis aqui um longo discurso, condenando o autor de ter criticado os atos primeiros *proximos*, e *remotos*, e provais largamente que estas palavras som muito claras. Meu P. o Critico mostra entender muito bem estas palavras: o que nam quer entender e a arenga, que com elas se forma na Fizica, e Metafizica. E tem razam; porque os mesmos Peripateticos mais doutos dizem que e uma embrulhada terrivel. Mas demos-lhe que a reflexam seja leve, que vem a ser isto para as infinitas coizas de substantia, que o autor critica nos Metafizicos? Por ventura e cite todo o argumento da carta? Bem se ve logo, que vos dormicis, quando escrevestes isto, ou que nam sabies como divoicis criticar.

REFLEXAM X.

Da Fizica.

Cuidava eu, que vos passase a Fizica sem falar nela. Mas ainda que nam tenhais nada que dizer, como se ve, contudo sempre quereis arranhar o Critico. Desde o principio mostrais a vosa ignorancia Filozofica dizendo, *que se pode conservar a Fizica experimental com a Aristotelica, porque as ex-*

perim-

periencias nam destroem o sistema Aristotelico. Meu Fr. Arsenio, unir estas duas coizas é unir dois contraditorios. Em primeiro lugar vós nam entendeu-deis que coiza é Fizica experimental, porque confundiz a pratica com a especulativa. Se tiveseis lido, e entendido bem o Barbadidho, (1) verieis entam que coiza era Fizica.

A Fizica comprehende duas partes: uma *Istorica*, que refere todos os fenomenos, e os instrumentos, com que se descobriam: a outra é *Discursiva*, que é a Ciencia, que examina a natureza do corpo mediante os efeitos que vemos. Para isto é necessaria a Matematica, como prova no dito lugar o Bardinho. Desorte que o Fizico moderno para explicar qualquer fenomeno, só se serve dos principios da Matematica, que são evidentes, ou para melhor dizer, com as leis do movimento explica todos os fenomenos.

Daqui saie por legitima consequencia, que um Fizico moderno nam pode admitir o sistema Aristotelico. Explicome com alguns exemplos. Primeiro: Passando o raio da luz obliquamente de um meio mais raro para outro mais denso, v. g. do ar para a agoa, ou pelo contrario, nam prosegue por linha direita; mas ou se inclina, ou se afalta da perpendicular. Um objecto visto por uma lente parece muito maior, e os raios vizuais fazem maior angulo na retina. O Prisma de cristal separa sempre os finco, ou sete raios de diferentes cores, de que se forma a luz; o que admitem todas as Academias. Um moderno prova aqui evidentemente que a luz é corpo, porque encontrando outro reflete, ou se refringe; o que nam farta se fosse qualidade. O Peripatetico, que chama à luz qualidade, isto é, nam corpo, nam pode explicar estes fenomenos.

Segundo: Um vidro verde pizado é branco. A pedra negra pizada faz-se branca. A pedra rustica a lizada toma outra cor. O pano encarnado molhado parece mais escuro, &c. O moderno, que confessa que a luz é um corpo, responde, que mudada a superficie do corpo, ou occupada com a agoa, deve a luz refletir diferentemente para os olhos, e produzir diferente sensaçam neles, que é o mesmo que diferente cor. Aristotelico nam diz, nem pode dizer nada.

Terceiro: A agoa, o vinho, e a mesma tinta bem batidas com um pao fazem uma escuma branca; a agoa com o sabam faz a mesma escuma. Aquela brancura nam é sonho, é coiza que existe, e que todos vem, e dura bastante tempo. Contudo desfazendo-se a escuma, tornam aqueles corpos a adquirir a sua antiga cor. Daqui segue-se que a cor nam é uma qualidade distinta; mas que da parte do objecto é a diversa configuraçam da materia, e a diversa modificaçam da luz: e da parte da potencia a diversa afesam produzida nos olhos: E la vai pelos ares a cor Peripatetica.

Quarto: Um corpo odorifero, v. g. uma roza à proporçam que perde o cheiro, perde tambem o corpo; e se vai secando. Daqui tira o moder-

(1) Tom. 2. pag. 33. 34. 35.

no, que o cheiro são as partículas que se exalam do corpo odorífero, e ferem as membranas interiores do nariz: e por consequencia que nam é qualidade Peripatetica.

Quinto: A luz refletindo dos corpos para os olhos, (a que chamam especies vizuais) segundo a diversa configurasam do umor cristalino, representa o objeto maior, ou menor na retina: como se vê nos Presbitas, e Miopes. As qualidades nam tem contato com o corpo, ou quantidade: logo as especies imprensas nam são qualidades Peripateticas, mas um corpo *quanto*, que é a luz.

Sexto: Os animais, como mostra a Anatomia, vivem em quanto o sangue perfeitamente circula no corpo; (e isto confirma o Critico na sua carta da Medicina com o exemplo de Boerhaave) o sangue circula em quanto nam se coagula, ou rarefaz extremamente, ou em quanto se nam rompe algum vaso necessario para conservar a maquina. A alma inteligente nam sabe nada disto que passa no corpo: e assim nam é a que faz este fenomeno. Daqui tira o Moderno, que o que anima os viventes nam é a alma inteligente, mas o dito sangue. E la vai pelos arcs a alma informante, e complate da materia, a forma cadaverica, e outras destas ridicularias.

Setimo: Todos os animais, sem excetuar o omem, nacam do ovo, como mostram as obiervasoes dos famosos Leeuwenock, e outros: Logo nam á tal semente que se corrompa, para se lhe introduzir a forma de omem, como dizem os Peripateticos.

Oitavo: A pasta, que se cria entre os dentes, dizem os Peripateticos, que tem sua materia e forma particular. Os modernos mostram com o microscopio, que nam é outra coiza mais que uma congerie de bichinhos: e ja temos que nam á tal forma Peripatetica.

Nono: Um animal metido em um almofariz, e pizado quotidianamente, reduz-se a polme, e liquido. O trigo pizado faz-se em farinha, e se depois de feito em pam seco se torna a pizar, torna outra vez a ser farinha. O almofariz nam tem virtude de produzir novas formas: e nada ali se produzio de novo. Contudo o polme nam é animal, nem a farinha é trigo, ou pam. Logo a diversa modificasam da materia é, a que faz um novo composto. E la vai regeitada a forma substancial Aristotelica.

Decimo: O ferro, e aço, conforme dizem os Peripateticos, tem duas formas substanciais diferentes. Contudo os modernos do ferro formam aço sem produzir nada de novo. Com que nam á tal forma Peripatetica.

Deixo mil outras experiencias, que provam que o sistema moderno nam se pode unir com o Peripatetico. Estas bastam para mostrar a falsidade da vosa propozisam: (1) *que ainda que sue agoa pela testa, nam á*

F

de

de provar, que estas experiencias deyroem o sistema Aristotelico: (1) que todos os instrumentos da Mecanica nam desfazem o sistema de Aristoteles, nem ate aqui se pode provar. Nam o provam para nós, pois nam sabeis nem sistema moderno, nem mecanico, nem coiza alguma destas. Mas para aqueles que o entendem é isto verdade tam certa, que ate os meimos Jezuitas modernos, que nam obstante a proibisam do seu Geral, se rezolveram a escrever Filozofia moderna, mostram evidentemente que os sistemas sam incompativeis, como o P. Castel, e Regnault, alem de outros. E quando abraçam o sistema moderno, logo regeitam o Peripatetico.

Nem pode ser de outra sorte: porque o sistema moderno nam consiste na istoria das experiencias, como vós supondes: (e ainda nese cazo as melhores experiencias nam se podiam explicar no sistema Aristotelico) consiste sim nos principios, que se abraçam para as explicar. E como os principios dos melhores modernos sejam as leis do movimento, com as quais explicam tudo: segue-se, que para darem razam de cada fenomeno, devem explicar como a materia movida localmente assim, ou assim, possa produzir o tal fenomeno. Os Peripateticos nam explicam nada por movimento de produçam. Logo quem abraça o sistema moderno, nam pode abraçar o Aristotelico, que é diametralmente contrario. Se vós loubeseis bem, que coiza significa esta palavra *sistema*, nam direis, que as experiencias, e instrumentos eram o sistema moderno: e consequentemente que este era compativel com o Peripatetico.

Dizeis mais, que o sistema de Cartezio á muitos seculos que morreo: e que os Espanhoes, que tem o juizo em seu lugar, proibiram os livros de-le, e os mandáram sepultar na cova do desprezo. (2) Nisto mesmo tornais a mostrar a vosa ignorancia. O Cartezio morreo em 1650. e ainda que os Jezuitas em Franca, Flandres lhe foram contrarios, eles mesmos Jezuitas no fim do seculo pasado, e no presente o abraçam em Franca, e Flandres, e oje muitos Religiozos o defendem.

O sistema de Cartezio nam é o sistema moderno, que inculca o Critico; mas outro diferente. O sistema de Cartezio consiste na ipotezi, que fez para as experiencias. O servir-se delas, e explicalas por outro modo, fizeram no mesmo tempo o Galilei, o Bacon de Verulamio, o Merseno, o Gazendo, e mil outros sem dependencia de Cartezio. O sistema que inculca o Critico é o sistema experimental do Galilei, reformado pelo Newton. Mas como vós nam sabeis nada disto, tenho necessidade de vos estar ensinando todos os instantes, como a uma criança, que começa a aprender.

O comum dos Espanhoes nam faz autoridade em materia de Filozofia, porque seguem os mesmos prejuizos dos Portuguezes. Mas os Espanhoes, que tem o juizo em seu lugar, fundáram em Sevilha, e Madrid duas Aca-

(1) Ibid. pag. 32.

(2) Reflex. Apolog. pag. 33.

Academias de Fízica experimental, e Medicina, segundo o estílo das de França, para introduzirem no reino a boa Filozofia, e deitáram abaixo as parvoices da Aristotelica, como confessa o voso mesmo oraculo Feijoo, no 7. tomo falando da Medicina. E dai-lhe tempo, que vós vereis que os Espanhoes, que sam os unicos que faltam, abrirám desorte os olhos, que da Aristotelica nam se ouvirá mais que o nome.

Falais em *Platam*, *Epicuro*, *Anaxagoras*, *Empedocles*, e a estes uniz os *Chimicos*. Pode aver confiansa semelhante! querer falar na istoria da antiga Filozofia um omem, que nem ao menos ouvio dizer que avia tal istoria no mundo! O miíhor está em unires os *Chimicos*, que florecéram no XVI. e XVII. seculo, com os Antigos; e cuidares que tendes exaurido todos os sistemas, quando nem menos nomeastes a quinquagezima parte.

Finalmente concluíz decretoriamente, que examinados todos os sistemas, veio-se a concluir que o de Aristoteles concordava mais com os dogmas da Religiam. Meu Fr. Arsenio, os que concluíram isto foram os que sabiam tanto como vós: porque os SS. PP. concluíram o contrario; que nam avia sistema mais contrario à Religiam, que o de Aristoteles: e o mesmo concluío no seculo pasado o famoso Conringio, que foi o mais apaixonado por Aristoteles. (1) Sabei que os PP. antigos reprováram todos os sistemas inteiros, por conhecerem que continham muitos erros: e de todos, a saber dos Platonicos, Stoicos, Aristotelicos, Egipcios, Pitagoricos, &c. tiráram o que entenderam miíhor, e que se podia unir com a Religiam: mas especialmente reprováram o sistema de Aristoteles, por defender tres erros, que destroem o principal fundamento da nosa Religiam. Porque Aristoteles *negou a Providencia Divina; afirmou que o mundo era eterno, e que a nosa alma era mortal.* E por cauza destes tres erros todos os miíhores PP. dos primeiros seis seculos inveíram contra ele, como Justino, Clemente Alexandrino, Lactancio, Atanazio, Bazilio Magno, Gregorio Niseno, e Nazianzeno, Epifanio, Ambrozio, Crisostomo, Jeronimo, Agostinho, Teodoreto, e outros muitos. Lede o famoso Launoio, autor catolico, Francez, que traz todas as autoridades por extenso, e relata todos os erros de Aristoteles contrarios à nosa Religiam. (2)

E por esta mesma razam agradou mais Platam aos primeiros PP. porque tinha menos erros. E se ao despois os modernos no XII. e XIII. seculo introduziram Aristoteles, nem por isto introduziram o sistema; mas as opinioens separadas. E os que quizeram ao despois introduzir o verdadeiro sistema tirado das suas obras, como o Pomponacio, Cremonino, Cezalpino, e outros, caíram em muitos erros, e foram condenados pelo Concilio Lateranense. Vede se concorda isto com o que vós dizeis.

(1) *Conringiana.*

(2) *De varia fortuna Aristotelis in Scholis Parisiensibus, c. 1. §. 2.*

Lede com atensam o Critico, e vereis que as obras de Aristoteles foram queimadas por ordem do Concilio Senonense no ano 1209. pelas eruzias que produziam. E que por alguns seculos foram proibidas pelos Papas: mas como isto vos nam serve, por isto o occultais para poder columniar.

Dizeis mais, que sendo necessaria a Matematica para a Fizica, fica muito mais difficultozo o estudo da Filozofia. Se vós o nam entendeis, porque nam sabeis que coiza é Matematica, que culpa tem diso o Critico, que o explica muito bem; (1) e nos reinos Estrangeiros o entendem, onde a Filozofia por aquele estilo se acaba em dois anos, e sabem mais do que vós.

A outra reflexam, de que o Critico por toda a parte inculca a Geografia, tambem é vosa, isto é, *falsa*. O Critico inculca o talestudo, onde é necessario, e onde o inculcam todos os omens grandes, que trataram a dita materia. Mas como vós nestas coizas nam lois juiz-competente, apela ele para os que entendem as facultades.

Finalmente concluz esta famosa critica dizendo, que se o Jezuita dise, que posta a experiencia da agoa introduzida na bola de bronze ja cheias de agoa, ia pelos ares toda a sua Filozofia; era ignorante, ou maliciozo: porque isto nam obsta a nenhum dogma Aristotelico: e basta que lo diga yo.

Explicai-me vós no sistema Aristotelico por meio das quatro qualidades a dita experiencia. Certamente com os principios de Aristoteles nunca a explicareis: logo dise bem o Jezuita, que a sua Filozofia nam servia para estas experiencias. Para o ar estar nos vacuos das particulas da agoa, é necessario que a agoa conste de particulas de figura particular, que o possam receber: é necessario que o ar seja precizo entre estas particulas: é necessario que o ar se possa comprimir: é necessario que conste de particulas ramosas para terem virtude elastica. E la vai a forma Aristotelica do ar, e agoa. Para o bronze se dilatar, e deixar sair ou a agoa, ou o ar pelos poros, é necessario que o tenha: e isto nam concorda com a forma Peripatetica dos metais.

Mas seja muito embora isto mau, pior que tudo é a istoria do agoadeiro; e a razam que dais é verdadeiramente de agoadeiro. Devieis provar primeiro, que cada mariola bebeo igual quantidade de agoa da sua quarta: segundo, que a agoa que ficou em ambas era muita mais do que a que podia caber em huma so. Em quanto nam provais isto, falais como agoadeiro, e nam como Fizico: e mostrais que sabeis tanto de experiencias, como das outras materias.

Esta é toda a vosa critica à carta Fizica do Barbadinho. E como nem tendes mais que dizer, nem ao menos ese pouço que distes, ainda quando fosse verdade, obsta ao sistema do Barbadinho, e aos belifimos

CON-

(1) Tom. 2. pag. 47. 48.

conselhos, que dá em materia de Fyzica, em que mostra erudifam, e conhecimento profundifimo, seguefe claramente, que nam respondettes a coiza alguma; e que fica em pé tudo quanto dife o Critico contra a Fyzica deste reino: efperando que fafais algumas experiencias na Lua, para deftruir o que dizem as milhores Academias da Europa, donde o Critico o tirou.

O que dizeis das formas accidentais fica para a Teologia.

R E F L E X A M XI.

Da Etica.

NEsta Reflexam cauza orror ver as muitas falsidades, e puerilidades que dizeis, por nam entender o que diz o Critico na fua carta. Tenho observado que falando vós muito mal em todas as materias, quando falais nas ciencias, e muito principalmente naquelas, que tem mais conexam com a vofa profifam, ainda falais pior, e mostrais total ignorancia dos principios e fundamentos. Mas como eu tenho tomado o empenho de vos enffinar nefas materias, darvos-ei uma breve lifam.

A primeira coiza que vós nam entendeis na prezente materia é que coiza feja *Etica*, e que coiza feja *Teologia moral*: porque fe o entendeis, acharieis a intelligencia das propozifioens, que diz o Critico; e a refpofa a todas as falsidades que efcreveis. Muito bem o explica o Critico; (1) mas vós eftais costumado a nam ver nele o que diz.

A *Etica* enffina a conhecer qual é nofo fim, e dirigir, para conseguir todas as nofas afioens: (2) mas tudo famente com os ditames tirados da razam natural, fem fazer memoria alguma da revelafam fobre natural: a ifto chamamos *Religiam natural*. A *Teologia moral* mostra ao omem o mefmo fim, e o conduz a ele, tirando os feus ditames do que Deus nos relevou ou em palavra, ou em efcrito.

Daqui vem, que ainda que a *Etica* enffine o omem a conformarfe com a boa razam, para evitar os vicios; como com a luz famente da razam nam fe alcanfa qual é a verdadeira origem deftes males, que é o peccado de nofo primeiro Pai: (posto o qual nós nam temos forfas baf-
tantes para nos livrar de todos os vicios, mas necesitamos da graia de
Cris-

(1) Tom 2. pag. 53.

(2) *Summum bonum fi ignoretur, videndi rationem ignorari necesse est. Ex quo tantus error consequitur, ut, quem in portum se recipiant, scire non possint. Cognitis autem rerum finibus,*

cum intelligitur quid sit & bonorum extremum, & malorum; inventa vita via est, conformatioque omnium affectionum... Hac constituto in Philosophia, constituta sunt omnia. Cicero de Finibus, l. 3. c. 15.

Cristo mediador) segue-se que a Etica, que nam conhece esta graça, nam pode dela deduzir os preceitos para emendar perfeitamente os costumes: e somente ensina a emendar alguns vícios; mas nam pode conduzir o homem ao seu fim, e á sua maior felicidade

Esta é a razão, porque ainda que entre os antigos Filozofos se achassem muitos, que conhecêram confuzamente a Deus, e obráram bem em alguns pontos; (1) contudo nam obráram bem em tudo, porque se guiáram somente pela luz da razão, a qual nam dá noticia da graça de Cristo: e nam puzeram por principio fundamental da sua Etica o amor de Deus, e nam referiram para ele a bondade das nossas afoens. A Teologia porem, supondo ja sabido tudo o que diz a Etica, supre aquillo que falta na pura Etica, porque como se funda nas verdades reveladas, daqui tira a verdadeira origem da nossa infelicidade, que foi o primeiro peccado; e a necessidade que temos da graça de Cristo, para regular as afoens, e conseguir a maior felicidade, que é Deus: propoem os meios, que Deus revelou para isto; e desta sorte ensina muitas coizas, e muitas obrigaçoens ao homem, (aque os Filozofos chamam *ofícios*) as quais nam ensina a pura Etica, ou razão natural.

Daqui se segue, que nem a pura Etica basta para regular as afoens dos homens: nem a pura Teologia sem a Etica basta para persuadir a todos: porque a razão, e revelação tem vinculo necessario, e de ambas se compoem este todo da religião, que nós devemos seguir, e defender. Aquella justifica os motivos da nossa religião; porque mostra aos Filozofos Idolatras, que os Teologos nam introduzem senam aquelas maximas, que a mesma razão persuade, e disseram os antigos Filozofos. Esta explica aos mesmos Filozofos aquillo que eles confuzamente entendiam, e lhes mostra, que para conseguir o homem o seu fim nam basta somente a religião natural, mas se requerem outras muitas coizas.

Os Moralistas comumente confundem estas duas coizas; e misturando a razão natural com a revelação, fazem uma selada de materias. Os Modernos porem separam estas profissoens, para proceder com clareza, e fundamento; e juntamente para mostrar, que as coizas que aconselha, e manda a nossa religião, são tam dignas de se receberem, que a maior parte delas praticáram os antigos Filozofos, guiados somente pela luz da razão.

Esta separação de materias é necessaria para reduzir os Deistas à nossa religião: e por esta cauza os Teologos modernos tem escrito tam belos tratados da *Religião natural*, para mostrar aos Ateos a existencia de Deus: para dela tirar os principios da religião natural contra os Deistas: e para

(1) *Gentes, qua legem (positivam) legem non habentes ipsi sibi sunt lex non habent, naturaliter ea qua Legis Paulus ad Rom. c. 2. (positivæ) sunt, faciunt: hujusmodi*

do conhecimento da religião natural mostrar evidentemente a necessidade da revelação, ou da religião sobrenatural, que é a nossa religião Cristã.

Isto é o que diz o Critico, e isto entendem muito bem todos os que sabem que coiza é Teologia, quais são as ereções modernas, e o como se convencem. E daqui claramente se mostra, que tudo quanto dizeis na dita Reflexão, procede de que ignorais estas materias, e de que sois um Teologo de agoa doce, que não sabeis mais, que quatro postilas bem uzuais.

A vossa primeira proposição é esta: *Se a Teologia ensina a conformar-se com a lei natural, e positiva, e também alguns officios, que o Filozofico ignora, que necessidade tem o Teologo da Etica?* Respondo: Tem a mesma necessidade, que tem a Teologia Sobrenatural da Natural: porque a Moral é a Etica sobrenatural; e a Etica é o Moral natural. E assim como nenhum Teologo até aqui duvidou da necessidade da Teologia natural; assim também nenhum deve duvidar da necessidade da Etica, ou do Moral natural. E assim como a Teologia natural serve para convencer os Ateos, assim a Etica serve para convencer os Deístas.

Certamente que para um homem crer o que Deus disse, basta saber o *Credo*: e para obrar bem, basta saber os *Mandamentos*. Mas isto é fé de carvoeiro, não de Teologo, o qual deve saber porque cre, e convencer os outros que não creem. E daqui se segue, que tudo o mais, que dizeis naquele paragrafo sobre a autoridade dos Filozofos, são parvoíces; e provem de que não entendeis o que o autor disse, nem o que acima tenho explicado. Estudai a materia, e não fazeis absoluta uma proposição, que tem sentido determinado.

A segunda proposição é: *que a Etica disponha os homens para receber a religião est error prior priori.* O erro está da vossa parte, em não saberdes, que avia Deístas no mundo; dos quais está cheia a Europa, e contra os quais tem escrito os mesmos eréjes, como o Clarke, o Derham, o Jaquelot, e muitos outros; e de não saberdes, que o famoso Boyle fundou uma cadeira de Teologia natural em Londres, para defender a Religião Natural contra os Libertinos de Inglaterra, que são os mais perjudiciaes eréjes entre todos. Mas isto para vós é pior do que o Grego, e Ebraico.

Vós mesmo, sem querer, o confesais dizendo, *que aos Gentios basta provar, que os preceitos do Decalogo são conformes aos ditames da razão.* E quais são estes ditames da razão, se não as leis da Etica? Demais, se o Gentio disser que não são conformes, como lho aveis de provar senão com as razões, que acima digo tiradas da Etica? Bem se vê logo, que destas materias não sabeis nada; e contudo tendes atrevimento para dizer, *que tudo isto se ensina Melhor na Cartilha, do que na Etica.* Outro officio, meu Fr. Arsenio, que destas materias sabeis muito pouco, ou nada.

A terceira propozifam é; que nam entende o que significa: A Teologia reconhece a origem da natureza corrupta; A Teologia aponta os meios si-
 radados da revelafam; e que sam coizas escurifimas. Nam me admiro nada; porque ilo succede a quem nunca estudou as materias, como vós. Mas que culpa tem diilo o Critico, que o explica muito bem, como afima tenho de-
 clarado. O milhor está, em que fazendo do fambenito gala, confelais aqui, que nam sabeis Grego, nem Ebreo: nam vos envergonhando de que faia tal
 blasfemia literaria da boca um omem, que quer criticar as materias dog-
 maticas. Aqui entra bem a resposta do Breje de Gibraltar: *Mirror, Jesuita
 cum sitis; ignoretis linguam Gracim.* O que dizeis dos officios (cuja pa-
 lavra nam entendeis) é verdadeiramente digno da vofa grande capacidade,
 e modestia.

O Critico diz, (1) que aconselhára a alguns Jurisconsultos, e Teo-
 logos Moralistas principiantes (deites é que se faia no tal lugar) seus ami-
 gos, que decorafem bem as regras de Direito; porque nos cazos repentinos
 quem as posue, e entende bem, julga milhor qualquer cazo, do que os que afe-
 tam exquisita erudifam. Vós troncando a propozifam dizeis fomite que basta
 saber as regras de Direito para os cazos repentinos; e acarretais mil cazos sem
 pés, nem cabefa, para provar, que o Critico dife mal.

Meu Fr. Arsenio, isto é uma calumnia, e ignorancia. Calumnia,
 porque vós troncastes a propozifam, tirando-lhe as palavras, e as entende
 bem, as quais mostram, que o autor nam dife se applicafem cegamente nias
 com juizo, e reflexam. Ignorancia, porque nem o autor diz que se apli-
 quem sem reflexam, nem isto se segue doque ele diz. E se fofe licito in-
 terpretar afim as propozifocens absolutas, o mesmo argumento se podia vol-
 tar contra os dez mandamientos, que sem se entenderem, nam se podem
 aplicar bem. E contudo esta propozifam: *Quem sabe os mandamientos, sabe
 todas as leis para obrar bem:* é verdadeira, e ninguem a pode censurar,
 fenam uma cabefa, como a vofa.

Diz mais o Critico, ponderando que a falta da Etica produz mil de-
 feitos nos Moralistas: (2) *Os Cazufistas comumente nam dam razam do que di-
 zem, mas apontam fomite os autores Cazufistas, donde o recebêram; os quais
 nem menos asinam razam, mas fundam-se em outros antecedentes.* Vós aqui
 fazendo um cazo rezervado, exclamais contra a ignorancia do Critico. Mas
 a ignorancia está em vós, por nam considerardes, que o Critico nam nega
 absolutamente que eles dem algumas vezes alguma razam, como se vê de
 palavra comumente; mas nega que dem pela maior parte boas razoens, ti-
 radas da razam natural, e da Etica: o que confirma comparando-os com
 Cicero, Seneca, Plutarco.

Abri a fuma do Buzembaum, do Potestas, &c. e vereis que a razam
 confif-

(1) Tom. 2. pag. 54.

(2) Tom. 2. pag. 53.

confiste às vezes em uma regrida muito piquenina; outras vezes nem isto; e logo passam acitar os autores. E estas razões que dão, tiram-nas cegamente dos outros que citam, sem as deduzir da boa razão natural: e nenhum toma o trabalho de as examinar fundamentalmente, que é o que diz o Critico. Mas vós nunca vedes senão o que quereis.

O Critico quer dizer ali aquilo mesmo, que tem dito os melhores Teólogos da Europa, e entre eles o douto P. Tirio Gonzales Geral dos Jesuítas, e os dois Jesuítas Rebelo, e Comitolo escrevendo contra o *Probabilismo*. Sabe o Critico muito bem, que os Moralistas por falta da boa Ética, e por introduzirem da muita Metafísica pessima tem introduzido o *Laxiorismo* na Teologia debaixo do nome de *Probabilismo*: e que daqui tem nacido a maior parte das proposições condenadas, que traz o voto Lacroix no principio da sua Teologia. Sabe que esta questão tam debatida no século passado abriu os olhos aos Teólogos, pois de entam para cá todos os que tem escrito com fundamento, seguem as opiniões mais provaveis, conforme os conselhos dos Concilios, Padres, e boa razão. Sabe que os Erejes escarnecem os Casuistas pela mesma razão: e que muitos deles neste ponto (tirando algumas coizas) escreveram melhor do que os tais Casuistas. Sabe que o famoso P. Concina Dominicano moderno escreveu em Roma belissimos livros contra esta casta de Moralistas, ensinandolhes, de que fontes devem tirar as suas resoluções: e que foi muito louvado pelos Papas. E sabendo tudo isto, contentou-se de tocar somente a materia, porque falava com quem o entendia. Mas se quereis saber mais, lede o dito P. Concina na *Istoria do Probabilismo*, na *Quaresma Apelante*, e nas suas cartas contra o P. Benzi Jesuita, que ele vos dará a demazia.

Cauza compaixam ver o que dizeis nos dois paragrafos seguintes, em materias de Direito natural: e mais que tudo, o confirmalo com a autoridade de Aristoteles; quando na vossa opinião os Eticos são superfluos, e na minha Aristoteles não prova nada no dito caso.

Aqui entra de novo outra ineptia: que para saber que coiza é vicio, é necessario consultar a Teologia especulativa na materia de *Actibus humanis*. Irmão Arsenio, isto é uma ignorancia: porque os vicios mostram-se com a boa razão na Ética; e o que os Teólogos dizem de hom nesta materia, da Ética o tomam, como acima disse. Além disto o Critico não fala das virtudes sobrenaturais, nem dos vicios opostos a estas virtudes, que elles pertencem ao Teologo: fala sim das virtudes naturais do entendimento, e vontade, e vicios a elas opostos; no sentido em que falam os Eticos Gentios, Panezio, e Cicero, e o vosso Aristoteles, que trata de *Virtutibus*; que é o que vós não entendestes. Concluz pois com uma sátira, a qual, examinada palavra por palavra, mais se acomoda a vós, do que ao Critico.

No penultimo paragrafo com a vossa costumada sinceridade chamais sátira ao que o Critico aconselha aos Nobres: sem advertires que ele lou-

va uns, reprova outros, e nam nomeia ninguem: e isto segundo os vossos mesmos principios nam é sátira. Sátira é o que vós dizeis neste paragrafo, e o fim com que o dizeis, que muito bem se sabe. Aqui mesmo vejo outra ignorancia vossa: que tomais a *fedalgua espiritual* no sentido eccleziastico, e sobrenatural, devendo tomala no sentido do paragrafo acima. E o que tem mais grafa é que confirmais isto com os Etnicos. Finalmente concluiz, mostrando a vossa ignorancia, com dizer que o Critico inculca a *Astrologia*. Nam achareis tal propozisam em todas as obras do Critico: antes ele condena, como devem fazer todos os bons Filozofos, e Catolicos. Mas vós, que sois Casre nestas materias de erudisam, nam sabeis, que *Astronomia*, e *Astrologia* sam coizas muito diferentes: e nem menos sabeis que o Critico nam fala exprefamente na *Astronomia* como tal.

Porem eu ja nam tenho paciencia para estar ensinando rapazes. Somente digo, que os nosos Padres asentaram, que vós nam entendestes nada do que diz o Critico: nam impugnastes a necessidade da Etica; e muito menos confutastes o metodo, que ele aponta: mas tomastes somente algumas palavras separadas, que nam entendestes, para o calumniar. E assim fica em pé tudo quanto o Critico aconselha nesta parte da Filozofia.

R E F L E X A M XII.

Da Medicina.

Entre tudo, o que se contem nestas vossas Reflexoens, o que fez mais vontade de rir aos nosos Padres foi, o ver nelas o titulo de *Medicina*. Quando soubestes vós, ou estudastes Medicina? ou quando ao menos sonhastes sabela, ou estudala? Que flato foi este, Fr. Arsenio? donde faio esta nova ideia? Falemos sem paixam: qual foi o voso fim em publicar estas Reflexoens? foi o parecer ridiculo em toda a materia? Suponho que sim: pois de outra forte nam cairteis em semelhante arrojio.

Tendes vós lido todos os autores, que cita o Critico? aposto que nam vistes nenhum. Pois sem esa noticia sois louco em falar em uma materia, que o Critico disputa com tal penetrasam, erudisam, e bom gofio; que asentaram todos os que tem voto, ainda os mais apaixonados contra ele, que era das melhores cartas, e mais utis a este Reino. E chamais sátira a uma coiza tam importante, como ensinar aos omens a conservar, e recuperar a saude? Isto só bastava para vos desterrarem de outro qualquer Reino, como omem prejudicial à Republica.

Mas vamos à voia Critica; a qual se reduz a trez coizas, calumnia, ignorancia, e invetiva. Diz o Critico (1) falando das qualidades do bom Cirurgiam: *que todos os Medicos devem ao menos saber a teoria da Cirurgia,*
para

(1) Tom. 2. pag. 94.

para ensinar a Cirurgia em caso de erro: e o confirma com Ippocrates, e Cornelio Celso, que foram Medicos, e Cirurgioens, e com outros modernos. Dizeis vós, que nesta sua critica quer que os Medicos sejam Cirurgioens, e que dá uma razam forte, porque em Lisboa á um Medico que é Cirurgiam-mór: e aqui fazeis uma lamuria eterna. Primeira calumnia. O Critico nam dá tal razam: dá fim a razam intrinseca da necessidade da ciencia no Cirurgia; e fomenta 10. folhas antes da tal pagina, falando da Anatomia, incidentemente tinha tocado o caso do Cirurgiam-mór. Contudo isto em uma, e outra parte fica em pé, que o Medico deve ser Anatomico, e Cirurgia.

Dizeis mais, que a Anatomia se estuda em Portugal pelas estampas, e que por final algumas nam concordam. E que a Anatomia é menos necessaria ao Medico, que ao Cirurgia. Mandai estudar um relojoeiro por estampas, e dizeilhe ao despois, que vos faza um relógio de minutos. Pois o mesmo sucederá ao Anatomico por estampas. Primeira ignorancia.

Dizeis mais, que o Medico só pode conjecturar a cauza da doensa. Concedo: vamos adiante: O ponto é indagar qual seja o principio do mal, e qual deve ser o remedio. Ajuda para isto a experiencia, e bom discurso. Concedo tudo: que tiramos daqui? Para isto serve muito pouco a Anatomia. Segunda ignorancia. Como pode discorrer o Medico com acerto, se ele nam sabe quais são as partes de que se compoem o vivente? Ide falar nestas materias com os negros de Angola, ja que nam entendeis o que dizeis.

Dizeis mais, que o Critico fala da artereotomia, como de coisa usual, que devem saber os Cirurgioens. Que temos contra isto, P. Mestre? ai vai a bala: Esta casta de sangria na cabeça é muito perigosa, e nas mais partes perigosissima. Logo nam se deve saber? bela consequencia! Temos outra ignorancia. Tambem a paracentesi no peito, a trapanasam do cerebro, a ligadura da aneurisma, a cozedura da rotura, o tirar a pedra da bexiga, o tirar a catarata dos olhos, o cortar uma perna, são operasoes mui perigosas; e nem por isto os Cirurgioens as devem ignorar, ou omitir nas ocazioens necessarias. Seria melhor que estiveleis a dormir, do que a escrever.

Conta o Critico, (1) que um seu amigo Florentino casualmente aconselhou a outro, aplicar o nabo pizado às almorreimas, e que lhe succedera bem: e conta isto para fazer escarneo dos remedios; como se vê no dito paragrafo. Dizeis vós, que a cura se fez com olio de nabos, Segunda calumnia. E logo aqui entra uma invetiva, como se o omem disese alguma propozisam de Jansenio.

Refere o Critico cinco paginas antes desta, que o Curvo a tribue ao olio de nabos a cura de certas herbulhas: e diz que o nam prova bem. Dizeis porem vós aqui, que o Critico no caso do Florentino, que o remedio talvez estivesse no olio, e nam nos nabos. E temos outra calumnia: porque o

(1) Tom. 2. pag. 89.

Critico fala em dois cazos bem diferentes, e em diferentes Lugares.

Mas estejam ja todos os Medicos bem atentos, que S. Paternidade faie agora com um aforismo muito util para sarar todos os doentes do mundo, e reformar a Medicina da Europa. Tenham pois entendido todas as Academias de Petersburg, Berlin, Leopoldina; de Pariz, de Montpelier, de Londres, de Edimburgo, de Madrid, e de Sevilha. Saibam todos os Medicos modernos da Europa, que ja daqui por diante nam am-de duvidar, *se os simplicios, que entram nos segredos, fazem o seu efeito; e muito menos experimentar cadaum separadamente*; sub pena de incorrerem na indignasam de S. P. que para todos deve ser a mais sensivel: e recebam com a posivel venerasam todos os segredos ja introduzidos; porque S. Paternidade, que é o Fizico-môr do espacio imaginario, sabe de certo, *que se entre eles vai algum superfluo, nam é nocivo, que é o que basta.*

E tambem fiquem advertidos, de nam dizerem mal do metodo dos Arabes, e de Galeno; porque S. P. muito Reverenda nam gosta diso; e sabe de certo por noticias muito particulares, que achou nos seus Archivos, que os Arabes tinham excelente metodo: da mesma sorte que um negro (seu conhecido) do Certam de Angola tinha uma Filozofia particular para curar Eticos: e quazi quazi que esteve para dizer, que tinha sido chamado para Prezidente da Academia das Ciencias de Pariz. E assim nam devemos dizer mal da Galenica, porque veio da Arabia.

Temos aqui outra falsidade: porque o Critico nam diz mal de Galeno, antes o louva, e lhe chama *bom Interprete de Ipocrates, bom Anatomico do seu tempo, bom observador.* Diz somente que nam deo razam das cauzas das doencas, porque era Ipotetico, e Aristotelico. E pela mesma razam reprova os Arabes, mas nam por serem Arabes. Porem se os leitores quizerem neste cazo do negro de Angola uzar da solusam, que S. P. dá aos cazos, que conta o Critico, nam seria mui justo pedir-lhe, que nos trouxesse a autentica do dito cazo? Porque estes Pirronicos modernos nam crem nada, senam o que se lhes mostra com evidencia.

Aqui acha mais duas propozicoens galantes, e ambas falsas. Primeira: *que muito do que aqui diz o Critico, foi feito em Francez.* E eu pela noticia que tenho dos autores, vejo que o Critico se servio muito mais dos Inglezes, e Olandezes, e tambem Tudescos; o que ele mesmo confesa: o que nam leo as citaçoens somente, mas sim os milhores autores in fonte, como será facil mostrar.

A segunda propozisam é: *que as tais noticias se escreveram, nam para dizer mal de Galeno, mas para mostrar, que quem seguise o metodo da-quele Medico, o podia estudar pelo modo, que ai se aponta.* E tambem isto é falso; porque o autor nos livros que leo, e cita, acha que o fizeram expressamente para mostrar que Galeno neste tempo ja nam serve. E leo por autores originaes, onde eu acho as mesmas coizas, que ele diz. E um omem
de

de tam grande erudição nam tinha necessidade de livrinhos. Mas ainda que seja verdade, o que nam nega, que alguns Francezes tratalem a mesma materia, porque seguem os mesmos principios; isto nam prova nada contra o que ele diz, antes o confirma. Pertenciavos pois a vós mostrar, que o homem dise mal; e nam excogitar estas faldas, que sam soluções de leigo. E de caminho vos advertimos, que nam digais mal dos livros em doze; porque vale mais um destes livrinhos, que os vossos dois de folha, como julgaram os que os leram.

Mas aqui temos outro argumento insolúvel. *Fora de Portugal avendo Medicos de fama, morrem tantos Reis, e Fidalgos, como em Portugal. Logo aqueles Medicos modernos nam sam melhores, que os Galenicos.* Isto sim, que se chama *argumentar ad hominem*. Eu respondo: No Certam de Angola, e nos do Brazil, na Etiopia, na Tartaria Persia, China, Japam, &c. a gente vive tanto como em Portugal, e talvez mais; como nos ensinam os Itinerarios mais celebres. Logo os Medicos daquelas Nações sam tam bons como os Portuguezes, e muito melhores. A solução é a mesma.

Dizeis mais; *que se a experiencia mostra, que Galeno manda sangrar, e purgar a tempo, e com isto alivia o doente; que nos importa, que a sua Filosofia seja desta, ou daqueia casta?* Temos outra ignorancia. Esta proposição envolve contraditórios. Nam pode mostrar a experiencia, (que é o mesmo que a constante observação; porque um, ou dois cazos nam se chamam experiencia) que o homem manda sangrar, e purgar a tempo, se acaso ele nam forma justa ideia da enfermidade. Nam pode formar justa ideia da enfermidade, sem primeiro formar justa ideia do corpo, e suas partes; (que é a Anatomia;) e justa ideia das doenças, que se podem formar nelas; (que é a Teoria) e justa ideia do remedio, (que é a Fizica) Ora eis aqui temos, que para o Medico purgar a tempo é necessario que seja bom Fizico.

É coiza ridicula cuidar, que o bom Medico disputa de que partes insensíveis se compoem os corpos, como vos supondes. Já o Critico tinha advertido que isto nam era necessario: (1) pois nem ainda o puro Fizico pode falar nisto com fundamento. Onde se tiveseis lido o autor na dita pagina, acharieis a resposta a tudo o que dizeis aqui; pois nenhum parenteico tem os principios insensíveis dos corpos com as leis da Mecanica, que sam as necessarias para o Medico, e as que o Autor encomenda, e se nam acham em Galeno, e menos nos Galenicos.

Finalmente S. P. é tam versado na Medicina, que até sabe perfectamente curar os cavalos, como mostra no ultimo paragrafo. E conclue dizendo, *que os sistemas modernos tanto servem para a cura do pleuriz, como a lingua dos pretos para entender Latim.* Mas nós, que nam sabemos tantas coizas, dizemos que S. P. aqui nam sabe que coiza é *sistema*; e cui-

(1) Tom. 2. pag. 97.

da que as opiniões particulares são os ultimas da Filozofia, ou Medicina. Leia o Daniel Clerico na *Istoria da Medicina*, que ele lhe ensinará que coiza são *sistemas*, que eu agora não tenho tempo, nem paciencia para isto. E respondo a S. P. que é pena não se ter aplicado às curas, que disse acima, porque sem duvida seria um estupendo alveitar.

Concluamos pois, que tudo quanto dizeis nesta vossa Reflexam, não justifica os vicios, que o Critico condena; não desfaz o metodo que ele aponta; não finalmente condena as proposições separadas, que o Critico escreve. E assim devemos todos reconhecer nele, que epilogou em poucas palavras o melhor metodo da Europa.

R E F L E X A M XIII.

Do Direito Civil, e Canonico.

QUando vi este titulo pastrei, de que sendo vós tão vasto de noticias, e tão abundante de conceitos, que tendes cabedal para falar em todas as materias, que não entendeis; ajunteis em um titulo duas materias tão difficultozas, em que o Critico falou com tanto fundamento; e tão copiozas, que bastavam para dar argumento a muitas cartas. Mas sem duvida no vosso Vocabulario o *Direito Canonico*, e *Civil*, são a mesma coisa; assim como também já vimos que *Etica*, e *Teologia Moral*; *Grammatica*, e *Latinidade*; *Astronomia*, e *Astrologia*; *Opinões particulares*, e *Sistemas*; tudo eram a mesma coisa.

Mas vamos a isto. *Se em todas as cartas (dizeis) manifesta o Critico a sua vaidade, e mal fundada presunção, nesta, e na seguinte parece mentecato.* Se é pouco, perdoe por agora, que em outra ocasião lhe darão maior esmola. E os nossos PP. disseram à uma voz, que se em todas as Reflexões vós mostrais a vossa ignorância, nesta pareceis que não ao menos tendes alma racional.

Ponho já de parte a vossa singular Logica, que vos ensina nunca provar contra o principal ponto, que diz o Critico; mas ir buscando arredores para arranhar. Quinze paragrafos contem esta vossa Reflexam, nos quais se acha uma invetiva continuada desde a primeira palavra até a ultima; e nenhum argumento para deitar abaixo o que diz o Critico. E este é o vosso modo de censurar? isto é o que eu vos ensinei? Perdoe Deus a quem vos ordenou de mais.

O primeiro paragrafo é todo satira, e calumnioza; porque o Critico não nega, que em Portugal se saiba Direito: diz sim (1) que se estuda com muito trabalho, e sem metodo: e comumente fala aqui dos estudantes, e Bachareis: e vós applicais tudo aos Mestres com manifesta calumnia.

(1) Tom. 2. pag. 116. 117.

lumnia. O segundo, e terceiro paragrafos contém uma noticia, que nos dáis dos estudantes da Universidade, como se o Critico necessitasse de tal noticia. Com tudo isto nam respondeis ao que ele escreve. Ele diz, que nenhum desses Bachareis, que vós louvais tanto, fez nunca a lição de ponto para o seu ato: e que daqui se prova que nam sabem; porque se souberam bem, nam necessitariam de que outrem lhe fizesse. Diz mais, que todo o estudo daqueles oito anos se reduz regularmente a um, ou dois; e que o mais tempo se perde. E isto são fatos notorios, que ninguem pode negar.

Diz mais, que o metodo, com que ensinam aos estudantes o Direito, nam pode produzir outro efeito; porque nam comem pela Historia, e Etica, que são as fontes do Direito Romano. Diz mais, que estes, que estudam pouco, ou nada, como são todos os matriculas, que são infinitos, depois com o exercicio do foro fazem a sua obrigação tambem como os outros. E daqui colho, que o estudo da Universidade nam servio a estes de nada. E isto tambem são fatos notorios. E que respondeis vós a tudo isto? nada. Onde seria melhor nam teres falado em metodo, nem em Direito.

No terceiro paragrafo são um Lente da Universidade dizendo, que sendo o Direito uma estrada de muitas Legoas, ele só teria andado uma Legoa. Que prova isto contra o que diz o Critico? Ele argumenta com a razão intrinseca; e vós respondeis com a autoridade de um homem, que nam sabemos quem é, nem se sabia o que dizia: e ainda concedendo que fosse doutissimo, nam prova nada; porque podia entendelo assim, e erra. Por um que vós citais, cita ele muitos Jurisconsultos dos maiores homens, que conhecêram estes dois ultimos seculos; que nam só souberam Direito muito melhor do que esse voto Jurisconsulto; mas souberam mil outras coizas, que o tal Jurisconsulto nunca sonhou saber. Vale mais a autoridade somente de Hugo Grócio em materia de Leis, que todos os votos Jurisconsultos: e assim o julga toda a Europa. E isto prova novamente contra vós, que quem estuda com metodo, pode saber muito mais, que o que diz o Jurisconsulto das legoas.

Mas vós falastes no tal Jurisconsulto para poder picar o Critico com a costumada *parenteria* de dizer, que aquilo o dizem os autores *Franceses*: como se isto provasse alguma coiza contra ele; ou como se aquilo o nam dissessem tambem os *Inglezes*, *Olandezes*, *Italianos*, e *Tudescos*! E aqui acho uma vossa proposição, que me parece de preto busal: *Nem nos persuadimos tambem, que bastem os atos para a formatura, ou doutoramento; porque o letrado faz se, como diz o adagio. Pode-se dar caírice semelhante!*

O quarto paragrafo contém outra calunnia. O Critico diz, (1) que quem

(1) Tom. 2. pag. 124.

quem nam sabe Politica, nam pode fazer a sua obrigação em nenhum emprego publico; e vai nomeando brevemente todos os empregos. Vós applicando o documento fomentado ao Conselho Ultramarino dizeis, que o Critico diz, *que naquele Tribunal so se devem admitir pessoas, que tenham visto mundo; porque se nam sabem o que vai la por fora, nam saberam votar com a certeza necessaria em os negocios, que pertencem ás terras de fora do reino: Como tambem nam pode tratar negocios, que tocam com as outras Cortes, quem nam tem andado por elas.* E que vos parece esta calumnia? pois assim costumais vós fazer.

E para provar se sois louco, basta ler o que aqui dizeis dos Capitães, Pilotos, Carpinteiros, e Marchantes. E deveis de caminho saber, que uma coiza lam *axiomas*, e outra *arbitrios*, e *maximas*. Mas esta propriedade de termos nam é para vós.

Mas va ja por uma vez esta nao ao mar, e saia finalmente do treme de S. P. uma maxima Politica, capaz de fazer tremer os melhores gabinetes da Europa. E qual será? ela vai: *que para estes empregos basta a praxe do que se tem ordenado em semelhantes cazos, . . . e o mesmo bastará para o Conselho de Estado, e mais Tribunais.* Mas os Reis da Europa, que praticam o contrario, poderám tambem defenderse com o exemplo de Portugal, que nam costuma regularmente entregar as Secretarias de Estado, senam a quem faio fora: e nam á diversa razam para os Conselheiros, *proportione servata*. E o Critico póde ajuntar a isto a autoridade de D. Luiz da Cunha e do Conde de Tarouca, que vós ocultastes, porque vos nam servia: e pode tambem provar com evidencia, que os que nam saíram de Portugal, discorrem nestas materias como vós; que é o mais que se pode encarecer.

Nam podeis entender, como os Interpretes fizessem mais embarafado o texto de S. Tomáz: pois é bem claro: Atribuindolhe coizas, que ele nunca disse: Fingindo sentenças, que ele nunca sonhou; e tirando daqui questões, que nam se deviam tirar; e de quatro regras, que ele escreveo, formando dez cadernos superfluamente. Se os Comentadores tivessem explicado bem claramente S. Tomaz, porque nam aviam de concordar os Tomistas todos na intelligencia do texto? porque razam os outros, como o Vasques, &c. que o explicam, nam seguem as mesmas opiniões. Este é o mesmo caso de Aristoteles. Porque os Escolasticos o quizeram explicar a seu modo, por isto oje os que lem o texto com o socorro da Historia, e Critica, acham nele coizas bem diferentes do que disseram os Escolasticos. Mas eu vou entrando muito na *Historia Critica da Filozofia*, que é coiza que vós nunca lestes, nem ouvistes.

No decimo paragrafo faie a vossa erudisam legal a revelarnos, que tambem a Rota revoga o que primeiro tinha firmado. A noticia é bem recondita! O Critico nem tal sabia, nem tinha lido o Cardial de Luca, nem

consultado, e conferido as Decizoens antigas de *Seraphino* com as *Recentiores*, nem com as *Volantes*, nem com aquelas que chamam *Coram*, v. g. *Coram Molines*, *Coram Falconerio*, *Coram Caprara*, &c. Mas que coiza boa saie daqui? Logo nam prova; que ca nam tenhamos bons Juristas, quod erat demonstrandum. Grande Jurisconsulto, e Matematico se perdeu em vós. O quod erat demonstrandum era, que o metodo era muito mau; e isto está provado evidentemente.

O undecimo, e duodecimo paragrafo tem coizas de grande considerafam. Primeiro ordena S. P. que nam estudem os Juristas o Grego, porque tudo isto está em Latim: e nam devemos por novo pezo aos Juristas. Em segundo lugar, que nam estudem Istoria Romana, e Ecclesiastica: porque basta saber o que manda a lei, sem ser necesario saber, se foi promulgada neste, ou naquele cazo. Assim o ordena S. P. e ninguem lhe pode replicar. E ainda que lhe digam, que nos outros reinos os rapazes saiem das escolas do Latim com o Grego sabido: e que para saber o que a lei manda, é muito necesario saber o fim, porque foi promulgada, e o tempo, &c. Isto nam importa nada; porque como S. P. nam quer, nam temos mais remedio, que calarnos: ou dizer que o Papa, e mais Principes fazem muito mal em consentir nas suas Univerfidades cadeiras de Istoria, porque é uma coiza superflua, e prejudicial ao Direito. Finalmente nisto pára a vosa Critica do Direito Civil.

A do Direito Canonico tem so tres paragrafos, e contem isto. Primeiro que o Critico nam dá fundamentos para dizer que ca nam se sabe Direito Canonico. Isto é falso; porque o Critico so tem por fim, mostrar os defeitos do metodo, comque se estuda, e apontar o modo de os emendar: e isto tem ele conseguido. Em segundo lugar, que saiba o Critico, que Gregorio XIII. mandou expurgar os erros de Graciano. Grande omem! chapadissimo Doutor é este noso Fr. Arsenio! nam se pode dizer coiza melhor, nem mais erudita, e profunda! E quem vos mandou, Fr. Arsenio, esta noticia tam particular? como a podestes pescar? sem duvida tendes vigilantissimas espias em Roma dentro do gabinete; porque de outra sorte nam era posivel descobrir semelhante noticia. Vede se podeis descobrir outra, que vos diga, que Graciano escreveu com bom metodo, e que fez uma obra util, e digna de ser explicada com preferencia aos outros. que esta noticia seria mais necessaria para o ponto.

E que diria o noso Fr. Arsenio, se as suas espias lhe avizafem, que Pio IV. e Pio V. antes de Gregorio XIII. ja tinham mandado emendar o Graciano; e tudo estava feito antes do ultimo Papa? que diria, se ouvisse, que o Van-Mastrich imprimio em Lipsia o Graciano com as Instituoens de Lanceloto, e belissimas notas? e lhe mandafem outras noticias semelhantes! Entam sim, que enchia a barriga de quinãos a todos, e triunfava dos Jurisconsultos, e do Critico,

Em terceiro lugar diz, que os canonistas nam devem saber nem Iſtoría, nem Grego, bastando que entendam Latin. Prova isto com Confucio Filozofó Chinez, cujas obras traduzio em Latin o P. Couplet. *Digame agora (continua) se para eu entender as sentensas deste omem, tenho necessidade de aprender a lingua dos Chinas?* Respondo, que para entender superficialmente, na n tenho tal necessidade; mas para as saber fundamentalmente, sim. Porque se eu ensinar, ou defender a dita doutrina, e vier alguem dizendome, que o P. Couplet nam soube o que disse; porque Confucio uzou de diferentes palavras, e em diferente sentido, e me citar Confucio em Chinez; será necessário que eu saiba a dita lingua. E ja que estamos em uma materia, que vós nam sabeis, quero com o voffo mesmo exemplo mostrar-vos que dizeis mal.

Os primeiros que estudaram a doutrina Sinica, disseram que os Chinas eram Ateos, e que o seu Deus era a materia Celeste. (1) E isto mesmo confesaram os PP. Sabbatino, e Ruys Jezuitas em tratados particulares: (2) e o P. Longobardi provou isto contra o famoso P. Ricci. (3) Desorte que o P. Vieira Vizitador, movido das gritarias de tantos Missonarios, quiz condenar a opiniam do P. Ricci. O mesmo disseram outros Missonarios Religiozos, e Seculares, e Bispo. Contudo Trigautio, (4) e Semedo emprehenderam defender o contrario, com outros, dizendo que nam eram Ateos: e naceo um cilma terrivel entre os Missonarios por esta cauza.

Finalmente apelaram para Roma, e Clemente XI. em 1704. despois de ouvir as informaoens exatas de ambas as partes, que sabiam bem a lingua, respondeo, que nam se podeseem servir das palavras *Tien*, e *Xang-Ti*; porque nam explicavam aquilo, que nos entendemos por Deus: e o mesmo determinou na China o Cardial de Tournon. (5) E nacendo despois duto grandes disputas sobre a intelligencia das ditas palavras, sempre Roma confirmou o decreto do Cardial de Tournon. E contudo isto a contenda durou ainda por muitos anos despois, afirmando uns, e negando outros Jezuitas, segundo a intelligencia, que davam ás palavras, e á dedusam que faziam do sistema Filozofico de Confucio. Vede agora, meu Fr. Arsenio, se para determinar as questoes fundamentais em materia de doutrina, é necessário saber as linguas originais.

Alem diso, se a vossa razam valése, ninguem se deveria valer dos textos originais da sagrada Escritura: e poderia o Teologo seguramente re-

(1) *Veja-se o P. Couplet, Scientia Sinica. Proemialis declaratio, pag. 40.*

42.44. *Martinius Hist. Sinens. l. I. p. 17.*

S. Franc. Xavier, l. 4. Epist. p. 229.

(2) *Apologia pro Dominicanis, pag. 98. Gallice.*

(3) *Minorelli Jezuita.*

(4) *De Christ. Expedit. l. I. c. 10. pag. 104.*

(5) *Veja-se a Const. Ex illa die de Clem. XI.*

regeitalos. Comtudo vemos que a igreja os abraça, com eles argumenta, e castigaria a quem os reprovale.

Em quarto lugar dizeis, que disse mal o Critico em afirmar, *que a materia de Sacramentis pertencia ao Direito Canonico*. E porque? porque no Direito se se tratam poucas coizas de Sacramentis, e o mais tratam os Moralistas. Esta muito bem respondido. E eu digo, que esse muito que tratam os Moralistas, pela maior parte são futilidades ridiculas, que se não deviam tratar. Esta materia ou trata das questoes dogmaticas; e estas pertencem ao Theologo: ou das questoes de disciplina; e estas pertencem ao Canonista, ou Moralista Especulativo, que são a mesma coiza, como diz o Critico na sua carta. As questoes Escolasticas superfluas pertencem aos Theologos, que falam em coizas, que não entendem, como são vós.

Eis aqui temos toda a critica, que fazeis ao Barbadinho: da qual se segue por legitima consequencia; que em Direito Civil, e Canonico errou o Barbadinho no que disse do metodo de Portugal; que errou o verdadeiro metodo de ensinar o Direito: que disse muita falsidade: que os autores, que aponta, não valem nada: que o que diz dos defeitos de ambos os Direitos é falso: finalmente que não acertou com coiza alguma. E verdade isto? saiem naturalmente daquele principio, quero dizer, das vossas Reflexões estas conclusões? Direis vós que sim. E o Barbadinho dirá, que apela da vossa sentença para os que sabem que coiza é Direito, e que entendem o que ele diz nas suas cartas: e apela para os grandes Jurisconsultos, que temos em Portugal, dos quais vós podeis ter aprendido a discorrer melhor na materia. E se nem menos estes lhe quizerem fazer justiça, apelará para França, Alemanha, e Italia, que lá lha faram.

Mas não em tanto o dito Barbadinho vos remete à *Bibliotheca Juris Canonici*. tom. 2. fol. Pariz, por Justello, e Moello: e ao *Pandectæ Canonum* de Beveregi, Oxonij 2. tom. fol. em que traz os Escolios de Zonara, e Balsamon, &c. e ao *Codex Canonum Ecclesie Primit.* do mesmo: e ali verereis quais são as fontes do Direito Canonico, e se necessita da Historia para se entender.

Dizeis mais *que os Juristas da Universidade dizem, que não querem seguir o metodo do Critico*. Aqui seria licito uzar da vossa mesma resposta, e pedirvos que mostrasseis a procuração autentica. Mas eu não digo tanto: só digo, que se é verdade que eles dizem, *que não querem*; que este argumento é de tanta força, que não tem resposta.

E aqui tenham entendido todos, que as palavras *não teve vergonha*, são palavras abscenas, mal soantes, offensivas do proximo, indignas de saírem da boca a um Cortezam, e quasi quizi *sapiunt hæresim*: porque assim o define S. P. que tem uma fraseologia particular para os Cortezãos; e porque é um homem Palaciano, mui versado nas urbanidades, e etiquetas

da Corte, onde sempre pretendeo fazer a primeira figura de Satrapa; e assim sabe isto fundamentalmente. Mas aqui diz bem um certo proverbio: *Outro officio minhoto, as artes nam sam para vós.*

R E L E X A M XI.

Da Teologia.

Finalmente dobramos ja o cabo da Boa esperansa, e entramos em um oceano de erudifam lagrada. Para aqui é que eu guardo as lagrimas, e os votos. E quem poderá, meu Fr. Arsenio, engolfar-ie nesta materia, e acompanharvos pelo alto mar das vofas contemplaçoens? Vós com uma nao de primeira linha, bem guarnecida de marinheiros, mui veleira, fazendo cem legoas por sangradura, com uma ciencia mui particular de conduzir as naos a salvamento por entre penhascos, baixos, estreitos, e parceis; soltando cutelos, e varredouras, perdendo de vista com vento arrazada a popa o fatal promontorio, vos engolfais com tanta ouzadia, e soberba, ficamos sumergidos, e confuzos entre as ondas os que navegamos em barcas piquenas, e nam nos atrevemos a afastar das Costas, e Enscadadas, para irmos assim mais seguros. Mas como no mar os mais atrevidos sam os que muitas vezes quebram os fofinhos em algum, calhao desconhecido, temo muito nam vos succeda a vós o melino, pela confianfa, comque navegais. Deos nos leve a salvamento.

Nesta materia, que foi toda a vofa profifam, em que tendes escrito alguns cadernos, sem duvida ouviremos coizas mui reconditas. Sairám textos da Escritura, Tradisoens, Concilios, &c. e irá tudo razo em materia de dogma. Quem poderá duvidar disto? Mas vamos devagar, que pode ser que duvidem todos.

Reduzindo pois a vofa Critica a capitulos determinados, primeiramente dizeis, (1) *que o Critico desfaz na Teologia Especulativa, como coiza que nam é de proveito, e comesou á pouco tempo.* (2) *Que se ve o erro, em que tropefa o Critico, querendo dixer nos, que a Teologia Especulativa é moderna.* (3) *Que a Teologia Especulativa comesou no principio da Igreja, assim como a Dogmatica, que é pasmo ver a seguransa, com que este Critico afevera, que á pouco tempo comesaram a aparecer as que chama sutilezas da Escola.* (4) *Que se os PP. desviaram (como dix o Critico) Aristoteles da Teologia, nam foi da Dogmatica; logo foi da Escolastica. E daqui se infere com evidencia, que ja nese tempo avia Escolastica. Tirelhe la a prova. Sam palavras vofas.*

Daqui pois se infere com evidencia, que vos nam sabeis, que coiza é

(1) *Reflex. Apolog. pag. 48.*

(2) *Ibid. pag. 50.*

(3) *Ibid. pag. 51.*

(4) *Reflex. Apolog. pag. 52.*

za é Teologia Especulativa, nem Dogmatica. Mas aqui me parece estar ouvindo dizer aos vossos discipulos: Pode aver arrojosemilhante, como dizer a um P. Mestre em Teologia, que nam sabe que coiza é Teologia? a um Mestre tam celebre, autor publico, cujo nome voa por toda a Europa no frontispicio de livros *in folio*? Mas nam se enfademi Volas Caridades, que nam sou eu o que digo; ele mesmo foi o que o publicou nas suas propozicoens; e eu com autoridade de seu Mestre, zelo da Religiam, e confiança de amigo, poço ainda dizerlhe pior. Tenham paciencia, e vam ouvindo.

Todos os Autores modernos, que escreveram com bom metodo, examinam que coiza é Teologia, e suas divizoens: e respondem, que nam á mais que uma Teologia *adquisita*; que é aquella *Ciencia discursiva*, que das verdades reveladas tira as suas conclusoens. Esta chama-se *Positiva*, se explica os fundamentos, em que se estriba a nosa Religiam, que iam a *Escriptura*, e *Tradisam*; ou interpretando-os, ou confirmando-os, ou defendendo-os. Chama-se *Escolastica*, se explica eses mesmos fundamentos com o metodo das Escolas, e estilo *Dialetico*, confirmando ilo que diz com as outras Ciencias.

Cada uma destas Teologias se se-emprega em provar contra os Ereses os nosos dogmas, e responder aos seus argumentos, chama-se *Polemica*. Se explica o modo de reformar os costumes, chama-se *Moral*. Se dirige os nosos afetos para amarmos a Deus, como devemos, chama-se *Mistica*.

É como muitos Ereses, a saber, Luteranos, Calvinistas, Socinianos, &c. escarneceram os Teologos da Escola pelas muitas questoes ridiculas, que excitavam; os nosos Teologos para mostrar, que aqueles defeitos, nam sam proprios da Ciencia, mas dos tais Teologos, perguntam; que differença á entre a *Positiva*, e a *Escolastica*? e respondem todos, que realmente é a mesma faculdade, e a differença está no modo de explicar. A *Positiva* serve-se de um estilo mais livre, e oratorio, como fizeram os SS. PP. tratando-as materias em livros inteiros, e em diversos lugares. A *Escolastica* serve-se do metodo escolastico sucinto, e com melhor ordem. Onde conclue o Anato com estas palavras. (1) *Scholastica vero sic hodie dicta, quod in Scholis tractatur, atque discatur, eadem est in re, idemque prestat ac Positiva, diverso tamen modo, h. e. accuratius, subtilius, & ad artis Syllogistica regulas accomodatius: suasque conclusiones interdum, & per accidens, extraneis confirmans, & illustrans argumentis, ut sic facilius iis, qui de foris sunt, Catholicam persuadeat fidem; & omni poscenti de ea: qua in nobis est, fide rationem reddat.*

Daqui tira o Anato duas conclusoes, que sam corolarios do que tinha dito, e que prova extensamente, respondendo aos argumentos dos Ereses.

(1) *Apparat. ad Theolog. l. I. art. 1. p. 3.*

Erejes, é de alguns modernos. A primeira é: *Utramque Theologiam Positivam, & Scholasticam esse unam, & eandem essentialiter, scientiam, solo accidentali quodam procedendi modo diversam.* A segunda é: *Nec sufficere Theologo Positivam sine Scholastica, nec Scholasticam sine Positiva, sed utramque utilem; utramque necessariam; sufficere neutram.*

O famoso Cardial Gotti Dominicano modernissimo diz o mesmo: (1) *Scholastica Theologia sic dicta, quia in Scholis traditur, & discitur, eadem quidem est ac Positiva, (ut dicetur) sed strictiori modo, & methodo Dialectica regulis accomodatiori.... Esto autem Theologia Scholastica ex iisdem principiis procedat, ac Positiva; interdum tamen suas conclusiones confirmat extraneis argumentis, utens Scientiis inferioribus in obsequium fidei.* E mais abaixo (2) *Utraque Theologia Positiva, & Scholastica est una, eademque essentialiter, solo accidentali quodam modo procedendi diversa.* E prova isto muito extensamente.

O mesmo diz o Habert, (3) o Tournelly, (4) e o Berti, (5) que ainda vive ao presente, e escreve em Roma, e notai uma explicação importante, que elle acrescenta: *Scholastica nuncupamus Theologiam illam, qua ad Syllogisticae artis regulas se se accuratius accomodat, neque a priori (Positiva, diversa est, nisi metodo disputandi. Unde qui servato verborum delectu, & ampliori oratione sua ex Theologicis fontibus depromserit argumenta, non tam Scholasticam, quam Positivam tenere is videbitur Theologiam.* Onde se ve, que toda a differença é accidental, e mui tenue: porque a Escolastica se pode converter em Positiva, e esta em Escolastica. Da mesma forte que uma carta familiar se pode converter em silogismos, se a puzerem em forma Escolastica, sem se mudar nada na sustancia. Nam cito mais Autores, porque é coiza comua: bastando somente dizer, que nam apontareis um unico autor, que trate a questam, e a nam rezolva deste modo.

Perguntam mais os mesmos Teologos, *que idade tem a Teologia Escolastica?* e respondem que *quoad substantiam* é tam antiga como a *Positiva*, por ser a mesma: *quoad methodum* alguns vestigios vemos nos antigos, que reduziram ás materias a tratados, como Origenes, S. Agostinho em certos lugares, S. Joam Damasceno no 8. seculo, e S. Anselmo no fim do 11. Mas que o metodo, comque se trata oje, é moderno de 500. ou 600. annos a esta parte: digo, desde Pedro Lombardo, e alguma coiza depois. Assim respondeo o Tournelly, (6) o Cardial Gotti, (7) o Anst., (8) e todos os outros.

(1) *Theolog. Scholastico-Dogmat.*
tom. I. q. I. dub. I. §. 10.

(2) *Ibid. sub. 2.*

(3) *Theolog. Dogmat. & Moral.*
tom. I. cap. 2.

(4) *De Deo, & Attribut. q. I. art. 3.*

(5) *De Theologic. Disciplin. Prologom.*
cap. I. pag. 4.

(6) *Loco supra citato, pag. 4.*

(7) *Loco supra, pag. 12.*

(8) *Loco supra, art. 3. pag. 11.*

É de notar, que o P. Petavio Jezuíta começando a sua incomparavel obra, *Theologicorum Dogmatum*, diz no primeiro paragrafo, que publicava uma Teologia, *Non illam contentiosam quidem, & subtilem, qua aliquot ab hinc orta seculis, jam sola pene scholas occupavit: à quibus & Scholastica proprium sibi nomen ascrivit: verum elegantiore, & uberiore alteram, qua ad erudita Vetustatis expressa speciem, &c.* Notai bem as palavras deste autor, que é de bom nome.

Isto supposto, dois sentidos tem estas palavras *Teologia Escolastica*. O primeiro é: Teologia metodica acomodada ao estylo da Escola com argumentos, e respostas pelo modo Dialectico. E neste sentido so se distingue accidentalmente da Positiva: e neste mesmo sentido a louvam todos os autores, que apontamos. Outro sentido é: Teologia fundada nas opinioens de Aristoteles, digo das formas substanciais, e accidentais, introduzindo mil questoes de posivel inuteis, e outras coizas semelhantes, nam tratando senam uma, ou outra questam de dogma, e ainda estas mui superficialmente, e empregando todo o tempo em lozimas, e metafizicas. Esta é a comua Escolastica. E neste sentido é totalmente distinta da Positiva; e todos os melhores Teologos a condenam com o mesmo Cardinal Gotti: (1) *Quod si aliqui Scholastici, relicta Scriptura, Concilio, & PP. auctoritate, plus a quo ad rationes naturales confugiunt, non Theologia, sed Theologorum vitium est, qui Metaphysicos potius se ostendunt, quam Theologos.* É mais adiante. *Dicam absque metu: Hoc non Theologia Scholastica, sed aliquorum Theologorum vitio vertendum esse.*

Destes principios, que sam certos entre os que sabem que coiza é Teologia, segue-se evidentemente, que vós nam sabeis que coiza é *Dogmatica*, porque a supondes distinta da *Escolastica* na sustancia: como se ve na vosa pag. 50. e 51. em que attribuz à *Dogmatica se virse da Escriitura, Igreja, e Tradisam Apostolica, e defender tudo isto contra os Erejes*: e à *Especulativa* attribuz *tratar somente com a razam a solida doutrina da Igreja: e tratar com muita curiosidade, e pezo de bom discurso muitas questoes especulativas*. Como se os principios de ambas solem diferentes.

Segue-se em segundo lugar evidentemente, que nam sabeis que coiza é *Especulativa*, porque a separais da *Dogmatica* em quanto aos principios: como se a *Dogmatica* tratada com o metodo das escolas nam fosse *Escolastica*, como bem adverte o Berti.

Segue-se em terceiro lugar, que nam entendestes nada do que diz o Critico: Porqu: ele exprelamente declara, (2) que por *Teologia Escolastica* nam entende no dito lugar, nem o metodo dialectico, nem as razoens naturais, &c. (que estas com o mais sam a verdadeira *Escolastica*) mas somente a Teologia fundada sobre as formas substanciais, e accidentais: e

mais

(1) *Loco iupra, dub. 3. §. 2. n. 17.*

(2) *Tom. 2. pag. 160.*

mais abaixo diz, (1) *Lembre-se V. P. que por Escolastica entendo sempre a Teologia fundada sobre a Física, e Metafísica dos Arabes; ou da que passa com o nome de Aristoteles, que é a comua Teologia.* Se tivésseis entendido estas palavras, verieis que o Critico só condena a Escolastica Peripatetica, ou comua Escolastica. Sendo pois certo que esta nam se introduzio na Teologia, senam depois que S. Tomaz explicou a Física de Aristoteles; com razam disse o Critico, que era muito moderna.

E de um omem, que nam sabe que coiza é Dogmatica, e nem menos sabe que a Escolastica se toma em dois sentidos; e que nam leo, nem entendo o sentido, em que a toma o Critico, que se pode esperar? Este omem sem duvida criticará com os olhos fechados, e por forsa dirá muita loucura; e fingirá um inimigo imaginario; e dará murros no ar; como com efeito vós fazeis.

E assim, ou vós por ignorancia escrevestes estas coizas, e entam merecis compaixam por falardes em materia, que nam entendeis: ou advertidamente occultastes o sentido, e palavras do Critico, e sois um calumniador, e impostor, que quereis enganar o mundo com estas voças Reflexoens.

Do que fica dito bem entendido saie ja naturalmente a respostas a todas as voças propozicoens mais notaveis. Quando os PP. dos primeiros seculos desviaram Aristoteles da Teologia, foi da Teologia Dogmatica: porque ainda entam os dogmas nam estavam reduzidos a metodo Escolastico: e muito menos avia a Teologia Peripatetica, que comefou no XIII. seculo. Costumavam os primeiros PP. Ecleticos servir-se de algumas opinioens dos Filozofos, para convencerem os Etnicos, que abraçavam as tais doutrinas. Mas vendo que Aristoteles ensinava coizas contrarias á nosa Religiam, como acima disse; e que os Arrianos com a Dialectica de Aristoteles inventavam perigozos erros, (2) encomendavam muito, que se deitasse fóra da Teologia tal omem. Ouvi por todos a um dos Doutores bem informados nestas materias, e grande Filozofos, que foi Tertuliano: (3) *Miserum Aristotelem! qui Dialecticam instituit artificem struendi, & destruendi; versipellem in sententiis; coactam in conjecturis, duram in argumentis; operariam contentionum, molestam etiam sibi ipsi; omnia retractantem, ne quid omnino tractaverit.* O mesmo dizem da Dialectica dos Erejes Gregorio Niseno, (4) Gregorio Nazianzeno, (5) Ilario, (6) Ambrozio, (7) e outros.

Daqui

(1) *Ibid. pag. 162.*

(2) *Cum Dialecticam apprimè celeret (Arius) in absurdos sermones delapsus esse. Sozomenus Hist. l. 1. c. 15. Dialecticis tricis totus deditus (Eunomius) Divini Verbi rationem omnem quibusdam figuris explicabat. Epiphani.*

hæres. 76. c. 2.

(3) *Lib. de Præscript. c. 7.*

(4) *Lib. 2. adv. Eunom.*

(5) *Orat. 16.*

(6) *Lib. 12. de Trin.*

(7) *Lib. 1. de Fide, c. 3.*

Daqui se mostra evidentemente, que são falsas estas vossas proposições: (1) *Que quem não tem estudado Especulativa, não sabe dar razão de innumeráveis perguntas, que se lhe podem fazer em matéria de Religiam.* Citaes alguns textos, e concluiz, que estes são os entendem os Especulativos, e não os Dogmaticos. E logo acrescentais, (2) *que raro é o erro contra a fé, que não conheça quem for versado na Especulativa.*

Nestas proposições se vê claramente, que por *Especulativa* entendeis a *Escolastica Peripatetica*, que é o que comumente se entende por esta palavra *Especulativa*, ou *Escolastica*. Ora isto é manifestamente falso: porque os que tem estudado somente aquellas coizas, como não tem estudado os fundamentos, de que se tiram as doutrinas reveladas, não sabem que coiza é de fé, nem que coiza contra a fé; como estamos vendo nesta vossa critica. E assim só podem saber responder a questões metafisicas, totalmente inúteis, e as quais não querem saber os verdadeiros Teologos. Onde a verdadeira proposição é esta: *Que será bem raro o erro, e tal que nenhum rustico o possa ignorar, o qual conheça quem somente sabe Especulativa.*

Aqui mesmo se acha uma contradicção patente. Dizeis (3) *que os Especulativos sabem dar razão dos textos da Escritura que citaes.* E logo dizeis (4) *que a Dogmatica pura pertence explicar o sentido em que falam as Escrituras.* Isto, meu Fr. Arsenio, é contradicção.

Daqui também se segue que é falsa esta vossa proposição; (5) *Que S. Tomaz mostrou, que o sistema de Aristoteles se ajusta melhor com os dogmas da religiam. E que o santo fundado nestes mesmos principios naturais escreveu contra Gentes.* Aqui temos dois erros grandes. Primeiro: S. Tomaz não mostrou, nem podia mostrar, que o sistema de Aristoteles se unia com a nossa religiam, pois S. Tomaz não podia concordar coizas totalmente opostas. Já acima fica dito qual era o sistema de Aristoteles, e como era contrario a nossa religiam. S. Tomaz explicou as opiniões particulares; e servio-se delas nas occasiões; mas nunca do sistema. Vós não sabeis que coiza é *sistema*.

O ser queimado Aristoteles publicamente por ordem de Gregorio IX. e prohibido por mais de trezentos anos em Paris com excommuniões gravissimas pelas heresias, que produzia; (6) e condenados depois Pomponacio, Cesalpino, Cremonino, e outros por terem abraçado o puro sistema de

(1) *Reflex. Apolog. p. 49.*

(2) *Ibid. pag. 49.*

(3) *Ibid. p. 50.*

(4) *Ibid. p. 50.*

(5) *Ibid. p. 52.*

(6) *Immo, & aliis (heresibus) nondum inventis praeberere poterant, iussi sunt*

I
Aristo-
omnes (Aristotelis libri) comburi: & sub
poena excommunicationis cautum est in
eodem Concilio, ne quis eos de cetero scri-
bere, & legere praesumeret; vel quocum-
que modo haberet. Rigordus in vita Phi-
lippi Augusti apud Launoium da For-
tuna Aristotelis. c. I.

Aristoteles: isto que nam vos tinha co'ata, calastes v'os: e só falastes em Santo Tomaz. Mas nam sabieis, que S. Tomaz nam teve por fim unir Aristoteles com a Religiam; mas somente mostrar, que do tal Filozofos se podiam tirar opinioens, de que os Teologos se servissem, sem produzirem as erezias, que todos os dias naciã da sua Dialetica. Nem S. Tomaz podia ter outro fim, supostas as proibiçoens dos Papas, e Concilios dese tempo.

Isto mesmo se confirma com a istoria deses seculos: porque vemos, que os mais doutos Teologos dese tempo, como o Cardial Alliaco Cancellario Parizienſe, (1) e seu discipulo o Veneravel Gerſon tambem Cancellario, (2) e outros muitos declamaram sempre contra a introduſam destas Filozofias na Teologia, pelos danos que produziam todos os dias. E que a mesma Faculdade Parizienſe acuzando Fr. Joam de Monteſono Dominicano a Clemente VII. na sua obediencia ao Pontifice Maximo, poem a culpa destes erros aos que introduziram Aristoteles na Teologia: e especialmente diz que S. Tomaz pecara contra o decreto de Gregorio IX. (o que eu nam creio, pois tenho boa razam para julgar, que teve licenſa ou tacita, ou expresa) e que a tal Teologia se devia reformar. (3) E sempre é

ver-

(1) *No livro que escreveo contra Pseudo-Postores.*

(2) *Deinde cur ob aliud appellantur Theologi nostri temporis Sophista, Verboſi, & Phantastiſci, nisi quia relictis utiſſimis, & intelligibilibus pro auditorum qualitate, transferunt se ad nudam Logicam, vel Metaphysicam, aut etiam Mathematicam: ubi, & quando non oportet, nunc de intensiõne formarum, nunc de divisiõne cõtinui, nunc detegentes sophismata Theologicis terminis obumbrata; nunc prioritates quasdam in Divinis, mensuras, durationes, instantia, signa naturæ, & similia in medium adducunt: quæ, etsi vera essent, & solida, sicuti non sunt; ad subversionem tamen magis audientium, vel irrisiõnem, quam ad rectam fidei adificationem sæpe proficiſcitur. Gerſon Lect. 8. in Marcum. E o mesmo Autor no Exame doctrinarum prefere S. Boaventura a todos os mais, como menos sujeito aos ditos defeitos.*

(3) *In omnibus (inquit Facultas) etiam arduissimis Fidei articulis, ipse*

(D. Thomas) utitur dictis Aristotelis, & immiscet ejus Philosophiam doctrinæ Fidei, sicuti patet cuilibet intuenti. Hoc autem præbet occasionem errandi, cum ipse dicat, quod authoritates Philosophorum sunt argumenta extranea doctrinæ sacra. E no fim. Nec apparet istud mirabile, si S. Thomaz in hac doctrina erravit: quia, ut dicunt, non loquitur ibi Theologicæ, cum nullum Scripturæ, aut SS. autoritatem inducat. Sed solum Philosophicæ & secundum rationes naturales. Hoc autem in doctrinæ Theologica præstat occasionem errandi... Unde dicunt etiam, quod inter terminis Philosophiæ & naturalibus principiis in eodem loco c. 15, erravit manifeste... Dicunt etiam quod in pluribus locis doctrinæ sacra ipse erravit, per hoc quod principia Philosophiæ, seu quasdam Philosophorum verba ad conclusiones Theologiæ nimis applicavit. In Corollar. 1. probat. 1. concl. 3. c. 3. apud Læunoium de fortuna Arist. c. 1. 2.